



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EDUARDO BAPTISTA AMORIM

**Os silêncios, os silenciamentos e a cobertura midiática
da Copa do Mundo em Pernambuco**

**RECIFE
2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EDUARDO BAPTISTA AMORIM

**Os silêncios, os silenciamentos e a cobertura midiática
da Copa do Mundo em Pernambuco**

Dissertação apresentada para
obtenção do grau de Mestre em
Comunicação no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da
Universidade Federal de
Pernambuco, sob orientação da
professora Doutora Carolina Dantas
Figueiredo

**RECIFE
2017**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

A524s Amorim, Eduardo Baptista
Os silêncios, os silenciamentos e a cobertura midiática da Copa do Mundo em Pernambuco / Eduardo Baptista Amorim. – Recife, 2017.
154 f.: il., fig.

Orientadora: Carolina Dantas Figueiredo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Comunicação, 2018.

Inclui referências e anexos.

1. Megaeventos. 2. Arqueologia. 3. Silêncios. 4. Silenciamentos. 5. Fotografia. I. Figueiredo, Carolina Dantas (Orientadora). II. Título.

302.23 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2018-41)

Eduardo Baptista Amorim

**TÍTULO DO TRABALHO: OS SILÊNCIOS, OS SILENCIAMENTOS E A
COBERTURA MIDIÁTICA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 24/03/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Dantas de Figueiredo (orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Cristina Teixeira Vieira de Melo (membro interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Russel Parry Scott (membro externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu pai, Fred Amorim (*in memoriam*)

Saudade até que é bom...

AGRADECIMENTOS

A ideia desta dissertação não teria surgido sem o envolvimento das moradoras e dos moradores do Loteamento São Francisco. Deixo registrada minha profunda tristeza por não termos conseguido coletivamente mudar a história das injustas remoções ocorridas em Pernambuco e minha gratidão eterna pela recepção acolhedora das famílias, dentro de suas casas, mesmo em momentos tão dolorosos.

Agradeço o apoio incondicional de toda a minha família durante cada instante da pesquisa e da cobertura do Mundial de 2014, especialmente à minha esposa Lorena Maniçoba, à minha mãe Inalda Neves Baptista, ao meu enteado Guilherme Maniçoba Brito e ao meu filho Francisco Costa Lima Amorim, que souberam estar presentes e também perceber os momentos em que precisei me ausentar. À minha orientadora, Professora Doutora Carolina Dantas Figueiredo, por acreditar, desde o primeiro momento neste projeto, pelos ensinamentos, pelos conhecimentos compartilhados e pela amizade. Meu obrigado também aos demais membros do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

À equipe do PPGCOM da UFPE, pela eficiência e dedicação. Aos colegas da turma do mestrado pelo apoio nas dificuldades que compartilhamos. Aos amigos que fizeram o blog *Mídia Capoeira* e a exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco*, a Andrea Luna e a todas as pessoas que não abandonaram o Comitê Popular da Copa de Pernambuco, por me mostrarem a complexidade da luta política nos nossos dias. Aos membros das equipes das pesquisas *Uma Arena para Pernambuco: impactos e avaliações de vizinhos, beneficiados e atingidos*, do Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES-UFPE), e *Metropolização e Megaeventos: os impactos da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016*, do Observatório das Metrôpoles. Pelos caminhos que traçamos paralelamente e pelas trocas.

Aos colegas de trabalho do Centro Sabiá e do PorAqui por toda a compreensão que tiveram. E aos companheiros do Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, do Fopecom e a todos que acreditam na luta pelo Direito à Comunicação como instrumento fundamental na construção de um país mais democrático.

“Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada, a minha aldeia estava morta.
Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a nuvem de calça.
Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski
– seu criador.
Fotografei a nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa
Mais justa para cobrir sua noiva.
A foto saiu legal”.

(Manoel de Barros)

RESUMO

Os megaeventos aconteceram no Brasil em um período de grandes turbulências políticas e também de mudanças na comunicação. A partir de um olhar de alguém que atuou na cobertura da Copa do Mundo, a presente pesquisa tenta identificar, na cobertura do Mundial de 2014 em Pernambuco, elementos que mostram como foram utilizados os silenciamentos pela imprensa e em que situações o silêncio se efetivou. O trabalho se enquadra na perspectiva da arqueologia do saber proposta por Foucault, enquanto uma revisão histórica do papel da mídia na construção social, com especial atenção às remoções e aos impactos negativos dos gastos públicos nas populações que moravam em áreas afetadas pelo estádio e pelas obras de mobilidade na Região Metropolitana do Recife. As imagens reunidas na exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco* são utilizadas para se aproximar do silêncio fundador proposto por Orlandi e, assim, reunir documentos que possam se contrapor aos textos, às fotos e aos vídeos que representam a cobertura realizada pela grande mídia sobre o Mundial de 2014 em Pernambuco.

Palavras-chave: Megaeventos. Arqueologia. Silêncios. Silenciamentos. Fotografia.

ABSTRACT

The mega events happened in Brazil during a period of great political turbulence and also of changes in communication. From a look of someone who worked in the coverage of the World Cup, this research tries to identify in the coverage of the World Cup 2014 in Pernambuco elements that show how the silence was used by the press and in what situations the silence became effective. The work fits in the perspective of the archeology of knowledge proposed by Foucault, while a historical review of the role of the media in social construction, with special attention to the removals and negative impacts of public spending on populations living in areas of the Metropolitan Region of Recife affected by the stadium and roads and mobility works. The images gathered in the exhibition *The silences of the coverage of the World Cup in Pernambuco* are used to approach the founding silence proposed by Orlandi and thus gather documents that may oppose the texts, photos and videos that represent the coverage made by the media about the 2014 World Cup in Pernambuco.

Keywords: Mega events. Archeology. Silences. Silencing. Photography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – RETRATO 1 DE MANOEL SEBASTIÃO DA SILVA (FOTO: EDUARDO AMORIM).....	33
FIGURA 2 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – RETRATO 2 DE MANOEL SEBASTIÃO DA SILVA (FOTO: EDUARDO AMORIM)	33
FIGURA 3 – CRIANÇAS JOGAM UMA PELADA NO ACOSTAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO RAMAL DA COPA, EM CAMARAGIBE (FOTO: ZACHARY CANEPARY)	57
FIGURA 4 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PROTESTO DOS REMOVIDOS PELAS OBRAS DA COPA EM CAMARAGIBE (FOTO: JOÃO VELOZO)	71
FIGURA 5 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PROTESTO DOS REMOVIDOS PELAS OBRAS DA COPA EM CAMARAGIBE (FOTO: JOÃO VELOZO)	72
FIGURA 6 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – FUMAÇA E PNEUS QUEIMANDO NA AVENIDA BELMINO CORREA (FOTO: JOÃO VELOZO)	72
FIGURA 7 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – DETALHE DE CASA DEMOLIDA E ÔNIBUS PASSANDO (FOTO: JOÃO VELOZO)	73
FIGURA 8 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – MOBILIDADE E DESTRUIÇÃO EM CAMARAGIBE (FOTO: JOÃO VELOZO)	73
FIGURA 9 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – SANTA DEIXADA EM CASA DE UM DOS REMOVIDOS PELAS OBRAS DA COPA EM CAMARAGIBE (FOTO: JOÃO VELOZO)	74

FIGURA 10 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – INSCRIÇÕES RELIGIOSAS EM PAREDES DE PRÉDIO DE MORADIA DE IDOSOS (FOTO: ANDERSON FREIRE)	75
FIGURA 11 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – INSCRIÇÕES RELIGIOSAS EM PAREDES DE IMÓVEL DO LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO (FOTO: ANDERSON FREIRE) ...	75
FIGURA 12 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – SÉRIE NÓS VALEMOS MAIS 1 (FOTO: ANDERSON FREIRE)	76
FIGURA 13 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – SÉRIE NÓS VALEMOS MAIS 2 (FOTO: ANDERSON FREIRE)	77
FIGURA 14 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – SÉRIE NÓS VALEMOS MAIS 3 (FOTO: ANDERSON FREIRE)	78
FIGURA 15 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – ADESIVO DEIXADO NAS PAREDES DAS CASAS MARCADAS PARA SEREM DEMOLIDAS (FOTO: ANDERSON FREIRE)	79
FIGURA 16 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PEDREIRO OBSERVA DESTRUIÇÃO DO LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO (FOTO: ANDERSON FREIRE)	79
FIGURA 17 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – ENTULHOS DEIXADOS NO TERRENO DO LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO (FOTO: ANDERSON FREIRE)	80
FIGURA 18 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – CAMINHÃO DE MUDANÇAS NA PORTA DE RESIDÊNCIA (FOTO: ANDERSON FREIRE)	80
FIGURA 19 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – TRATOR KOMATSU TRABALHANDO EM OBRAS DA COPA (FOTO: ANDERSON FREIRE)	81

FIGURA 20 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – EX-MORADOR DO LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO VIVE ATÉ HOJE EM OFICINA MECÂNICA (FOTO: ANDERSON FREIRE)	81
FIGURA 21 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PROTESTO DOS REMOVIDOS DO LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO (FOTO: EDUARDO AMORIM)	82
FIGURA 22 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – RUAS DO LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO JÁ SEM CASAS (FOTO: EDUARDO AMORIM)	82
FIGURA 23 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – JERONIMO SEBASTIÃO DE OLIVEIRA, UMA DAS REFERÊNCIAS DO BAIRRO (FOTO: EDUARDO AMORIM)	83
FIGURA 24 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – ANDRÉA LUNA E JERONIMO SEBASTIÃO DE OLIVEIRA (FOTO: EDUARDO AMORIM)	83
FIGURA 25 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PROTESTO NO DIA 15 DE MAIO DE 2014 1 (FOTO: EDUARDO AMORIM)	84
FIGURA 26 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PROTESTO NO DIA 15 DE MAIO DE 2014 2 (FOTO: EDUARDO AMORIM)	84
FIGURA 27 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PROTESTO NO DIA 15 DE MAIO DE 2014 3 (FOTO: EDUARDO AMORIM)	85
FIGURA 28 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – DESAPROPRIADOS FAZEM FILA PARA SEREM RECEBIDOS PELA DEFENSORA PÚBLICA NO FÓRUM DE CAMARAGIBE (FOTO: EDUARDO AMORIM)	85

FIGURA 29 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – OUTDOOR DA COPA DO MUNDO (FOTO: EDUARDO AMORIM)	86
FIGURA 30 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – OUTDOOR DA COPA DO MUNDO 2 (FOTO: EDUARDO AMORIM)	86
FIGURA 31 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – SEU ARTHUR FOI DESAPROPRIADO DE SUA CASA E PERDEU TAMBÉM SUA BARRACA DE COMÉRCIO (FOTO: EDUARDO AMORIM)	87
FIGURA 32 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – A CRUZ REPRESENTA O CALVÁRIO E A DOENÇA DAS PESSOAS DESSE LUGAR E É A MORTE ANUNCIADA DA NOSSA CIDADE. OBJETO DEIXADO PELO ARTISTA E FOTÓGRAFO BETO FIGUEIROA (FOTO: EDUARDO AMORIM)	88
FIGURA 33 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO EM PERNAMBUCO – PAULA MOSTRA RESIDÊNCIA DO SOGRO (FOTO: EDUARDO AMORIM)	89
FIGURA 34 – SEU RAMOS, DESAPROPRIADO DO RAMAL DA COPA, FALECIDO APÓS O TORNEIO (FOTO: EDUARDO AMORIM)	89
FIGURA 35 – PRINT DE CENA DO CURTA <i>LIMPANDO A ÁREA</i> , PRODUZIDO PELO FAGES-UFPE.	98
FIGURA 36 – EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA EM PERNAMBUCO – TRECHO DO RAMAL DA COPA (FOTO: ANDERSON FREIRE).....	107
FIGURA 37 – REPRODUÇÃO DE FOTO DO BLOG DE JOÃO ALBERTO CRÉDITO: DIVULGAÇÃO.....	108
FIGURA 38 – REPRODUÇÃO DE FOTOGRAFIA DO PORTAL G1 CRÉDITO: KATHERINE COUTINHO.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

AESO – FACULDADES INTEGRADAS BARROS MELO

ANJ – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

ANCOP – ARTICULAÇÃO NACIONAL DOS COMITÊS POPULARES DA COPA

BRT – BUS RAPID TRANSIT

CFCH-UFPE – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFPE

EBC – EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO

FAGES-UFPE –NÚCLEO DE FAMÍLIA, GÊNERO E SEXUALIDADE DA UFPE

FOCCA – FACULDADE DE OLINDA

MOE – MOVIMENTO OCUPE ESTELITA

ONG – ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

PGE – PROCURADORIA GERAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO

PSB – PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

PT – PARTIDO DOS TRABALHADORES

PC DO B – PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

PSDB – PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA

SECOPA – SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DA COPA

SEDES – SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DAS DESAPROPRIAÇÕES

SEI – SISTEMA ESTRUTURAL INTEGRADO

TIE – THE INTERNATIONAL EXCHANGE

UFPE – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

UNICAP - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

UPE – UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 POR UMA REVISÃO DOS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS AOS MEGAEVENTOS NO BRASIL	
2.1 SOBRE SILÊNCIOS, POLÍTICAS DO SILÊNCIO E SILENCIAMENTOS	36
2.2 A COPA DO MUNDO, OS MEGAEVENTOS E A POLÍTICA	46
2.3 UMA COMUNIDADE CHAMADA LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO	60
3 OUTROS OLHARES SOBRE A COBERTURA DA COPA EM PERNAMBUCO	
3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	67
3.2 UM CENÁRIO POUCO VISTO	71
3.3 O AUDIOVISUAL, A COPA E O DISCURSO DOS GESTORES PÚBLICOS	95
4 A COBERTURA DA MÍDIA PERNAMBUCANA SOBRE A COPA DE 2014	
4.1 MAQUETE E VAZIOS NA IMPRENSA DE PERNAMBUCO	101
4.2 QUEM SÃO OS REMOVIDOS E COMO FORAM APRESENTADAS AS OBRAS DE MOBILIDADE DA COPA?	112
4.3 A COBERTURA DOS PROTESTOS RELACIONADOS À COPA EM PERNAMBUCO	118
5 CONCLUSÃO	128
REFERÊNCIAS	138
ANEXO A – OFÍCIO DE DENÚNCIA À PROCURADORIA GERAL DO ESTADO DE MAL USO DE TERRENO PÚBLICO	141
ANEXO B – NOTA DE REPÚDIO AO PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER E À TV GLOBO	146
ANEXO C – NOTA PÚBLICA DA FRENTE EM DEFESA DA EBC E DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA	148
ANEXO D – DEMAIS IMAGENS DA EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA EM PERNAMBUCO	150

1 INTRODUÇÃO

Responsável por uma das maiores audiências da televisão mundial de todos os tempos¹, a Copa do Mundo de 2014 foi um argumento fortemente utilizado para justificar mudanças na organização/urbanização das cidades em que foram realizadas suas partidas. Em Pernambuco, foi pretexto para desapropriações, construção de um novo estádio e diversas obras viárias. Esta pesquisa abordará os silêncios da cobertura midiática e tentará contrapor esse discurso ao que foi registrado por militantes que acompanharam os impactos nas comunidades do entorno da Arena Pernambuco, afetadas pelas obras do estádio, pelo projeto Cidade da Copa e por investimentos em mobilidade com justificativa de atender ao público do megaevento.

Os protestos que marcaram as “jornadas de junho de 2013”² tiveram, entre seus principais temas, o Mundial de 2014 e os gastos realizados pelo poder público para realização dos megaeventos no Brasil. A Copa do Mundo, como não poderia deixar de ser, esteve no foco das atenções mundiais e foi certamente o maior evento midiático que já aconteceu no Nordeste do Brasil.

No entanto, quase três anos depois do Mundial de 2014 ter terminado, ainda há muitas questões a se discutir relacionadas aos gastos públicos e à cobertura midiática do torneio da Fifa. É preciso entender, por exemplo, que tipos de abordagens foram transmitidas para o grande público a respeito das relevantes questões sociais trazidas pelas obras do megaevento para as cidades-sede. No caso do Recife – a Arena de Pernambuco³, local dos jogos no Estado, está

¹Más de tres mil millones de telespectadores vieron el Mundial de 2014 en Brasil. Disponível em: <<http://es.fifa.com/worldcup/news/y=2015/m=12/news=mas-de-tres-mil-millones-de-telespectadores-vieron-el-mundial-de-2014--2745549.html>> Acesso em: 19 de setembro de 2016

²

Em todo o Brasil, jovens saíram às ruas para protestar em mobilizações que foram consideradas as maiores realizadas no país desde a redemocratização. “Após entrar na pauta internacional, mais pelos protestos do que pelo torneio de futebol, o país continuou gerando reportagens que destrinchavam as queixas nacionais. Nesse ponto, o amplo uso da internet pelas populações dos centros urbanos do Brasil teve uma importância de destaque, especialmente pela produção de vídeos, fotos e textos com narrativas diferentes das apresentadas pela imprensa nacional e defendidas pelos governantes. Com a rede, essas informações logo se espalharam não apenas pelo Brasil, mas pelo mundo” (PAULA; BARTELT, 2014, Pág. 14)

³

Inicialmente chamado de Arena Pernambuco, o estádio chegou a ter acordo de *namings rights* firmado e passou a se chamar Itaipava Arena Pernambuco, mas em 2016 passou a ser controlado pelo Governo do Estado e passou a ser denominado Arena de Pernambuco.

localizada na cidade de São Lourenço da Mata, que fica na Região Metropolitana do Recife, fato que gera algumas especificidades relacionadas à capital pernambucana. Dois coordenadores da pesquisa nacional do Observatório das Metrôpoles, Orlando Alves do Santos Júnior e Christopher Gaffney, na Apresentação do livro *Recife: os impactos da Copa do Mundo de 2014*, afirmam:

“os megaeventos esportivos no Brasil estão associados à implementação de grandes projetos urbanos e vinculados a projetos de reestruturação das cidades. Desta forma, não é possível separar a Copa do Mundo e as Olimpíadas dos projetos de cidade que estão sendo implementados. E isso se traduz no próprio orçamento que foi disponibilizado e nos investimentos realizados. A análise da pesquisa até o momento confirma a hipótese inicial de que, associado aos megaeventos, estaria em curso o que pode ser chamado de “nova rodada de mercantilização” das cidades, traduzida na elitização das metrópoles brasileiras associada à difusão de uma certa governança urbana empreendedorista de caráter neoliberal e do fortalecimento de certas coalizões urbanas de poder que sustentam esse mesmo projeto. (JÚNIOR, O. A. S; GAFFNEY, C. Apresentação IN RAMALHO, 2015, Págs. 7 e 8)

Em 2015, a Polícia Federal realizou, em Pernambuco e em outros cinco Estados, a Operação Fair Play⁴, para investigar denúncias de superfaturamento nas obras da Arena de Pernambuco. “Segundo a PF, a empreiteira foi autorizada a elaborar, sem licitação, o projeto básico da obra e omitiu informações”, relata a revista Carta Capital. A investigação em torno do estádio nos dá pistas de que efetivamente pode ter acontecido aqui o tipo de coalizão entre empresariado e poder público, relatado pelos autores como uma prática comum na “nova rodada de mercantilização” das cidades.

Entendemos que é possível discutir o silêncio através das fissuras, dos traços deixados e que precisam ser coletados e analisados para se tornarem um discurso organizado. Mas, antes de entrar na perspectiva teórica com a qual encaramos a questão do silêncio e dos silenciamentos ou mesmo no corpus no qual tentaremos basear nossa pesquisa, acredito que é importante explicar a motivação que me fez querer entender mais os efeitos sociais causados pelas obras.

Acredito que seja necessário esclarecer que, apesar desta pesquisa propriamente dita ter sido iniciada no primeiro semestre de 2015, a sensibilização para a temática abordada aqui foi um processo anterior, iniciado durante o período

⁴Operação Fair Play investiga estádio da Copa. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/operacao-fair-play-investiga-estadio-da-copa-794.html>> Acesso em 30 de janeiro de 2017

de minha atuação como correspondente de Esportes do Portal Terra em Pernambuco, entre fevereiro de 2011 e janeiro de 2015. A partir de minha atuação profissional, tive contato com o tema das remoções decorrentes das obras da Copa do Mundo no meu Estado e emocionei-me com a história de algumas famílias. Diante das adversidades constatadas, fui levado a adotar uma atuação militante, inicialmente como participante do Comitê Popular da Copa de Pernambuco. Depois, às vésperas do Mundial de 2014, criei, com ajuda de alguns amigos, jornalistas, fotógrafos, designers e artistas, o blog Mídia Capoeira⁵ e produzi a exposição fotográfica que será destacada posteriormente.

Portanto, é necessário, antes de tentar abordar o silêncio e os silenciamentos no maior evento futebolístico do mundo, fazer um breve relato dessa vivência, iniciada em 2011. Único jornalista contratado para fazer a cobertura de Esportes em Pernambuco pelo Portal Terra (empresa controlada, na época, pela espanhola Telefonica), tive, durante todo esse tempo, como uma das minhas principais tarefas, acompanhar as obras do estádio, da Cidade da Copa e de mobilidade relacionadas ao Mundial de 2014. Às vésperas da Copa das Confederações, em 2013, deparei-me com um dos acontecimentos que iriam mudar minha forma de enxergar o Mundial de 2014.

Pautado pela redação do Terra em São Paulo para descrever o que havia no bairro da Arena de Pernambuco⁶, cheguei a considerar que teria dificuldades para descrever o vazio urbano naquilo que o poder público descrevia, nas coletivas, como uma área antes rural e praticamente abandonada. Iniciei a pesquisa justamente pelo Restaurante Bode do Mundinho e, já ali, soube de um fato que, de imediato, considerei extremamente relevante: cerca de 400 famílias teriam sido removidas em São Lourenço da Mata para as obras do estádio e de uma ainda não iniciada Cidade da Copa.

Anunciada antes do Mundial de 2014 pelos seus defensores como a primeira Smart City da América Latina (SOUZA; BITOUN, 2015), a Cidade da Copa parece

⁵Disponível em: <www.midiacapoeira.wordpress.com> Acesso em: 2 de janeiro de 2017

⁶Clima de interior, cabras e grilagem: conheça os arredores da Arena Pernambuco. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/clima-de-interior-cabras-e-grilagem-conheca-os-arredores-da-arena-pe,630444298e00e310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

ter deixado de ser interessante e hoje já quase não se fala na construção dos residenciais, na transferência da Universidade de Pernambuco (UPE) para o município de São Lourenço da Mata. Por outro lado, também pouco se discute publicamente a tentativa de doação do terreno pelo poder público, aprovada pela Assembleia Legislativa⁷ e que teria como contrapartida o investimento feito pelo Consórcio Arena Pernambuco na criação desse bairro modelo.

A importância da realização de megaeventos esportivos vem crescendo ao longo dos anos e, mais significativamente, a partir da experiência de Barcelona em 1992 – no que tange à reestruturação urbana de certas localidades. Marcados pelos grandes projetos urbanos, os megaeventos tornaram-se, por vezes, a motivação principal (se não únicas) para incentivar grandes investimentos, seja em infraestruturas essenciais, seja em grandes estruturas, por vezes, incompatíveis com as necessidades locais, como nos casos das grandes arenas esportivas, obsoletas após a realização dos mundiais. (RAMALHO, A. M. F.; MELLO, G. M. S.; CAVALCANTI, M. A. H., A vez do oeste metropolitano: planejamento ou oportunidade? Breve leitura sobre o planejamento Oeste da Região Metropolitana do Recife in SOUZA; BITOUN, 2015, Pag. 516)

No dia 24 de maio de 2013, foi publicada pelo Terra a reportagem com o relato de Edmundo Severino de Lima, proprietário do restaurante Bode do Mundinho. O título: *Clima de interior, cabras e grilagem: conheça os arredores da Arena Pernambuco*. O texto, no entanto, não revela a importância pessoal que teve a conversa com o proprietário do empreendimento. As poucas linhas que dediquei à história de superação de um empresário que foi removido e teve de lutar muito para continuar a atuar nas proximidades do estádio não revelam o quanto aquela história me sensibilizou e gerou a curiosidade para procurar as pessoas que estavam tendo de deixar suas casas ou seus pequenos empreendimentos para dar lugar às obras da Copa do Mundo. De certa forma, aquele momento marcou o início da minha percepção de como o megaevento foi utilizado para respaldar uma série de gastos públicos e de alterações que geraram fortes impactos nas comunidades atingidas por essas obras.

A partir daquele momento, passei a notar mais fortemente as evidências dos silenciamentos no Mundial de 2014. Como fortes emoções marcaram esse período de atuação profissional como correspondente do portal Terra e posteriormente como ativista que acompanhou as principais pautas relacionadas ao Mundial em

⁷O cartel e o terreno da arena. Nova crise com o projeto da Cidade da Copa. Disponível em: <<http://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jcnegocios/2016/12/06/o-cartel-e-o-terreno-da-arena-nova-crise-com-o-projeto-da-cidade-da-copa/>> Acesso em: 2 de janeiro de 2017

Pernambuco, percebi, portanto, a necessidade de um período de maturação para analisar um quadro que certamente foi importante na minha vida e que passa a ser desenvolvido mais de dois anos após o Mundial de 2014. Afinal:

O papel do analista é o de observar à distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar. Apresentar como verdade absoluta uma explicação relativa e acreditar nela seria arrogância. Fazê-lo sem acreditar seria cinismo. Entretanto, entre arrogância e cinismo, há lugar para uma atitude que, sem ignorar as convicções fortes, procure compreender os fenômenos, tente descrevê-los e proponha interpretações para colocá-los em foco no debate social (Charaudeau, 2012, p. 17).

Portanto, acredito que seja importante para facilitar o entendimento do texto a seguir, explicar que acredito que as grandes obras de desenvolvimento muitas vezes cumprem um papel como meios de propagação ideológica ou política. E que os silêncios e silenciamentos em relação aos impactos negativos desses gastos realizados pelo poder público, no caso da Copa do Mundo, podem ter tido como um dos objetivos proteger os gestores e empresários responsáveis pelas obras. Há denúncias, inclusive, de um cartel organizado para comandar os investimentos públicos em algumas das sedes do torneio, incluindo as obras em Pernambuco⁸.

O silenciamento de temas dentro da cobertura do Mundial foi um aspecto que nos intrigou inicialmente pelo autor ter sido constrangido no exercício da profissão de jornalista. Naquele período, durante a troca de informações com integrantes de duas pesquisas realizadas em Pernambuco sobre o Mundial, entendemos que estudos acadêmicos e o trabalho de militantes ao criar uma narrativa em paralelo à discussão predominante na mídia poderiam estar evidenciando também alguns aspectos pouco ou não abordados sobre algumas das temáticas relacionadas ao Mundial de 2014.

No caso da Arena de Pernambuco e das obras viárias da Copa do Mundo no Estado, é importante tentar entender quem estava sendo empreendedor e a respeito de quê. Afinal, o poder real de reorganização da vida urbana muitas vezes está em outra parte, além do governo (Harvey, 2001). Ou seja, para o autor, uma coalizão de forças mais ampla, em que o governo e a administração urbana desempenham papel secundário, comanda esse tipo de atividade. Harvey destaca três aspectos

⁸Andrade Gutierrez delata cartel em estádios da Copa 2014, incluindo Arena Pernambuco. Disponível em: <<http://jc.ne10.uol.com.br/blogs/pingafogo/2016/12/05/andrade-gutierrez-delata-cartel-em-estadios-da-copa-2014-incluindo-arena-pernambuco/>> Acesso em: 2 de janeiro de 2017

desse modelo: as parcerias público-privadas como forma de atrair e buscar fontes externas de financiamento; que a atividade da parceria público-privada é empreendedora e especulativa, portanto sujeita a todos os obstáculos e riscos associados ao desenvolvimento especulativo, ao contrário do desenvolvimento racionalmente planejado e coordenado; e que o empreendedorismo enfoca mais a economia política do lugar do que o território. Nesse tipo de “planejamento”, portanto, é comum se priorizar o investimento e o desenvolvimento econômico, por meio da construção especulativa do lugar, em vez da melhoria focada nas pessoas que moram ou utilizam aqueles espaços.

Em 2013, no período da Copa das Confederações, fiz uma série de reportagens questionando aspectos críticos em relação à infraestrutura da cidade⁹, especialmente de mobilidade¹⁰, à dificuldade para as seleções chegarem aos centros de treinamentos¹¹ e também sobre o desrespeito aos consumidores do evento¹² e aos comerciantes que se prepararam para atuar nos dias de jogos¹³.

Após o torneio preparatório, destacaria que a Agência Pública de Jornalismo Investigativo fez uma reportagem revelando o drama de uma família do bairro de Cosme e Damião a ser removida para obras do Mundial¹⁴. Depois de ler essa reportagem e percebendo que as remoções não estavam sendo percebidas pela imprensa na sua totalidade e, sim, em pontos localizados, iniciei a busca pelos números corretos de remoções para as obras que estavam sendo realizadas sob a

⁹Para especialista: localização da Arena Pernambuco foi um erro. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/para-especialista-localizacao-da-arena-pernambuco-foi-um-erro,82135a899bc8f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹⁰Torcedores se aventuram de bicicleta em rota Recife-Arena Pernambuco. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/torcedores-se-aventuram-de-bicicleta-em-rota-recife-arena-pernambuco,f09764880a15f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹¹Uruguai encara estrada de terra para chegar a local de treinamento. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/uruguai-encara-estrada-de-terra-para-chegar-a-local-de-treinamento,2cccc12ec044f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹²Em noite de torcedor, repórter expõe problemas em organização da Fifa Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/em-noite-de-torcedor-reporter-expoe-problemas-em-organizacao-da-fifa,7c066831ba16f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹³Fim do Arraiá das Confederações tem insatisfação do público no Recife. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/,e711d1b33768f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹⁴Você sabe lá o que é abrir mão de uma vida? Disponível em: <<http://www.apublica.org/2013/08/voce-sabe-la-e-abrir-mao-de-uma-vida/>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

alegação de que estariam sendo feitas para melhorar a estrutura da cidade no sentido de receber os turistas que viriam ao Recife para o Mundial de 2014.

No segundo semestre de 2013, passei a acompanhar a mobilização de moradores para evitar as remoções em bairros como o Coque (Recife), Viana, Cosme e Damião e e no Loteamento São Francisco (Camaragibe)¹⁵. Publiquei reportagem, com base em números do Governo do Estado, estimando em mais de 2 mil o número de famílias removidas para a Copa do Mundo¹⁶. A primeira reportagem do Terra em Pernambuco abordando os estudos acadêmicos sobre megaeventos foi realizada durante o encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em julho de 2013¹⁷, quando tive oportunidade, pela primeira vez, de entrevistar o professor Doutor Russel Parry Scott.

Durante os dias 29 e 30 de agosto de 2013, participei do I Seminário Metropolização e Megaeventos: Impactos da Copa de 2014 na Região Metropolitana do Recife/PE, organizado pelo Observatório das Metrôpoles na UFPE. Se já havia me chamado a atenção o trabalho do professor Doutor Russel Parry Scott, passei a conhecer mais profundamente ali o trabalho também do grupo que era coordenado nacionalmente pelo professor Orlando Alves dos Santos Júnior, da UFRJ. Ambos tiveram papel importante na decisão de continuar estudando o fenômeno que acompanhei enquanto repórter. Particularmente, sensibilizou-me muito o fato de o antropólogo ter previsto a repetição dos diversos passos que ele havia acompanhado na eliminação dos direitos dos removidos para a hidrelétrica de Itaparica, na década de 1980, também durante o processo das remoções para as obras relacionadas à Copa do Mundo de 2014.

O próprio tema deste estudo, é uma nova perspectiva em relação a uma preocupação que já estava nos estudos de Scott: “O fato de o governo do Estado não fornecer o número de desapropriações da Região Metropolitana do Recife

¹⁵PE: Famílias afetadas pela Copa querem reunião com Eduardo Campos. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/pe-familias-afetadas-pela-copa-querem-reuniao-com-eduardo-campos,7a7f1ec31a810410VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹⁶Mais de 2000 famílias são removidas por obras da Copa em PE. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/mas-de-2000-familias-sao-removidas-por-obras-da-copa-em-pe,4cfb2688e59b0410VgnVCM400009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹⁷SBPC discute gastos e investimentos na Copa do Mundo. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/sbpc-discute-gastos-e-investimentos-na-copa-do-mundo,ae18d475ad710410VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

evidencia os discursos silenciados e mascara os impactos das obras de mobilidade para a Copa do Mundo de 2014” (SCOTT, R. P.; MOURA, A. B. M.; LEMOS JUNIOR, J. R., 2014).

Fui também convidado, por diversas vezes, para participar de aulas ou palestras em universidades e faculdades de Comunicação, Direito e até Geografia da Região Metropolitana do Recife (UFPE, UPE, Universidade Católica de Pernambuco, AESO, Faculdade Joaquim Nabuco, Focca) para falar sobre as remoções ou a cobertura do Mundial de 2014. Outro fato que me deixou com a impressão de que o estudo poderia ter valor acadêmico e também social foi que, em cada um desses encontros, se repetiu o fato de que a maioria dos estudantes e mesmo professores não sabia nada sobre os removidos ou, se sabia, muitas vezes deixava claro que lembrava de reportagens do blog Mídia Capoeira, do portal Terra ou das redes sociais do Comitê Popular da Copa ou era morador de Camaragibe.

Em outubro de 2013, teve início uma campanha pelas redes sociais para denunciar as remoções da Copa em Pernambuco, realizada por uma publicitária inglesa, Sarah Walker, e por alunos do curso de Publicidade da AESO (Faculdades Integradas Barros de Melo)¹⁸. Cheguei a participar de uma reunião com a equipe da ONG TIE, que promoveu o intercâmbio profissional que trouxe a publicitária de Londres. Mas, na prática, não tive envolvimento no processo criativo e acredito que a campanha não teve continuidade por também não ter havido envolvimento do grupo que participava do Comitê Popular da Copa e de iniciativas como a Copa Favela. Com o mote #NósValemosMais, a publicitária e os alunos do laboratório de comunicação da instituição tentaram utilizar fotos e memes para dar visibilidade às remoções, com foco especialmente nas demolições que estavam começando a acontecer no bairro do Loteamento São Francisco, em Camaragibe.

Em 2013, já havia começado a acompanhar como repórter as ações do Comitê Popular da Copa de Pernambuco, inicialmente realizando coberturas. Depois, participando de reuniões e acompanhando com o olhar dividido entre a militância e o trabalho profissional as visitas dos relatores da Plataforma Dhesca ao Estado¹⁹, realizada em novembro, e também da então relatora da ONU para o Direito

¹⁸Disponível em: <<https://www.facebook.com/nosvalemomais/?fref=hovercard>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

¹⁹Relatores testemunham desespero. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa->

à Moradia, Raquel Rolnik²⁰, no mês seguinte. Num dos fatos marcantes desse período, o Legislativo Municipal do Recife fechou as portas e impediu que fosse realizado encontro que encerraria uma série de atividades da representante das Nações Unidas em Pernambuco. Numa atitude bastante controversa, o então vereador e presidente da Câmara de Vereadores do Recife, Vicente André Gomes, fechou as portas, e a atividade acabou sendo realizada no mesmo dia na Faculdade de Direito do Recife²¹, após intervenção de professores da UFPE.

No fim de 2013, antes de receber dos meus editores as primeiras recomendações para evitar a temática das remoções, tentei convencer o portal Terra a criar um blog para fazer uma cobertura mais crítica dos megaeventos em todo o Brasil. Escrevi um projeto e enviei ao editor geral de Esportes do portal, Anderson Reggio. Tive essa ideia depois de perceber que, entre as reportagens realizadas por mim, as que tinham maior número de curtidas e compartilhamentos nas redes sociais eram as que falavam justamente da problemática social dos megaeventos.

Às vésperas do Natal de 2013, haveria uma tentativa de acompanhar as remoções, e, pela primeira vez, fui desaconselhado pela empresa onde trabalhava – o Portal Terra – a publicar reportagens sobre a temática. Fui informado de que deveria enviar as reportagens com a temática para edição pelos editores em São Paulo, e o texto acabou não sendo publicado. Dois textos de minha autoria acabaram sendo enviados para o blog do Comitê Popular da Copa de Pernambuco²².

Posteriormente, às vésperas do Mundial de 2014, cheguei a receber a informação do meu editor no Terra de que não havia mais interesse em textos com a temática das remoções, mas, naquele momento anterior, a recomendação foi apenas para que eu não mais os publicasse diretamente. Com o espaço no veículo

2014/relatores-testemunham-deseespero-de-desalojados-pela-copa-em-pe,84eb46f3a1c62410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acesso em: 5 de julho de 2016.

²⁰Copa no Brasil deixará ônus e não legado, diz relatora da ONU. Disponível em:

<<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/copa-no-brasil-deixara-onus-e-nao-legado-diz-relatora-da-onu,9a9cf86e46ae3410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

²¹Câmara do Recife cancela debate sobre Copa e moradia. Disponível em:

<<https://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/camara-do-recife-cancela-debate-sobre-copa-e-moradia,87eefc0a9eaa2410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>> Acesso em: 5 de julho de 2016.

²²Natal dos que perderam quase tudo. Disponível em:

<<https://comitepopularpe.wordpress.com/2013/12/22/removidos-pela-copa-fazem-natal-de-quem-so-nao-perdeu-a-esperanca/> e <<https://comitepopularpe.wordpress.com/2013/12/19/natal-dos-que-perderam-quase-tudo/>> Acesso em 30 de janeiro de 2017.

de imprensa em que atuava sendo fechado para a temática, passei a me aproximar mais do Comitê Popular da Copa em 2014. E a aproximação com esse grupo possibilitou-me participar do *I Encontro dos Atingidos – Quem perde com os megaeventos e megaempreendimentos* –, realizado em Belo Horizonte.

Na capital mineira, tive contato com acadêmicos de todo o Brasil que estudavam temas como as remoções para obras dos megaeventos. Também presenciei as disputas políticas para controlar a pauta, inclusive com forte presença de militantes do Partido Socialista Brasileiro, já que o evento aconteceu em duas escolas cedidas pela Prefeitura de Belo Horizonte. Naquele momento, o poder público municipal da capital mineira era gerido pelo prefeito Marcio Lacerda, filiado ao PSB. O partido tinha no ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos sua principal expressão política. Posteriormente, o pernambucano sairia candidato à Presidência da República, rompendo a aliança com o Partido dos Trabalhadores. Mas o tema da Copa do Mundo continuou a ser tratado com bastante cuidado, mesmo depois do rompimento dos ex-aliados, assim como pela grande maioria das forças políticas brasileiras, muitas delas beneficiadas pelo acordos e pelas obras possibilitadas pelos megaeventos.

Particpei da cobertura jornalística do evento em Belo Horizonte, tendo oportunidade de conhecer e trocar impressões com profissionais e militantes da comunicação que faziam, de diferentes maneiras, materiais para denunciar as remoções no Rio de Janeiro, em Brasília, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza e outras das 12 cidades-sede do Mundial de 2014. Além disso, ouvi relatos do jornalista NirenTolsi, que acompanhou de forma crítica os impactos da Copa da África do Sul²³, e fiz os primeiros contatos com integrantes da ONG alemã Heinrich BollsStiftung, que viria a me solicitar texto crítico sobre as obras da Copa em Pernambuco²⁴ e publicou relatório sobre os impactos das obras, nos três últimos mundiais (Alemanha, África do Sul e Brasil)²⁵.

²³Quatro anos após a Copa: África do Sul enfrenta problemas diversos. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/05/03/interna_mundo,425869/quatro-anos-apos-a-copa-africa-do-sul-enfrenta-diversos-problemas.shtml> Acesso em 30 de janeiro de 2017

²⁴Recife may need watch Cup afar. Disponível em: <<https://www.boell.de/en/2014/06/05/recife-may-need-watch-cup-afar>>. Acesso em 30 de janeiro de 2017

²⁵Disponível em: <<https://www.boell.de/en/world-cup-whom-world-cup-what>> Acesso em 30 de janeiro de 2017

O envolvimento com a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa aconteceu principalmente neste momento e no seminário “*Copa do Mundo: o que as mulheres têm a ver com isso?*”, realizado em Salvador, em setembro de 2013, para onde fui como repórter do Terra. E se haviam pessoas interessadas em tirar do silêncio o drama dos removidos pela Copa, mesmo em um movimento social que deveria ser independente, senti-me, em alguns momentos, um pouco refém de interesses políticos que não conseguia identificar por completo. É importante destacar que, em Pernambuco, os maiores partidos de esquerda, supostamente aqueles que deveriam ter alguma proximidade com os movimentos sociais, estavam envolvidos nas gestões do Governo do Estado (PSB e PCdoB) e também do Governo Federal (PT e PCdoB). Igualmente, os partidos de direita também não demonstraram, em qualquer momento, disposição para defender as famílias prejudicadas pela realização da Copa do Mundo no Brasil. O PSOL foi o único que teve algum envolvimento, com a participação constante de André Justino, militante e jornalista que editou comigo o blog *Mídia Capoeira* e teve participação em atividades, especialmente na sua cidade, São Lourenço da Mata, e em Camaragibe²⁶.

Aparentemente, para as gestões de Eduardo Campos e Dilma Roussef seria muito negativo, às vésperas das eleições de 2014, haver uma discussão midiática sobre as remoções da Copa do Mundo. Para evitar que essa pauta ganhasse interesse de toda a população, uma tentativa de controle midiático seria exercida com apoio desses grupos tanto na imprensa tradicional (rádios, TVs, jornais, portais) como também nos movimentos sociais. No entanto, é preciso destacar que, entre as poucas iniciativas que recebemos de empresas nacionais querendo fazer reportagens de grande porte e críticas sobre as remoções, estive a visita da jornalista Isabela Vieira, da EBC, que integrou a equipe que realizou a premiada série *Direitos das Crianças no País da Copa*. O grupo formado também por Juliana César Nunes, Danyele Soares, SheilyNoletto e equipe da EBC foi vencedor da segunda edição do Prêmio Petrobrás de Jornalismo, na categoria responsabilidade

²⁶A Arena, o metrô e as paçocas. Disponível em: <<https://midiacapoeira.wordpress.com/2014/06/26/a-arena-o-metro-e-as-pacocas/>> Acesso em 30 de janeiro de 2017

socioambiental, pela série de reportagens para rádio sobre os efeitos das remoções da Copa nas crianças e nos adolescentes moradores das comunidades afetadas²⁷.

O Comitê Popular da Copa de Pernambuco, apesar de ter conquistado um pequeno auxílio para divulgação das remoções da Copa através de edital do Fundo Brasil de Direitos Humanos, não estava livre de pressões políticas, e, em alguns momentos, esse tensionamento iria afastar a mim e outros simpatizantes do coletivo, como Andréa Luna, que organizou o coletivo Copa Favela e realizou o vídeo Gol Contra²⁸. Isso foi um dos motivos, juntamente com o fechamento do espaço que tinha no Portal Terra, que me fez ter motivação para iniciar um projeto paralelo. Assim, surgiu em junho de 2014, o blog Mídia Capoeira, que teve as contribuições da artista plástica Nathalia Queiroz, da fotógrafa amadora Lorena Maniçoba, do jornalista e morador de São Lourenço da Mata André Justino, do fotógrafo e morador de Camaragibe João Velozo e do também fotógrafo Anderson Freire.

O processo de realização das reportagens e da edição de material para o blog aconteceu praticamente simultaneamente à ocupação do terreno do Cais José Estelita, no Recife, pelo Movimento Ocupe Estelita. Motivados pela necessidade de tirar do ambiente digital as imagens da periferia recifense, organizamos uma mostra de fotografias²⁹ durante os domingos de festa que aconteceram durante a ocupação do terreno pelo Movimento #OcupeEstelita.

Organizada inicialmente para o #OcupeEstelita do dia 1º de junho de 2014, a minixposição *Um outro olhar sobre a Copa* contou com 28 imagens dos fotógrafos Anderson Freire e João Velozo e do jornalista Eduardo Amorim, que abordam o drama dos removidos para as obras da Copa do Mundo na Região Metropolitana do Recife. A mostra trazia imagens de protestos e retratos dos removidos e abordava também outros aspectos como a distância da criança humilde que não consegue ver de perto seus ídolos do futebol. A mostra teve curadoria minha e de Lorena Maniçoba e contou com arte de Cora Sales para divulgação.

²⁷Disponível em: <<http://radioagencianacional.ebc.com.br/direitos-humanos/audio/2014-05/luta-contraremocoes-e-pelo-direito-ao-esporte-marcam-recife>> Acesso em: 19 de setembro de 2016.

²⁸Gol contra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NPLIcK0XpXM>> Acesso em: 6 de outubro de 2016

²⁹Disponível em: <<https://midiacapoeira.wordpress.com/um-outro-olhar-sobre-a-copa/>> Acesso em: 19 de setembro de 2016.

As imagens dessa mostra realizada no Cais José Estelita, somadas a outras realizadas durante e às vésperas da Copa do Mundo, deram origem à exposição realizada no encerramento da pesquisa *Uma Arena para Pernambuco: impactos e avaliações de promotores, vizinhos, beneficiados, atingidos*, financiada pelo CNPq e realizada pelo grupo de pesquisa Família, Gênero e Sexualidade (FAGES-UFPE). Já com o nome *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco*, a exposição contou com 40 imagens e ficou exposta no mural de exposições do CFCH, no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco³⁰.

As imagens foram também objeto de discussão com os alunos da graduação da UFPE que participaram do Workshop Práticas de Jornalismo Alternativo, ministrado por mim, durante a 2ª Semana de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, em dezembro de 2014. Naquele momento, coloquei as fotografias como contraponto a algumas das imagens criadas pela mídia tradicional, que deixaram de fora, na maioria das vezes, os temas retratados por aquelas imagens ou em outros momentos criaram formas de edição que tiravam do foco os problemas sociais das famílias atingidas pelos megaeventos. Na ocasião, pedi aos estudantes que exercitassem o que nas redações chamamos de *virar uma pauta*.

Pela noção de que é impossível investigar todo o conteúdo produzido e pela necessidade de explorar um tema que chamou a atenção tanto da mídia tradicional quanto dos veículos alternativos nesse período de convergência, é importante lembrar que, para Henry Jenkins,:

Já estamos vivendo em uma cultura da convergência. Já estamos aprendendo a viver em meio aos múltiplos sistemas de mídia. As batalhas cruciais estão sendo travadas agora. Se nos concentrarmos na tecnologia, perderemos a batalha antes mesmo de começarmos a lutar. Precisamos enfrentar os protocolos sociais, culturais e políticos que existem em torno da tecnologia e definir como utilizá-los". (JENKINS, 2009, p. 292)

Hoje, pessoas comuns podem gerar vídeos e, em alguns poucos casos extremos, conseguir fazer com que eles viralizem pela internet, chegando até mesmo a influenciar as emissoras locais e nacionais de televisão, rádio, sites da internet e jornais, ou mesmo as principais redes internacionais de mídia. O senso

³⁰Trabalho apresentado na *II Conferência Internacional Megaeventos e a Cidade*, Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, 27-30 de abril, 2014, na sessão temática AT1, Territórios e Transformações urbanas por Russel Parry Scott, Alice Mello e Roberto Lemos. Disponível em: <http://megaeventos.etern.ippur.ufrj.br/sites/default/files/artigos-cientificos/moura_a_scott_p_lemos_jr_j_territorializando_a_copa.pdf> Acesso em: 07 de novembro de 2016

comum costuma(va) imaginar a “sociedade da convergência” (Jenkins, 2009) com cada vez mais possibilidades de expressão, especialmente a partir da popularização da internet e das redes sociais. O silêncio estaria então fadado a desaparecer ou, pelo menos, a uma longa caminhada no sentido do apagamento?

É fato que existe um conteúdo gerado por militantes e acadêmicos que se tornaram produtores de conteúdo, e isso gera uma infinidade de informações sobre a Copa do Mundo. Aparentemente, isso tornaria difícil haver silêncios completos, mesmo que haja esforços para silenciar uma certa temática. De alguma maneira, no entanto, nos associamos a uma visão crítica sobre as redes sociais que pode ser encontrada em autores como Van Dijck (2013). Embora tendo feito parte dos grupos que se organizaram para divulgar as violações de direitos pela internet e reconhecendo a importância dos coletivos de internet que têm surgido no Brasil para contrapor-se ao discurso da mídia, acreditamos que esses esforços ficaram longe de criar um ambiente de troca de informações rica e democrática em relação aos gastos públicos e especialmente aos impactos deles nas comunidades afetadas pelas obras dos megaeventos no Brasil.

O Profissão Repórter do dia 19 de maio de 2014 é um caso emblemático de cobertura³¹. Programa de fôlego da TV Globo, coordenado pelo respeitado jornalista Caco Barcelos, o material que foi ao ar na televisão e depois postado na internet gerou grande expectativa nos moradores do Loteamento São Francisco e nos integrantes do Comitê Popular da Copa de Pernambuco, que conseguiram, através da Articulação Nacional da Copa e com minha ajuda como jornalista, pautar, na maior emissora do país, as remoções do Loteamento São Francisco para representar as desapropriações de famílias em todo o Brasil. O resultado, no entanto, acabou decepcionando a maioria dos militantes e das pessoas entrevistadas em Camaragibe (Ver Anexo B).

Logo no início do programa, ainda na escalada³², após serem mostradas cenas dramáticas das remoções, o apresentador corta para um negro apresentado

³¹Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/profissao-reporter/profissao-reporter-copa-do-mundo.htm>> Acesso em 30 de janeiro de 2017

³²No jornalismo televisivo, os profissionais do setor costumam chamar de escalada a sequência de anúncios de notícias que chamam todos ou os principais temas que serão abordados durante um programa.

como “Funcionário celebridade da Arena Corinthians”. O auxiliar geral Carlos Petronilho, em um curto e confuso depoimento que depois será repetido novamente em outro quadro do mesmo Profissão Repórter, dá o tom da edição: “Ainda não caiu a ficha de cada um. Como é que é? É uma Copa do Mundo, teve desapropriações, não teve desapropriações, mas é o progresso. O país está crescendo (sic)”. De certa forma, apesar de estar mostrando com grande destaque o tema, acaba usando um recurso de edição que tira a importância da temática ou pelo menos resume um tema complexo a uma avaliação simplória.

A forma como o programa foi montado soma-se a características da comunicação jornalística televisiva:

Uma imagem tem sua força drenada pela maneira como é usada, pelos lugares onde é vista e pela frequência com que é vista. Imagens mostradas na tevê são, por definição, imagens das quais, mais cedo ou mais tarde, as pessoas se cansam. O que parece insensibilidade se origina na instabilidade da atenção que a tevê intencionalmente provoca e nutre por meio de sua superabundância de imagens. A saciedade de imagens mantém a atenção ligeira, mutável, relativamente indiferente ao conteúdo. O fluxo contínuo da questão na tevê é que se pode mudar de canal, é normal mudar de canal, ficar inquieto, entediado. Os consumidores desanimam. Têm de ser estimulados, sacudidos sem cessar. O conteúdo é apenas um desses estímulos. Um interesse mais reflexivo pelo conteúdo demanda uma certa intensidade de consciência – exatamente aquilo que é enfraquecido pelas expectativas expressas em imagens difundidas pela mídia, cuja rarefação de conteúdo contribui, mais do que qualquer outra coisa, para o embotoamento do sentimento. (SONTAG, 2003, P. 88)

O repórter Guilherme Belarmino, da TV Globo/Profissão Repórter, acompanhou as remoções e os protestos por mais de uma semana. No primeiro bloco, ele mostra cenas de casas sendo demolidas, dos moradores recebendo as visitas dos oficiais de Justiça, dos moradores procurando seus direitos junto ao poder público, entrevista uma das removidas. Mas encerra com a defensora pública Danielle Monteiro afirmando que há moradores que contestaram o valor da indenização, porém o Poder Judiciário acabou avaliando abaixo do que tinha sido proposto originalmente e mostrando um caso (que representa uma minoria ou uma exceção) em que a comerciante Nívea da Silva diz ter ficado feliz com o valor recebido da indenização.

O caso das remoções em Camaragibe é intercalado com outros temas mais leves da Copa, como a inauguração da Arena Corinthians, em São Paulo, e uma reportagem sobre os efeitos dos megaeventos nos preços de imóveis do Rio de Janeiro. Quando volta para Pernambuco, é destacada uma reunião dos antigos

moradores do Loteamento São Francisco. Militante do Copa Favela, Andréa Luna, aparece afirmando apenas que está disposta a fazer protesto e queimar pneus. Como é possível ler no Anexo B desta dissertação, o Comitê Popular da Copa criticou vários pontos do programa através da nota *Não existe jornalismo na cobertura da Copa do Mundo: Nota de repúdio ao Profissão Repórter e à TV Globo*³³.

No documento, o Comitê Popular da Copa afirma que a equipe do Profissão Repórter participou, no dia 15 de maio, do protesto em que cerca de 200 moradores do Loteamento São Francisco, estudantes, midiativistas, advogados e integrantes de movimentos sociais se reuniram em um ato pacífico que marcou o 15M³⁴ em Pernambuco. Eles relatam o esforço para não se colocar em risco a vida dos idosos, “que formam a maior parte da comunidade removida”. E questionam: “a TV Globo nem mesmo registrou o fato de o protesto pacífico ter sido realizado durante a greve da Polícia Militar de Pernambuco, que criou um clima de caos em todo o Estado e gerou uma série de furtos a lojas”.

O questionamento segue em outros pontos e encerra com um questionamento em relação à criminalização dos movimentos sociais, questão que ficou muito em voga após as mobilizações de junho de 2013 e especialmente com a ação de grupos Black Blocks, que defendiam as táticas de deprecação.

Quando se consegue fazer um ato de paz e mostrar que vidas estão sendo perdidas para as desapropriações, como foi demonstrado pelas sete cruzeiras fincadas no terreno do Loteamento São Francisco pela plataforma Copa Favela, a informação relevante é ignorada pelo maior veículo de comunicação do país? Mas, no momento em que as mobilizações saem dos limites e ocorrem atos de violência por militantes, ou mesmo por pessoas infiltradas por forças políticas adversárias, a mídia aproveita para desmoralizar toda a construção coletiva de questionamento aos megaeventos e megaprojetos no Brasil (COMITÊ POPULAR DA COPA DE PERNAMBUCO, 2014)

Acrescentaria à nota do Comitê Popular da Copa de Pernambuco o quanto é possível ver no Profissão Repórter a criminalização dos movimentos sociais, no caso o Copa Favela, já que a militante Andréa Luna esteve presente no 15M e também foi entrevistada em sua casa. Mas só entrou no programa uma fala controversa, em que

³³A nota foi divulgada originalmente no site Ombudspe, mantido pelo Centro de Cultura Luiz Freire, ONG olindense. Disponível em: <<http://ombudspe.org.br/canal-aberto/nao-existe-jornalismo-na-cobertura-da-copa-do-mundo-nota-de-repudio-ao-programa-profissao-reporter-e-a-tv-globo/>> Acesso em 30 de janeiro de 2017

³⁴Referência ao dia 15 de maio, o 15M teria sido iniciado após os protestos de 2011 na Espanha, que foram uma série de protestos iniciados pelas redes sociais, como aconteceu no Brasil em 2013.

ela fazia uma defesa de estratégias mais duras de resistência sem ser contextualizada. No entanto, nós que vivenciamos a mobilização do 15 de maio de 2014 em Camaragibe sabemos que a TV Globo estava lá e gravou diversas outras imagens que poderiam dar uma noção mais geral dos acontecimentos - inclusive, quando chegou um grupo desconhecido de pessoas ainda no início do protesto. Eu e outras lideranças do Comitê Popular da Copa então, percebendo jovens portando armas e sabendo de relatos de grupos que se infiltram em manifestações para causar violência e gerar má repercussão na mídia e sem querer colocar em risco nossas vidas ou a dos idosos que eram a maior parte dos removidos na comunidade, passamos a gritar para que todos saíssem da Avenida Belmino Correa e encerrassem o ato.

Os protestos com fechamento das ruas pelos removidos do Loteamento São Francisco aconteceram diversas vezes, poucas vezes recebendo destaque da mídia local. No Profissão Repórter de 19 de maio, aparece um protesto, mas da maneira que foi escolhido para ser apresentado pela emissora. Na minha visão de jornalista, o programa pode ser utilizado como exemplo de como a escolha dos entrevistados, a forma da edição, o ângulo de filmagens e as escolhas de produção podem ser utilizados para invisibilizar ou mesmo tornar menos relevante um tema.

Com um agravante de terem sido utilizados dados relativos ao Loteamento São Francisco que não correspondem ao que a própria fonte apresentada afirma. No minuto 12 do programa, o repórter lê e aparece em arte no vídeo que 117 famílias foram removidas e 41 contestam na Justiça as indenizações. A informação é contestada pelo Comitê Popular da Copa, colocado pela TV Globo como fonte das informações (Anexo B):

os números utilizados pela TV Globo demonstram a falta de interesse em fazer jornalismo e explicitam o interesse de maquiagem uma realidade. Não é verdade que o Comitê Popular da Copa de Pernambuco utilize os números divulgados no Profissão Repórter. Como já foi explicitado até mesmo em veículos da mídia tradicional, em Pernambuco, o Governo do Estado e a Prefeitura do Recife assumem ter realizado, para as obras do Mundial, mais de 2.000 remoções. Nacionalmente, a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa estima em 250.000 o número de atingidos.

Esses expressivos números são escondidos, e só aparece no programa a contagem de terrenos divulgada pela Procuradoria Geral do Estado, que maquia o fato de algumas das famílias do Loteamento São Francisco terem construído seis, oito ou até dez casas nos seus terrenos. Portanto, o Comitê Popular da Copa estima em mais de 200 as famílias desapropriadas na

comunidade para as obras de ampliação do Terminal Integrado de Camaragibe e do Ramal da Copa, ambas ainda bastante atrasadas.

Acredito que as reportagens publicadas no blog Mídia Capoeira, com uma percepção também do lado negativo, que estavam sendo silenciadas pela mídia pernambucana, talvez tenham facilitado para que, durante a Copa do Mundo, eu tenha sido contratado para atuar como jornalista para a empresa televisiva alemã RTL e para a rede de televisão americana CNN. O interesse, em especial do produtor Harry Reekie e do correspondente internacional Frederik Pleitgen (ambos da CNN), pelo cenário de caos no caminho para o estádio e depois por relatar o drama vivido pelas famílias do Loteamento São Francisco³⁵, mais uma vez, me mostrou que estávamos errando ao silenciar sobre essa situação.

Certamente, nessa trajetória deixei, em diversos momentos, misturarem-se os papéis de repórter e de militante, já que o silenciamento e a distorção dos fatos eram uma situação incômoda e evidente. Coordenadora da pesquisa do Observatório das Metrôpoles sobre a Copa em Pernambuco, Ana Ramalho explica o fato de ter conhecido tantas pessoas idosas e sofridas e os efeitos desse contato:

Situação essa que nos permitiu sair um pouco do papel de pesquisadores para tornar-nos parceiros da indignação pela qual passavam essas pessoas, quase invisíveis para os gestores e até para parcelas significativas da sociedade que ainda se mostram surpresas ao serem informadas de que as obras em Recife e municípios vizinhos promoveram desapropriações e violaram direitos. Por certo, estas ações dificultaram o entendimento do que é considerado como legado. Em muitas situações o sentimento de impotência predominou. Especialmente quando nos deparamos com tantas histórias tristes, relatadas por pessoas frágeis economicamente e desprotegidas pelo próprio estado e que, de alguma forma, nos viam como uma forma de denunciar o que vinham passando (RAMALHO, 2015, p. 14).

Esta dissertação é fruto dessas experiências profissionais, da militância, mas também de um sentimento de infinita impotência diante da morte de nove pessoas, homenageadas no dia 15 de maio de 2014, em ato realizado no Loteamento São Francisco, Camaragibe, especialmente Romildo José Santos – Seu Ramos ³⁶(que aparece no curta Copa Sem Casa) – e Jerônimo Sebastião de Oliveira ³⁷ (personagem do curta Despejo #5).

³⁵Families evicted to build 2014 World Cup. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/videos/world/2014/06/30/brazil-wc-evicted.cnn>> Acesso em 23 de fevereiro de 2017>.

³⁶Copa sem casa. Disponível em: <<http://apublica.org/2014/06/copa-sem-casa/>> Acesso em: 19 de setembro de 2016.

³⁷Despejo #5. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-JXSrkHifrl>> Acesso em: 19 de setembro de 2016.



Figura 1 Exposição Os silêncios da Cobertura da Copa em Pernambuco

Foto: Eduardo Amorim Data: 5/12/2013



Figura 2 Exposição Os silêncios da Cobertura da Copa em Pernambuco

Foto: Eduardo Amorim Data: 5/12/2013

Essas duas imagens são o ponto de partida da exposição *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco*. Minha sensibilização para as remoções passa

também pela imagem da Figura 2³⁸ ter sido publicada inicialmente na reportagem *Famílias desapropriadas por Copa lutam por indenização em Pernambuco*. O senhor retratado na imagem, Manoel Sebastião da Silva, sofreu um AVC e chorava compulsivamente, sem conseguir expressar nenhuma outra forma de comunicação, enquanto sua filha me contava a história de como se relacionavam os processos da remoção, depressão e do Acidente Vascular Cerebral sofrido pelo seu pai em dia de jogo da Seleção Brasileira.

Considero ter passado por um conflito ético, pois a grande repercussão da reportagem, na minha ótica, teria vindo do uso de uma imagem que expôs de maneira cruel um idoso, que já não tinha condições de se defender. A imagem foi substituída após pedido feito por mim aos editores em São Paulo, e hoje só pode ser vista a imagem da Figura 2 no Terra, porém a família retratada já tinha se chocado ao ver seu pai retratado daquela maneira em milhares de compartilhamentos que aconteceram pelas redes sociais. A reportagem – não por coincidência – foi, de todas as que produzi nos anos de atuação como correspondente do Portal Terra, a que teve mais audiência, tendo sido essa grande repercussão que teve causadora certamente de reflexos na diminuição da liberdade total que tinha enquanto profissional na atuação para veículo.

As normas reguladoras do que deve e do que não deve ser visto ainda estão sendo elaboradas. Os produtores de programas jornalísticos na tevê e os editores de fotografia das revistas e dos jornais tomam, todos os dias, decisões que consolidam o instável consenso acerca dos limites do conhecimento do público. Muitas vezes suas decisões são cunhadas como julgamentos a respeito do “bom gosto” – sempre um critério repressivo quando invocado por instituições. Permanecer dentro dos limites do bom gosto foi a razão primária apresentada para não exibir nenhuma das horripilantes imagens dos mortos colhidas no local do atentado contra o World Trade Center, logo após o ataque no dia 11 de setembro de 2001 (SONTAG, 2003, p 59)

A situação de Manoel Sebastião da Silva não é um caso isolado. Como as mortes de Romildo José Santos e Jerônimo Sebastião de Oliveira estão aqui destacadas apenas por terem sido objeto de reportagens. Outros casos, como o de Geraldo, relatado por MOURA (2016, P. 133), aconteceram no Loteamento São Francisco

³⁸Famílias desapropriadas por obras da Copa lutam por indenização. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/familias-desapropriadas-por-copa-lutam-por-indenizacao-em-pernambuco,5b5a7b11599c2410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em 2 de fevereiro de 2017

Na última entrevista que fiz com ele, em setembro de 2015, comentou sobre a depressão que o acompanhava desde a demolição de sua casa. “E o efeito da minha doença ainda é esse. Tá notando? Eu falando e cansando, porque deixa um cansaço grande. Crise de rins, esquecimento”. O restante da sua indenização ainda não tinha sido liberado quando Geraldo faleceu, alguns meses depois da nossa última conversa.

Depois de ver pessoas entrarem em depressão, chegarem a doenças sem cura, como Seu Manoel, ou ao extremo da morte, me questionei se a repercussão de uma imagem apelativa poderia ter dado ao caso um alcance um pouco maior. Um dos removidos que entraram em processo depressivo e acabaram falecendo por não conseguir sua indenização foi justamente o irmão de Manoel Sebastião da Silva, Jerônimo Oliveira (que aparece em uma das imagens da reportagem do Terra).

As duas fotos fizeram parte da exposição *Os silêncios da Cobertura da Copa em Pernambuco*. As perdas de Seu Jerônimo, Seu Ramos, Seu Geraldo são irreparáveis, a doença de Seu Manoel é incurável. Assim como a destruição das casas e do bairro que foi mostrado no vídeo *Limpendo a área*³⁹.

A possibilidade de continuar a pensar e discutir na academia como estão sendo realizados os megaeventos e os impactos (inclusive) negativos que esse tipo de obra deixa em comunidades por todo o mundo é, no entanto, uma maneira humilde de tentar contribuir para que esse mesmo tipo de violência deixe de ocorrer silenciosamente em outras localidades. Sabendo que a desterritorialização e suas consequências não acontecem somente em grandes eventos esportivos, mas também em obras de grande investimento como hidrelétricas, transposições de rios, aberturas de grandes avenidas ou rodovias ou projetos de remodelamento urbano. Esperamos contribuir para a discussão do papel social do jornalismo nesse tipo de acontecimento em que há grandes intervenções no meioambiente e impacto para as populações.

³⁹Limpendo a área. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0S9SmzUhX6k>> Acesso em: 19 de setembro de 2016.

2 POR UMA REVISÃO DOS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS AOS MEGAEVENTOS NO BRASIL

2.1 SOBRE SILÊNCIOS, POLÍTICAS DO SILÊNCIO E SILENCIAMENTOS

Percebendo as infinitas possibilidades de olhares sobre a Copa do Mundo, notamos que havia um campo para se discorrer em relação aos silêncios e silenciamentos nessa temática. Inicialmente é importante pontuar que nossa perspectiva sofre forte influência dos estudos de Orlandi (2007), para quem, “o silêncio foi relegado a uma posição secundária como excrecência, como o ‘resto’ da linguagem. Nosso trabalho o erige em fator essencial como condição do significar”. A autora, no seu *As formas do silêncio*, acreditava que:

O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isso se expressa pela urgência no dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. Ao mesmo tempo, espera-se que estejam produzindo signos visíveis (audíveis) o tempo todo. Ilusão de controle pelo que "aparece": temos de estar emitindo sinais sonoros (dizíveis, visíveis) continuamente (ORLANDI, 2007, P.35).

O silêncio e o silenciar muitas vezes não estão somente ligados à repressão. Podem estar também na própria condição do sujeito ou do meio onde ele se insere o fato de um discurso não ser externado. Isso se dá algumas vezes por falta de conhecimento, capacidade de expressar ou por razões diversas ligadas aos meios de produção ou às condições do ambiente. Ou seja, acreditamos que existem formas de silêncio e de silenciar para muito além da censura explícita, apesar de a repressão expressa ainda ser comum e reconhecermos ter sido essa forma de silenciamento durante o Mundial de 2014 que nos aproximou dessa temática.

Isso não exclui de maneira nenhuma – ainda mais num episódio tão fortemente influenciado pela política e pelos interesses econômicos como o da Copa do Mundo – do debate público as influências exercidas sobre os produtores de conteúdo por empresas e grupos políticos. No entanto, acreditamos que essas influências podem estar mais evidentes através de censura expressa em alguns casos. Outras vezes esse poder de veto pode estar implícito em gestos e posicionamentos ou mesmo ter sido assimilado por caminhos dificilmente identificáveis até mesmo para os sujeitos em questão.

Orlandi (2007) considera que “é preciso evidentemente considerar a censura como um fato heterogêneo, pois ela pode resultar de processos mais ou menos conscientes e que se reportam a diferentes ordens: política, moral, estética, etc”. Em um caso específico, poderíamos imaginar fatores que favoreçam ou criem amarras para que certas enunciações sejam explicitadas. Uma certa comunidade viveu a repressão da Ditadura Militar, tem sua grande maioria de moradores fortemente ligada à religiosidade cristã e sem nunca ter tido acesso à Justiça ou aos veículos de imprensa. Esse conjunto de fatores irá influenciar positivamente ou negativamente os indivíduos para que consigam ou não externar os discursos.

No estudo dos silêncios da Copa do Mundo, vamos contrapor, através de discurso e imagens produzidos por midiativistas, os silêncios e silenciamentos do discurso hegemônico. Afinal, a “legibilidade do silêncio nas palavras só se torna possível quando consideramos que a materialidade significativa do silêncio e a da linguagem diferem e que isso conta nos distintos efeitos de sentido que produzem”, afirma Orlandi (2007).

Para isso, partiremos de terminologia criada pela autora que descreve duas grandes divisões nas formas do silêncio:

a) o silêncio fundador;

b) a política do silêncio.

O fundador é aquele que torna toda significação possível, e a política do silêncio dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer. A política do silêncio distingue, por suavemente, duas subdivisões:

a) o constitutivo (todo dizer cala algum sentido necessariamente);

b) o local (censura)”. (ORLANDI 2007, p. 102)

É preciso ressaltar que poderíamos estudar o silêncio na Copa do Mundo a partir de diversos silêncios fundadores (ou fundantes), que é como a autoradenomina uma situação efetivamente acontecida e não necessariamente externada. Por mais que uma pessoa ou grupo tenha interesse em gerar conteúdo para esmiuçar uma temática, é certo que nunca chegaremos a expressar todos os pontos de vista integralmente sobre a verdade – como diria Michel Foucault – ou de maneira mais sensível do silêncio fundante ou fundador, como Orlandi denomina.

Seria a cobertura da Copa do Mundo de 2014 um exemplo de ostensiva cobertura de um evento esportivo em vários canais de televisão que silencia outros aspectos importantes da temática? A mídia mantém por semanas esse tema em evidência e, ao destacar certos aspectos positivos, instaura um debate parcial. E a paixão futebolística do povo brasileiro certamente teria um efeito no sentido de ajudar a valorizar um lado da cobertura, em detrimento de uma série de outras informações que podem ter acabado quase que apagadas, apesar do forte esforço feito por grupos organizados ou não para propagar os impactos negativos das obras públicas e privadas sobre as comunidades afetadas.

Nesta pesquisa, a perspectiva de que nos apropriamos leva em conta as palavras faladas, escritas e também as imagens, que propagam ou deixam de propagar as informações. Em sua aula inaugural no College de France, Michel Foucault considerava que:

O discurso nada mais é do que o reflexo de uma verdade que está sempre a nascer diante dos seus olhos; e por fim, quando tudo pode tomar a forma do discurso, quando tudo se pode dizer e o discurso se pode dizer a propósito de tudo, é porque todas as coisas que manifestaram e ofereceram o seu sentido podem reentrar na interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996)

No entanto, Orlandi (2007) percebe que “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência de linguagem e significa de outras e muitas maneiras”.

Quando trata da política do silêncio, a autora estabelece uma distinção entre dois campos. “Podemos dizer, generalizando, que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis”, diz Orlandi, explicando o que chama de silêncio constitutivo.

Um exemplo dessa forma de silêncio relacionada à Copa do Mundo é a denominação “investimentos”. Quando a maior parte da imprensa escolhe utilizar esse termo que dá ideia de geração de empregos e melhorias nas cidades, apaga-se a ideia que foi fartamente propagada pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (Ancop) de que a maioria dos “gastos” teria pouca utilidade para a população brasileira e geraria alguns impactos em comunidades. Ou seja, em

geral, é preciso excluir sentidos sendo eles inversos ou apenas diversos para se dizer algo.

Notadamente, o sujeito não adere automaticamente às *formações discursivas*. Ou seja, um jornalista que escreve sobre os investimentos pode, sim, incluir, nas suas produções, questões relativas aos impactos sociais das obras ou mesmo críticas econômicas ao projeto. Assim como o próprio leitor pode ter reflexões oriundas dos vazios de informação que lhe levem a questionar profundamente um tema. Nas palavras de Orlandi:

a relação do sujeito com as formações discursivas tem o silêncio como componente essencial. Este permite a constituição da história do sujeito não apenas como reprodução, mas como transformação dos sentidos. A relação do sujeito (discursivo) com sua história própria é silenciosa porque ela sempre se dá nos limites da significação “outra”. Na região que marca os limites entre diferentes formações discursivas.

O sujeito não adere às formações discursivas automaticamente e elas, por sua vez, não se apresentam como espaços maciços de sentido. Há espaços de silêncio que são o índice da história particular do sujeito em relação com a linguagem, ou melhor, de sua história em face da articulação entre as diferentes formações discursivas e de seus deslocamentos (ORLANDI, 2007, p 87)

Interessante notar, ainda no campo denominado pela autora de política do silêncio, como ela trata o que o senso comum considera mais violento na interdição do dizer. “Tomemos um exemplo desse silêncio local: a censura. Trata-se da produção do silêncio de forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido”. A censura, no entanto, pode ganhar formas distintas e confundir-se com o silêncio constitutivo especificamente em um ambiente como o do jornalismo esportivo brasileiro? As escolhas feitas numa redação, que possibilitam a ida ou não de um repórter para determinada pauta, ou mesmo as seguidas sugestões de coberturas com determinado viés, certamente criam uma percepção nos jovens repórteres de que tipo de reportagens eles são contratados para realizar e nem sempre isso chega a ser questionado.

As rotinas de silenciamento dentro de uma redação dificilmente serão percebidas pelo público leitor de um veículo de comunicação. Talvez sejam, no máximo, comentadas entre os profissionais que cobrem determinado tema ou atuam em uma mesma empresa. Mas é de supor-se que os limites entre o que é censura e o que ficaria no campo do silêncio constitutivo dificilmente pode ser explicitado.

Acredito que os dois campos da política do silêncio dificilmente podem estar separados, pelo menos no ambiente do jornalismo brasileiro, já que, em um mercado extremamente competitivo, a compreensão do implícito da censura muitas vezes é uma exigência dos veículos comerciais para quem quer continuar no mercado.

Com a intenção de buscar essas fissuras que demonstrem silêncios tanto causados pela censura explícita quanto por fatores menos facilmente identificáveis, este projeto irá analisar uma série de fotografias que toca em diversos temas e focar especificamente nas tentativas de tirar do silêncio o impacto negativo das obras da Copa nas comunidades próximas ao estádio, como o Loteamento São Francisco (Camaragibe). Os números sobre as remoções são bastante controversos e serão discutidos com mais detalhamento a seguir (Capítulo 1.2). Em sua dissertação de mestrado, Alice Bezerra MOURA (2016) relata que visitou as famílias e como a forma de divisão dos lotes na comunidade era particular. A antropóloga explica que muitas vezes as pessoas casavam-se, mas iam morar dentro dos lotes dos seus pais ou avós. E essa divisão de núcleos familiares gerou uma divergência entre números:

No começo de 2013, a única maneira de saber quem seria removido no Loteamento era indo de casa em casa para perguntar, pois não existia nenhum registro sistematizado de pessoas que seriam desapropriadas. Em reunião na procuradoria geral do Estado em julho de 2013, a Secretaria Executiva de Desapropriações (SEDES), secretaria responsável pelos processos de remoção, afirmou que seriam feitas 78 desapropriações no Loteamento São Francisco. Para o comitê e para os moradores, as desapropriações foram mais numerosas. Falam em 200 famílias. (MOURA, 2016, p. 71)

Essa dificuldade que tanto militantes e acadêmicos como jornalistas tiveram para quantificar o real número de remoções geradas pelas obras da Copa do Mundo pode ser estendida para outras questões essenciais no entendimento do tema. Os valores gastos na obra da Arena Pernambuco, por exemplo, também foram e são uma questão bastante controversa. Pouco antes do início do torneio, o repórter Giovanni Sandes, do Jornal do Commercio, chegou a publicar um texto com o título *Mistério da Copa: quanto custou a Arena Pernambuco*⁴⁰. Ele contava do fato de, mesmo depois de tentar acessar através da Lei de Acesso a Informação os dados

⁴⁰Mistério da Copa: quanto custou a Arena Pernambuco? Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2014/03/08/misterio-da-copa-quanto-custou-a-arena-pernambuco-120683.php>> Acesso em 31 de janeiro de 2017

atualizados dos custos do estádio, havia recebido apenas uma resposta padrão: “O investimento inicial previsto, conforme proposta vencedora da licitação, foi de R\$ 532 milhões. Encontra-se, em análise pelo Estado, pedido de reequilíbrio econômico-financeiro”.

Nos estudos de Noelle-Neumann(1993), é destacada a dominação da opinião pública pelos líderes de mídia e de opinião. Naquele tempo, a autora via a televisão como essencial na consolidação da opinião pública, uma vez que as discussões públicas são, em grande parte, impostas pela consonância temática midiática. Uma importante perspectiva para se levar em conta quando falamos das novas condições de comunicação é imaginarmos que, após a realização do Mundial de 2014, já não interessa aos grandes veículos de televisão dar o mesmo destaque aos temas do megaevento. Se em 2017 viesse a ser reavaliado (pelo Governo do Estado ou pelo Poder Judiciário, já que hoje esse debate é tema de algumas investigações), o custo da Arena de Pernambuco talvez fosse de grande interesse da mídia comercial, já que hoje o tema é debate da Operação Lava Jato, que, através da Operação Fair Play, investigou os contratos entre a Odebrecht e o poder público para construção da Arena de Pernambuco. No entanto, essa é uma situação absolutamente de exceção. A tendência é que a mídia comercial diminua, após o megaevento, o interesse pelas remoções e pelos impactos sociais e ecológicos das obras e que outros temas ganhem o noticiário.

O agendamento da mídia (*agenda setting*) determinaria a pauta pública ao ressaltar certos assuntos e preterir outros, o que influenciaria na formação da Espiral do Silêncio. Segundo essa teoria, prevalecem as opiniões dominantes, e estas tendem a se refletir nos meios. A opinião de quem foi afetado pelas obras da Copa, por exemplo, passaria por um processo de análise do conjunto da sociedade para ganhar ressonância. Assim, existe um enclausuramento dos indivíduos no silêncio quando estes têm opiniões diferentes das vinculadas pela mídia. No momento em que uma opinião individual difere da maioria ou do pensamento coletivo, pode ocorrer uma reação de isolamento social do indivíduo, em que as pessoas alteram a sua forma de pensar ou são silenciadas.

A disputa ideológica e de narrativas em torno dos megaeventos é algo que não podemos deixar de levar em conta. Afinal, os megaeventos esportivos têm o

poder de atrair a atenção. E vêm sendo utilizados ao longo das décadas como forma de fortalecimento de gestões e também de justificativa para grandes obras urbanas. Entendemos que essa luta acontece em vários campos da sociedade, inclusive no mundo acadêmico. Porém, tentaremos analisar de forma coerente e com olhos atentos aos vácuos que possivelmente encontraremos nesse debate, a partir dos registros e discursos, sejam eles escritos, sonoros ou imagéticos.

A influência da ideologia sobre o discurso científico e o funcionamento ideológico das ciências não se articulam no nível de sua estrutura ideal (mesmo que nele possam traduzir-se de uma forma mais ou menos visível), nem no nível de sua utilização técnica em uma sociedade (se é que esta possa aí entrar em vigor), nem no nível da consciência dos sujeitos que a constroem; articulam-se onde a ciência se destaca sobre o saber. Se a questão da ideologia pode ser proposta à ciência, é na medida em que esta, sem se identificar com o saber, mas sem apagá-lo ou excluí-lo, nele se localiza, estrutura alguns de seus objetos, sistematiza algumas de suas enunciações, formaliza alguns de seus conceitos e estratégias; é na medida em que, por um lado, esta elaboração esconde o saber, modifica, o redistribui, e por outro, o confirma e o deixa valer; é na medida em que a ciência encontra seu lugar em uma regularidade discursiva e, por isso, se desdobra e funciona em todo um campo de práticas discursivas ou não. Em resumo, a questão da ideologia proposta à ciência não é a questão das situações ou das práticas que ela reflete de um modo mais ou menos consciente; não é, tampouco, a questão de sua utilização eventual ou de todos os empregos abusivos que se possa dela fazer; é a questão de sua existência como prática discursiva e de seu funcionamento entre outras práticas (FOUCAULT, 2002, p.209 -210)

Criar um debate para identificar as verdades silenciadas sobre o Mundial de 2014 é um passo no sentido de buscar um método eficiente para analisar os silêncios e silenciamentos na produção dos diferentes grupos de produtores de conteúdo em relação aos impactos dos megaeventos. Acreditamos que precisam ser levados em conta as falas, os textos e as imagens de jornalistas, acadêmicos, ativistas políticos e midiativistas. Porém, teremos sempre como fundamento que:

Se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 1996, p. 20).

A partir dessa compreensão, de que mesmo o discurso acadêmico está impregnado de vontade de verdade, tentaremos, a partir das experiências práticas e dos estudos acadêmicos, conseguir analisar os silêncios e silenciamentos na cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco. Levando em conta também que as empresas de comunicação e os jornalistas estão sob influência de cidadãos que

atuam no ciberespaço e do fenômeno emergente da proliferação de discursos a partir da internet.

No caso da Copa do Mundo em Pernambuco, há diversas possibilidades para um estudo que esmiúce o papel da mídia, já que foi um evento extenuantemente registrado. Poderíamos nos ater à cobertura dos meios impressos de jornalismo locais, nacionais ou mesmo internacionais; também nos ocorreu a curiosidade sobre os registros audiovisuais, tanto da imprensa internacional quanto de pessoas comuns; outra possibilidade seria nos atermos à ação de movimentos organizados e de cidadãos que utilizaram a internet para tirar do silêncio a temática; dentre muitas outras materialidades, existem também os registros fotográficos, que talvez, mais que outros meios, tenham capacidade de transparecer um registro de memória.

A escolha, nesse caso, será por colocar em perspectiva a cobertura midiática e fotografias que registraram momentos poucos vistos na imprensa tradicional e fazem parte da mostra *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*. Isso, no entanto, não significa a pobreza de outras formas de registro e, sim, que, para que o objetivo que temos neste momento seja atingido, enxergamos nesses registros fotográficos realizados durante o período de preparação para e durante o Mundial de 2014 uma boa alternativa para discutir os silêncios e silenciamentos.

O fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas, quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro, sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. (SONTAG, 2003, p 23)

As fotos foram postas em exposição sem legendas para que o texto não interferisse na transmissão do conteúdo imagético. Acreditamos que as imagens que serão introduzidas a seguir têm o poder de trazer diversas interpretações sobre as remoções violentas em uma comunidade da Região Metropolitana do Recife. Deixar aberto a interpretações é uma opção tomada por acreditar que “toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em dado momento de suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado” (CANDAUI, 2014, P. 35).

Acreditamos que é importante deixar pontos em aberto para serem descobertos e que as imagens têm poder de transmitir elementos importantes para a análise que será realizada posteriormente ao lermos o que foi escrito e transmitido pela mídia.

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 2002, p 31)

Para o autor, quando um certo número de enunciados tem um sistema que possa ser descrito como de dispersão e entre os objetos há tipos de enunciação, conceitos, escolhas temáticas, que se associam a certa regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), poderemos verificar uma formação discursiva. No entanto, Foucault acredita que o objeto pode se modificar com o tempo ou a partir das diferentes experiências.

Alguns conceitos de Foucault sobre enunciado são importantes para se entender o método arqueológico proposto por ele, partindo do entendimento de que eles, tendo diferenças em sua forma e estando dispersos no tempo, nem sempre formam um conjunto, mesmo quando referem-se a um único e mesmo objeto. “De modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles – em outras palavras, formular sua lei de repartição” (Foucault, 2002).

No entanto,

Se há unidade, o princípio não é, pois, uma forma determinada de enunciados; não seria, talvez, o conjunto das regras que tornaram possíveis simultaneamente ou sucessivamente, descrições puramente perceptivas, mas, também, observações tornadas mediatas por instrumentos protocolos de experiências de laboratórios, constatações epidemiológicas ou demográficas, regulamentações institucionais, prescrições terapêuticas? Seria preciso caracterizar e individualizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; o sistema que rege sua repartição como se apoiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição. (FOUCAULT, 2002, p. 39)

Em seguida, o autor complementa:

(...) talvez fosse descoberta uma unidade discursiva se a buscássemos não na coerência dos conceitos, mas em sua emergência simultânea ou sucessiva, em seu afastamento, na distância que os separa e,

eventualmente, em sua incompatibilidade. Não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão. (FOUCAULT, 2002, p. 40)

Na tentativa de possibilitar o reagrupamento dos enunciados, Foucault sugere, em seguida, descrever seu encadeamento e explicar as formas unitárias sob as quais eles se apresentam.

(...) a identidade e a persistência dos temas. Em ciências, como a economia e a biologia, tão voltadas para a polêmica, tão permeáveis a opções filosóficas e morais, tão prontas em certos casos à utilização política, é legítimo, em primeira instância, supor que uma certa temática seja capaz de ligar e de animar, como um organismo que tem suas necessidades, sua força interna e suas capacidades de sobrevivência, um conjunto de discursos. (FOUCAULT, 2002, p. 40)

Além de identificar as formações discursivas ou os grupos de enunciados, é preciso também distinguir os acontecimentos, já que cada acontecimento tem diferentes alcances, amplitudes cronológicas ou capacidades de produzir efeitos. Foucault (1979) afirma que “a história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser”. Para ele:

Podem-se aprender a partir de então as características próprias do sentido histórico como Nietzsche o entende, e que se opõe a ‘Wirkliche Historie’ à história tradicional. Aquela inverte a relação habitualmente estabelecida entre a irrupção do acontecimento e a necessidade contínua. Há toda uma tradição da história (teleológica ou racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal – movimento teleológico ou encadeamento natural. A história “efetiva” faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo. É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino ou batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm o aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento (FOUCAULT, 1979, p. 28).

Portanto, com as imagens buscaremos não identificar uma formação discursiva, e, sim, estabelecer parâmetros mínimos de informação para que o leitor possa perceber o que foi (ou como foi visto pelos fotógrafos) o processo de remoção das famílias do Loteamento São Francisco, em Camaragibe, às vésperas da Copa do Mundo de 2014. Esse material será então confrontado com reportagens da mídia pernambucana para que possamos analisar como se deram as formas do silêncio nesse contexto.

O mutismo da fotografia tem algo de obstinado nos antípodas das volutas delgadas da inteligência abstrata. Tal maneira de resistir em silêncio a desserve e passamos rapidamente demais sobre essas imagens que não querem dizer. Mas seu mutismo encobre ao mesmo tempo uma grande força, feita de circunspeção e de vigilância, nas quais poderíamos nos inspirar para não pensar rapidamente demais, nem fora do real. (MARESCA, 2012, p.40)

Acreditamos que as fotos da exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco*, que serão apresentadas no Capítulo 2, são um documento que se aproxima bastante de uma expressão de narrativa dos removidos ou do silêncio fundante. Ou seja, entendendo que não se pode resumir a realidade, por haver sempre facetas novas a serem exploradas que extrapolam as linguagens escrita e também as imagens. Acreditamos que as fotografias, especialmente aquelas que têm uma sensibilidade artística, podem ser um meio de aproximar bastante e gerar interpretações que nos aproximem do que muitas vezes nem chegou a ser expressado.

Uma imagem tem sua força drenada pela maneira como é usada, pelos lugares onde é vista. Imagens mostradas na tevê são, por definição, imagens das quais, mais cedo ou mais tarde, as pessoas se cansam. O que parece insensibilidade se origina na instabilidade da atenção que a tevê intencionalmente provoca e nutre por meio da sua superabundância de imagens. A saciedade de imagens mantém a atenção ligeira, mutável, relativamente indiferente ao conteúdo. O fluxo contínuo de imagens impossibilita uma imagem privilegiada. O xis da questão na tevê é que se pode mudar de canal, é normal mudar de canal, ficar inquieto, entediado. Os consumidores desanimam. Têm de ser estimulados, sacudidos sem cessar. O conteúdo é apenas um desses estímulos. Um interesse mais reflexivo pelo conteúdo demanda uma certa intensidade de consciência – exatamente aquilo que é enfraquecido pelas expectativas expressas em imagens difundidas pela mídia, cuja rarefação de conteúdo contribui, mais do que qualquer outra coisa, para o embotamento do sentimento (Sontag, 2003)

2.2 A COPA DO MUNDO, OS MEGAEVENTOS E A POLÍTICA

Os megaeventos esportivos, especificamente a Copa do Mundo da Fifa, têm sido objeto de diversos estudos no Brasil ao longo dos últimos anos, alguns sendo mais gerais, como a pesquisa *Metropolização e Megaeventos: os impactos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016* – realizada nacionalmente pelo Observatório das Metrôpoles – e o estudo *Uma Arena para Pernambuco: impactos e avaliação de promotores, vizinhos, beneficiados, atingidos*. Ambos dedicaram-se a tentar entender, analisar e explicitar a retirada de direitos dos moradores afetados pelas obras da Copa do Mundo no Brasil e em Pernambuco.

Outros estudos têm um recorte específico de uma comunidade, como é o caso das dissertações *Barra da Tijuca e o projeto olímpico: a cidade do capital* (GUIMARÃES, 2015) e *Remoções forçadas, moradas desmanteladas: uma intervenção estatal no Loteamento São Francisco* (MOURA, 2016).

O País finalmente viu encerrar-se em 2016 o ciclo de grandes eventos que foi iniciado muito antes do Pan-Americano de 2007 e dos Jogos Mundiais Militares de 2011, ambos realizados no Rio de Janeiro. Essas gigantescas competições esportivas, nas últimas décadas, têm sido marcadas por uma preparação das cidades que envolve investimentos grandiosos das gestões públicas e do capital privado.

Nos anos 1990, tornou-se hegemônica a prática de organização de megaeventos como componentes do planejamento urbano estratégico, com vistas a melhorar a posição dessas cidades na economia globalizada (ROLNIK, 2010). O exemplo de Barcelona é utilizado até hoje para justificar positivamente grandes intervenções urbanas. A realização de grandes torneios internacionais como estratégia de desenvolvimento econômico, que inclui a renovação da infraestrutura urbana e o investimento imobiliário, converteu-se no enfoque contemporâneo dos megaeventos por parte das cidades e dos Estados.

Nos anos 1980 e 1990, com exceção do México em 1986, todas as Copas do Mundo foram realizadas em países desenvolvidos. O Mundial de 2006 marcou o fim de um período que já havia tido um teste em 2002 quando o torneio foi dividido entre o Japão e a Coreia do Sul. A partir de 2010, na África do Sul, foram escolhidos para sediar as Copas Brasil, Rússia e Catar (todos países em desenvolvimento, com sistemas políticos bastante jovens). Para FERREIRA (IN JENNINGS, 2014), muitos analistas, dentre os quais ele inclui-se, e eu também, avaliam que esse deslocamento foi claramente estratégico, devido aos protestos cada vez mais frequentes contra os megaeventos nos países do Norte.

Os organizadores dos megaeventos procuram fugir da pressão exercida pela sociedade civil e, ao mesmo tempo, buscam estruturas governamentais menos estruturadas ou mais contaminadas por uma corrupção estrutural. Internamente, os governantes, especialmente de países em desenvolvimento, usam os megaeventos

esportivos como vitrines. O discurso do “legado” dos megaeventos é comum a todos esses países. Por traz disso, no entanto,

uma coalizão político-econômica que envolve diversos atores: os organismos esportivos internacionais e seus pares nacionais, os governos locais e os órgãos públicos de financiamento, as grandes empreiteiras, as elites fundiárias e imobiliárias. Todos se mobilizam para fazer funcionar uma “máquina de crescimento”.

Porém, como é habitual, confunde-se crescimento econômico com desenvolvimento. E a ilusão tem pernas curtas. As experiências de outros países, como China, Grécia, Canadá, África do Sul ou até mesmo França, mostram que os equipamentos construídos para os megaeventos têm uma capacidade muito baixa de integração após a conclusão dos eventos (FERREIRA, IN JENNINGS, 2014, P. 12)

A Copa do Mundo de 2014, assim como as Olimpíadas de 2016, foram “conquistas” políticas anunciadas durante as gestões de Dilma Rousseff e de Luiz Inácio Lula da Silva, mas a realização das Olimpíadas de 2016, já aconteceu sob a gestão interina de Michel Temer. No caso do torneio da Fifa, cuja cobertura midiática será nosso objeto de estudo, o anúncio da escolha do Brasil aconteceu no dia 30 de outubro de 2007. “No Brasil, o empenho do presidente Lula diz muito sobre o papel estratégico desses eventos para a imagem de um país. Trata-se de posicionar-se no capitalismo financeiro como ‘um bom lugar para investimentos’”.

O país vivia o início do segundo mandato de Lula, justamente após uma eleição em que o projeto político do PT conseguiu sobressair-se mesmo depois de ter sofrido duros golpes por acusações de corrupção, especialmente relacionadas ao Mensalão. Naquele momento do anúncio da sede do Mundial de 2014, havia uma previsão de gastos de R\$ 5 bilhões, que seriam majoritariamente realizados pela iniciativa privada. No início de 2014, registrava-se que apenas 15% dos custos com obras do Mundial 2014 estavam sendo bancados por empresas privadas (PAULA e BARTELT, 2014).

No fim de 2014, o Tribunal de Contas da União anunciou gastos nas obras do Mundial da ordem de R\$ 25,5 bilhões⁴¹. Do total, R\$ 7 bilhões teriam sido gastos em mobilidade urbana e R\$ 8 bilhões em estádios. As obras relativas a aeroportos custaram R\$ 6,2 bilhões e as obras de entorno dos estádios custaram R\$ 996 milhões.

⁴¹TCU contabiliza R\$25,5 bilhões de gastos com a Copa do Mundo. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo>> Acesso em 14 de janeiro de 2017

Os sete anos de preparação para a Copa do Mundo foram marcados por um debate ideológico em que inicialmente se sobressaiu um discurso desenvolvimentista que previa mudar a imagem do Brasil através dos grandes investimentos, representados pelas obras do Mundial 2014. Em 12 de novembro de 2009, a revista *The Economist* publicou uma capa de grande repercussão mostrando o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, levantando voo. Ela fazia justamente uma menção ao fato de o País ter sido confirmado como sede das Olimpíadas e estar, naquele momento, mostrando bons resultados econômicos, mesmo em meio a uma grande crise econômica mundial, relacionando isso com os gastos públicos e privados para os megaeventos.

Um dos mecanismos acionados para poder controlar a construção das imagens públicas do processo de 'desenvolvimento' em operação é controlar o tempo e as informações ao longo de diferentes fases do processo: planejamento, com tempo lento e informações restritas; execução, com tempo corrido e informações múltiplas, imprecisas e desencontradas; e pós-execução (ou de celebração-mitigação, novamente com tempo lento e informações imprecisas, contraditórias e distorcidas). Os beneficiados nunca constituem um grupo isolado, pois a sua força jaz nas alianças de interesses comuns que os levam a compactuar no estímulo à ação planejada (SCOTT, R. P. ; MOURA, A. B. M., 2014).

Acreditamos que é preciso entender o ato de silenciar também como um fator relacionado ao momento que vivia o Brasil e também ao próprio mercado de mídia no País. Os protestos e mesmo a defesa realizada em relação a todo o processo relacionado aos megaeventos na maioria das vezes estão focados nos resultados esportivos e nos investimentos de infraestrutura realizados para a realização das competições. E o impeachment de Dilma Roussef, que viria a acontecer em 2016, talvez explique muito do silenciamento que houve também dentro dos movimentos sociais em relação às violações de direitos nos megaeventos, já que as gestões do Partido dos Trabalhadores tinham grande apoio desses grupos organizados.

Um tema bastante relevante e que veio à tona na mídia, principalmente em 2015⁴², já que entrou nas investigações da Operação Lava Jato da Polícia Federal, são os gastos públicos na Parceria Público Privada da Arena de Pernambuco e nas obras de mobilidade. Chama a atenção a forma como esse tema passou ao largo dos principais noticiários durante o Mundial em Pernambuco, quando, inclusive, chegou a ser efetivada pela Assembleia Legislativa de Pernambuco uma doação de

⁴²Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/08/operacao-da-pf-investigacao-construcao-de-estadio-em-pernambuco.html>> Acesso em: 19 de outubro de 2016

terreno de 200 hectares para os empresários responsáveis pelo estádio, que deveriam construir nessa área a chamada Cidade da Copa.

Essa temática, como outras, praticamente não foi abordada pela imprensa pernambucana na época do Mundial de 2014. Seria o caso das minorias como a dos agricultores e das prostitutas que foram removidos durante o processo de gentrificação promovido nas cidades periféricas. Esses temas, no entanto, apesar de terem sido alvo de tentativas de pesquisa, não tiveram uma farta divulgação. Para Orlandi (2007): “A intervenção do silêncio faz aparecer a falta de simetria entre os interlocutores. A relação de interlocução não é nem bem comportada, nem obedece a uma lógica preestabelecida. Ela é atravessada, entre outros, pela desorganização do silêncio”.

Em 2013, quando jornalistas de diversos países se preparavam para vir ao Brasil para cobrir a Copa das Confederações, teve início uma onda de protestos que aconteceu no País depois de a população tomar as ruas também em países como o Egito e a Turquia. As manifestações de junho ou jornadas de junho (como ficaram conhecidas) criaram o ambiente para que a Copa das Confederações e posteriormente também a Copa do Mundo se tornassem ainda mais claramente um período de disputa de narrativas. A expectativa é explicitada no livro *Copa para quem e para quê? Um legado sobre os legados dos mundiais do Brasil, África do Sul e Alemanha*.

De acordo com a agência Kantar Sports, 3,2 bilhões de espectadores, o equivalente a 46% da população da Terra, acompanharam o torneio da África do Sul. Com a possibilidade que esse número se repita ou até mesmo seja superado, o Brasil passará por um marco. Não se sabe ainda se ele vai melhorar ou piorar a imagem do país no exterior, mas certamente redefinirá a forma como ela é projetada (PAULA, M.; BARTELT, D. D.; 2014, p. 17).

No caso da Copa do Mundo no Brasil, é preciso perceber inicialmente que o discurso ideológico não se deu somente de um ponto de vista. Havia, por um lado, interesses econômicos e financeiros em torno dos grandes investimento que envolveram não só gestões públicas, mas também empresas privadas de diversos setores incluindo a mídia. Sem criar uma áurea de credibilidade total na cobertura da mídia independente - afinal, para Foucault (1996), até o trabalho acadêmico precisa estar policiando-se constantemente para tentar não externar as influências sofridas - acreditamos que este trabalho pode ser importante para explicitar os silêncios e

silenciamentos, sejam eles motivados por questões políticas, financeiras, religiosas, de conhecimento prático ou de qualquer outra razão.

Do ponto de vista das empresas de mídia, somente a Rede Globo, detentora dos direitos de exibição no País juntamente com a TV Bandeirantes, esperava faturar R\$ 1,438 bilhão com a comercialização das cotas de patrocínio do Mundial.

Considerando que na Copa da África do Sul a Rede Globo conseguiu R\$ 490 milhões com seis cotas de R\$ 81,8 milhões cada, o torneio no Brasil representa um aumento de quase 200% no seu faturamento. Não à toa a emissora vem sendo criticada pelo modelo de cobertura que adota, inclusive gerando radicalizações contra ela, como nos casos de repórteres seus sendo expulsos dos atos de rua pelos manifestantes. Associar o seu principal produto em 2014 a pautas ruins – como superfaturamento de obras e remoções de famílias pobres – não seria nem um pouco bom para os negócios (MARINHO, in PAULA, M.; BARTELT, D. D., 2014)

Os valores, a necessidade de algumas das obras e a falta de transparência no processo vinham sendo denunciados por representantes da sociedade civil desde antes das jornadas de junho de 2013 em todo o Brasil. Depois do término do Mundial, no entanto, famílias impactadas pelas obras de mobilidade ou de estádios ainda continuam sofrendo por não terem conseguido reestabelecer moradia ou, em alguns casos, por terem sofrido com mortes ou doenças. Algumas das empresas de mídia que pouco deram atenção a esse tipo de pauta passaram a abrir mais espaço para reportagens críticas após o Mundial de 2014. Provavelmente um dos fatores que possibilitaram esse novo posicionamento editorial foi o fato de o produto Copa do Mundo já ter sido vendido. Ao mesmo tempo, outros fatores como as investigações ocorridas na Operação Lava Jato⁴³ também possibilitaram que a pauta da corrupção nos megaeventos ganhasse espaço nos grandes veículos da mídia brasileira.

As tentativas de influenciar a opinião pública pelos diversos grupos econômicos e políticos certamente podem ser objeto de diversos estudos acadêmicos, assim como os impactos positivos e negativos dessas obras nas comunidades carentes, no que se refere ao direito à cidade e em outros aspectos também. Um fato bastante simbólico de como foram silenciadas informações objetivas é relativo ao número de remoções no Brasil e em Pernambuco. A Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa fez um levantamento sobre as

⁴³Investigação da PF sobre Arena Pernambuco terá provas da Lava Jato. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2016/06/investigacao-da-pf-sobre-arena-pernambuco-tera-provas-da-lava-jato.html>> Acesso em 14 de janeiro de 2017

famílias que teriam perdido suas casas ou tido seu direito à moradia ameaçado por conta das obras do Mundial e das Olimpíadas nas 12 cidades sede dos megaeventos.

Se a questão habitacional no Brasil já é grave por si só, a realização da Copa do Mundo 2014 em doze cidades e das Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro agrega um novo elemento: grandes projetos urbanos com extraordinários impactos econômicos, fundiários, urbanísticos, ambientais e sociais. Dentre estes últimos sobressai a remoção forçada, em massa, de 150.000 a 170.000 pessoas. Dentre os inúmeros casos relatados pelos Comitês Populares da Copa destas cidades, emerge um padrão claro e de abrangência nacional. As ações governamentais são, em sua maioria, comandadas pelo poder público municipal com o apoio das instâncias estaduais e, em alguns casos, federais, tendo como objetivo específico a retirada de moradias utilizadas de maneira mansa e pacífica, ininterruptamente, sem oposição do proprietário e por prazo superior a cinco anos (premissas para a usucapião urbana). Como objetivo mais geral, limpar o terreno para grandes projetos imobiliários com fins comerciais (Dossiê da Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa - Megaeventos e violações de direitos humanos no Brasil, 2014¹)

Partimos de uma reflexão: talvez ainda seja importante mensurar o quanto esse impacto na população, tanto nas comunidades afetadas pelas obras como no restante dos moradores das cidades próximas aos eventos, foi efetivamente discutido pela imprensa e pela população de uma forma geral. Certamente, muitas das comunidades tiveram pouca ou quase nenhuma atenção de acadêmicos, da imprensa e mesmo de grupos organizados de militantes. No Recife, o Comitê Popular da Copa teve um trabalho bastante voltado para o acompanhamento da comunidade do Loteamento São Francisco, em Camaragibe. Por existir um farto material documentando essa atuação, acreditamos que possamos, com um olhar atento, discutir os silêncios e silenciamentos que aconteceram ali e, assim, ter uma perspectiva sobre essa situação que possivelmente se repetiu de forma semelhante em outras localidades do Estado.

Mas, ampliando o espectro, é importante notar como até mesmo os números nacionais sobre as remoções são controversos. Apesar de, na época, o Governo Federal, nas gestões Dilma Roussef e Luiz Inácio Lula da Silva, ter uma proximidade com os movimentos sociais e eles colocarem-se como gestões de esquerda, até hoje é difícil adotar um número oficial de remoções no Brasil ou na maioria dos Estados afetados pelas obras do megaevento. Os números oficiais de remoções não são facilmente encontrados, mesmo nas iniciativas de transparência que foram

implementados pelo Governo Federal, como o Portal da Transparência⁴⁴. Consideramos bastante relevante o fato dessa informação ser esquecida, ainda mais quando imaginamos que, tanto no Brasil quanto em Pernambuco, naquela época tínhamos gestões que se diziam de esquerda. Ou seja, deveriam demonstrar esse tipo de preocupação social.

Para Harvey (2008), “progressivamente vemos o Direito à Cidade cair em mãos privadas ou em interesses quase privados”.

O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos (HARVEY, 2008).

Maricato (in JENNINGS, 2014, p.18) chama o tipo de intervenção urbana comum nos megaeventos de “urbanismo de espetáculo”.

O processo de assalto às economias nacionais, com propostas de renovações urbanas que incluem obras e flexibilização da normativa urbanística, não acontece exclusivamente em função dos grandes eventos: pode-se dizer que é uma das estratégias regulares da globalização neoliberal. Com os megaeventos, essa tendência se potencializa. As cidades ocupam um papel importante no processo de acumulação no capitalismo globalizado, do qual, por ocasiões dos meganegócios, o espaço urbano, as obras de infraestrutura e as edificações constituem parte essencial

Em Pernambuco, um dos argumentos utilizados para justificar a escolha de São Lourenço da Mata para receber a chamada Cidade da Copa e a construção da Arena de Pernambuco foi que outras localidades, como Olinda, precisariam fazer um grande número de remoções. Com base na Lei de Acesso a Informação – Lei 12.527/81, o Observatório das Metrôpoles solicitou, através de ofícios, ao Governo do Estado o número de famílias desapropriadas em função das obras da Copa. Mas os ofícios não foram respondidos (RAMALHO, 2015, P.39). A autora estima que foram mais de duas mil famílias desapropriadas e removidas em função das obras da Copa na RMR, entre elas destacam-se: “333 para implantação da Arena e Cidade da Copa, 59 para implantação do Terminal Integrado de Cosme e Damião, 952 para a implantação da Via Mangue (removidas para Conjunto Habitacional), 420 para implantação da Radial Leste/Oeste, 38 para implantação da Radial Norte/Sul; além

⁴⁴Disponível em: <<http://transparencia.gov.br/copa2014/home.seam>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

de outras desapropriações para as obras da BR 408, do Terminal Integrado de Camaragibe, entre outros”.

O diferencial no Recife é que o Governo do Estado já fez a escolha por uma área que fica a 20 quilômetros do Centro da capital, que deveria ter recebido a Cidade da Copa e transformado-se em um novo polo imobiliário. Porém, no geral, a situação é a descrita por MARICATO (IN Jennings, 2014, P. 21): “Com o aumento do preço dos aluguéis e imóveis, parte da população trabalhadora foi expulsa para novas fronteiras da periferia urbana, ampliando a extensão das cidades e comprometendo áreas de proteção ambiental ou risco geotécnico”.

Ramalho (2015) ressalta, em relação ao terreno da Cidade da Copa e da Arena de Pernambuco, que, uma vez definida a opção por São Lourenço da Mata para a construção do estádio e da Cidade da Copa, a primeira iniciativa foi a alteração do Plano Diretor do município. A coordenadora da pesquisa do Observatório das Metrôpoles explica que, apesar do esforço dos pesquisadores, eles não conseguiram, ao curso de sua pesquisa, informações do processo dessas mudanças junto à Câmara de Vereadores. Também não se tem notícia de audiências públicas para tal modificação, e ela observou uma grande dificuldade da Prefeitura de São Lourenço da Mata em apresentar o novo Plano Diretor, que “é um instrumento que deveria ser acessível a qualquer cidadão” (Ramalho, 2015, P. 35).

Decidimos focar nosso estudo na questão das remoções, levando em conta que essa temática foi bastante debatida pelo Comitê Popular da Copa no Estado e esse trabalho está registrado em documentos e fotografias. Em artigo publicado na Revista *Anthropológicas*, Scott e Mello comparam as táticas utilizadas pelo poder público para retirar e desmontar as resistências nas populações atingidas pelas remoções causadas pela Barragem de Itaparica e no caso específico do Loteamento São Francisco.

A primeira tática é a desmoralização dos atingidos: procura-se retratá-los como pouco merecedores de benefícios, por serem aproveitadores do que é oferecido pelo governo, ou pela lerdeza, incapacidade ou ilegalidade, ou mesmo, no outro lado do espectro, pelo excesso de esperteza. Sugere-se que eles estão burlando alguma coisa em vez de que cobrando seus direitos, ou que eles não têm conhecimentos adequados para lidar com a própria situação (Scott 2012). Direta ou indiretamente, os moradores do loteamento podem virar ‘invasores’ aos olhos do Estado desapropriador. Ocorre como drama individual, quando a justiça do Estado exige uma regularização da titulação de quem a tem de uma maneira precariamente informal. A indenização é por propriedade, não por família, e apesar de ser

de um loteamento' com pessoas com décadas de residência, quando uma família constrói uma casinha no seu lote, está criando um grupo não elegível diretamente para indenização. Aí tem que se comprovar correta e legalmente para ter direito à compensação, sugerindo-se que os que encontram barreiras judiciais nos seus processos sejam irregulares e ilegais, e ainda usa este fato para ameaçar a população com declarações como 'quem entra na justiça demora muito mais e ainda recebe menos, é melhor aceitar a valorização calculada da sua propriedade. Com os parâmetros temporais para defenderem-se diante do processo acelerado do cronograma de obras para a Arena, generaliza-se o sentimento de terem sido desrespeitados e estarem sentindo 'indignação' (SCOTT, R. P; MOURA, A. B. M, 2014)

É possível imaginar que também a imprensa tenha tido um papel a desempenhar durante a Copa do Mundo no sentido de não explicitar os pleitos dos atingidos no tempo ou com destaque suficiente.

(...) no tempo corrido quase todo este novo "barulho" dos residentes locais e dos que os apoiam é ensurdecido pelas expectativas públicas cada vez mais intensivamente divulgadas na mídia, sobre as qualidades dos times de futebol e o desempenho dos jogadores, sobre os acidentes nas construções atrasadas (Maracanã, Itaquera, Manaus, Curitiba), sobre os problemas de mobilidade urbana que parecem que serão ainda insolúveis, apesar da intensificação das obras da Copa que possam contribuir para intensificar os seus ritmos de implantação. O próprio Portal da Copa desenha cartões verdes e cartões vermelhos para que todos saibam que alguns objetivos não estão conseguindo ser alcançados, o que cria um clima de atenção às obras mais do que às pessoas que estão sendo atingidas por elas. As falhas nas construções provocam comentários sobre a credibilidade dos construtores e de qualidade do seu trabalho (muitas vezes dizendo que o cronograma apertado é uma desculpa, pois elas não se interessam mesmo na qualidade, por estarem visando o lucro). Esta atenção à obra, por mais que provoque uma satisfação nos que sentem que têm consciência crítica e falam contra os "proveitadores" dos grandes orçamentos das grandes obras, também cria um desvio do olhar no qual os diretamente atingidos continuam pouco percebidos (SCOTT, R. P; MOURA, A. B. M., SANTOS, D. A., SOUZA, E. A., 2014)

Porém, outras das táticas que eram destacadas pelos pesquisadores mesmo antes da Copa (levando em conta a experiência de Scott nas remoções da Barragem de Itaparica) são a metamorfose institucional, que veio a acontecer com a extinção das principais Secretarias do Governo do Estado que trataram do tema, especificamente a Secretaria Extraordinária da Copa e a Secretaria Extraordinária das Remoções. De uma forma até premonitória, o artigo citado acima também mostra a questão do abandono planejado. O terreno de onde foram removidas as famílias do Loteamento São Francisco vem sendo utilizado atualmente como depósito de ônibus de uma empresa privada (ver o Anexo A), deixando claro que o poder público tem pouco ou nenhum interesse por aquela área, enquanto na Arena de Pernambuco o Governo do Estado investe para manter a realização de atividades

esportivas⁴⁵ e procura combater o discurso de que os investimentos criaram um “elefante branco”.

A última tática destacada por Scott e Mello é a “incorporação burocrática” de lideranças dos movimentos ou atingidos pelas obras do poder público.

“Durante o processo da concessão das indenizações várias famílias deixaram de participar após receber pelo menos parte da sua indenização, e outros que estavam reunidos levantavam a desconfiança que a resolução dos casos foi para enfraquecer o movimento, embora não tenha sido possível comprovar isso em pesquisa”. (SCOTT, R. P., MOURA, A. B. M., 2014)⁴⁶

Percebendo aqui, como Foucault (1979), que uma ideia não necessariamente é imposta através somente de limitações, castigos e do aparelho repressivo. Se assim fosse, seria muito fácil de contrapor-se a essa estratégia. A lógica da realização dos megaeventos, assim como dos megaempreendimentos econômicos, é justamente a de colocar esses gastos em obras de estádios e de infraestrutura (especialmente mobilidade) como relevantes para o crescimento econômico do país.

No caso das competições esportivas, a defesa dos investimentos ainda ganha novos contornos. Pois, além da questão econômica, surgem outras como a do legado esportivo, do desenvolvimento das cidades e, em um grau um pouco menos verificável, o ufanismo e a defesa da pátria como realizadora da competição e mesmo durante as competições esportivas. Em outros Estados, como o Rio de Janeiro, o legado esportivo dos megaeventos tem sido foco de estudiosos e da militância. Um dos principais resultados políticos das mobilizações de junho de 2013 na capital carioca foi a decisão do Governo do Estado de parar as obras que destruiriam os complexos de natação (Júlio Dellamare) e atletismo (Celio de Barros) que ficam ao lado do estádio do Maracanã.

⁴⁵Adrenalina e muita diversão na estreia da Arena Radical. Disponível em: <<http://www.pe.gov.br/blog/2016/11/22/adrenalina-e-muita-diversao-na-estreia-do-arena-radical/>> Acesso em 1º de janeiro de 2017

⁴⁶Era comum enquanto jornalista ouvir denúncias realmente de pessoas que teriam recebido um emprego público ou recebido as indenizações e depois deixado de participar do Comitê Popular da Copa, mas efetivamente é difícil comprovar essa situação como também se torna praticamente impossível provar que havia entre os integrantes do grupo pessoas que faziam um papel de enfraquecer o movimento, já que estavam ali efetivamente para fiscalizar e viabilizar que as remoções fossem realizadas da forma menos danosa possível para os investidores e governantes.



Figura 3 Registro de fotógrafo americano de crianças à beira do Ramal da Copa Crédito: ZacharyCanepary

Com a passagem dos jornalistas estrangeiros pelo Brasil, as fotografias de meninos jogando futebol no acostamento do Ramal da Copa ficaram conhecidas através das lentes do americano ZacharyCanepary⁴⁷. Mas pouco foi divulgada a informação da destruição dos campos da região e não é possível encontrar reportagens da mídia tradicional que toquem nesse problema.

A chegada dos atletas e dos jornalistas estrangeiros abre um período de tempo em que a cidade que sedia um megaevento torna-se foco das atenções mundiais. A mídia internacional também chega às cidades-sede dos eventos. E surgem discussões que aparentemente são críticas, mas que nem sempre mostram com profundidade o drama gerado para milhares de famílias ou o que efetivamente os investimentos públicos alteraram nos municípios. O passado e o futuro dessas localidades ficam muito menos visíveis.

Para Paula (2014), “a cidade-empresa é o novo paradigma do desenvolvimento urbano”. Na conclusão do livro *Copa para quem e para quê?*, a autora considera que as grandes corporações definem os gastos públicos em

⁴⁷Disponível em: <<http://www.vox.com/a/world-cup-2014-brazil-pictures/football>> Acesso em: 07 de novembro de 2016

megaeventos, fazendo com que as decisões deixem de ser tomadas no nível local e, assim, não são levados em consideração elementos fundamentais como o direito à cidade. Ao analisar os dados e as narrativas expostos no livro por vários autores, ela diz:

comparativamente podemos perceber que os processos envolvendo a realização da Copa do Mundo aprofundam as desigualdades em países do Sul e fortalecem projetos de cidade extremamente excludente para setores mais pobres da população. Enquanto a Copa do Mundo na Alemanha teve outro caráter já que os processos de gentrificação e reestruturação tinham acontecido nos anos 1990. No entanto, para os objetivos do governo alemão foi uma estratégia de marketing financeiro para desenvolver o turismo e oportunidades de investimento em negócios que mostrou-se exitosa (PAULA, M., BARTELT, D.D., 2014, p. 59).

Os Jogos Pan-Americanos, a Copa e as Olimpíadas seriam certamente parte da estratégia do PT, inclusive da sucessora de Lula, Dilma Roussef, para difundir a imagem de um Brasil que já não era emergente. Evidentemente, o poder não assume uma forma clara e não há como se nomear os responsáveis por alguns fatos acontecerem. Mas, ao estudar os megaeventos, percebe-se que paradoxalmente a gestão socialista do francês François Mitterrand foi uma das primeiras a utilizar as grandes obras de megaeventos como estratégia política (Ferreira IN JENNINGS, 2014).

O poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, com uma máquina social, que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social (MACHADO in FOUCAULT, 1979, p. 14).

Poderíamos elencar o papel da mídia nessa estratégia? Ou das gestões públicas municipais, estaduais e do Governo Federal, das empreiteiras contratadas para realizar cada uma das obras na Região Metropolitana do Recife, das empresas locais que venderam terrenos ou de alguma maneira tinham interesses na realização das obras de engenharia? Por outro lado, como os movimentos sociais que se contrapuseram a essa lógica e quais outras forças políticas estavam associadas para fortalecer um discurso de respeito ao direito à cidade?

Moura (2016) assume um questionamento em relação à sua monografia:

O título da minha monografia continha a frase de uma senhora, moradora do Loteamento São Francisco. Indignada com a demolição de sua casa e dos seus vizinhos, no lugar onde morou durante 40 anos, ela me perguntou: “Tudo isso por causa de uma bola?”. Com toda razão, já que seu bairro foi demolido para passagem de uma via de acesso a à Arena Pernambuco, e

ela não via o menor sentido de colocar tantas casas abaixo para realização dos jogos de futebol daquele megaevento. No final da minha defesa, uma das professoras da banca me indagou “será que tudo isso é mesmo só por causa de uma bola?”, essa questão permaneceu na minha cabeça durante muito tempo e me fez pensar que vai muito além da bola, muito além do megaevento. No decorrer da pesquisa, tornou-se evidente o vertiginoso aumento do número de remoções nas últimas décadas em nível mundial. Diversas são suas causas, mas em diversos países, os grandes projetos de investimento tem sido um acelerador dessas remoções forçadas

O caso das remoções do Loteamento São Francisco, às vésperas da Copa do Mundo em Pernambuco, será evidenciado neste estudo entendendo que esse tipo de intervenção do poder público tem semelhanças com as intervenções feitas em polos e em grandes obras de infraestrutura em todo o mundo, como destacam Scott e Moura (2014). Porém, ganha uma perspectiva diferente por fazer parte de um megaevento, inclusive (mas não exclusivamente) por uma cobertura de Copa do Mundo chamar a atenção de toda a imprensa do mundo.

O investimento nas 12 cidades-sede da Copa do Mundo exemplifica a prática do poder público e de empresas privadas, que, em nome de um discurso de incentivo ao esporte no país e do desenvolvimento econômico, têm passado por cima de direitos e necessidades das pequenas comunidades afetadas por grandes obras como as que foram necessárias para o Mundial ou que afetam grande número de pessoas em megaprojetos públicos ou privados. Este projeto busca contribuir para responder à pergunta de Bartelt (2014, p. 11):

A Copa no Brasil pode servir de bom exemplo para um processo mundial de conscientização de que megaeventos não podem ser realizados a custo do desenvolvimento social. Será por isso que a Fifa concedeu as próximas Copas a países não democráticos?

Mesmo antes do impeachment no Brasil, havia um desrespeito a alguns direitos de forma autoritária. A então relatora da ONU para o direito à moradia, Raquel Rolnik, acompanhou diversos processos que antecederam a realização do megaevento. Ela chamou a atenção, ao visitar o Recife, para dois problemas, o direito à moradia e também a transparência⁴⁸.

Em seis anos de mandato como relatora especial da ONU para o Direito à Moradia Adequada, eu nunca – nunca – tinha vivido uma situação em que uma Câmara Municipal tenha impedido a realização de um evento e de uma audiência pública sobre o direito à moradia. Eu já fiz isso várias vezes em várias câmaras e congressos e parlamentos, de várias cidades do mundo e

⁴⁸Câmara do Recife cancela debate sobre a Copa e moradia. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/camara-do-recife-cancela-debate-sobre-copa-e-moradia,87eefc0a9eaa2410VgnVCM300009af154d0RCRD.html>> Acesso em 2 de fevereiro de 2017

sinceramente foi a primeira vez que eu chego para fazer um debate sobre o direito à moradia e encontro um portão de uma câmara municipal, que é a Casa do Povo, fechado.

A representante das Nações Unidas sentiu em Pernambuco uma pressão que, em parte, tentei relatar na Introdução desta dissertação, mas que faz parte principalmente do relato dos envolvidos diretamente nas remoções, seja como vítimas ou como funcionários dos órgãos da Justiça e dos poderes públicos estadual ou municipal. Em seu blog, Rolnik⁴⁹ considerava, na época, sobre o direito à moradia, que o que ela viu em Pernambuco “só confirma que a falta de transparência e de espaços de participação da população na definição dos projetos é uma regra, bem como as baixas compensações financeiras e a total ausência de alternativas habitacionais oferecidas para os atingidos”.

2.3 UMA COMUNIDADE CHAMADA LOTEAMENTO SÃO FRANCISCO

Andando pelas ruas de Camaragibe, acabamos chegando numa região ao lado do Terminal Integrado, onde os portões abertos das casas e diversos estabelecimentos (mercearias, salões, escolas, oficinas) movimentavam as dinâmicas ruas do bairro. Descobrimos então que estávamos no bairro Loteamento São Francisco e passamos em várias casas para conversar com os moradores. Todos nos receberam bem e narravam os acontecimentos enfatizando sua indignação, era perceptível a atmosfera que pairava no bairro, uma mistura de desinformação, incerteza e medo. Ninguém sabia exatamente o que estava pra acontecer ali, há alguns meses uma empresa tinha colado aqueles adesivos e informado a necessidade da demolição das casas, sem maiores explicações. Inicialmente chocados com a notícia, os moradores não sabiam a quem recorrer para ter mais informações (MOURA, 2016, P. 68)

O relato de Moura (2016) faz parte da dissertação *Remoções forçadas, moradas desmanteladas: uma intervenção estatal no Loteamento São Francisco*. Em 2012, a autora participava, como monitora, de uma disciplina da UFPE que tinha como tema os impactos da Copa do Mundo. O que ela relata é um bairro cheio de vida, uma realidade completamente diferente do que viu a maioria dos repórteres que esteve no Estado exclusivamente para a cobertura do evento esportivo, que chegou ao Brasil em junho de 2014.

A pressa para desfazer as comunidades, desmanchar uma realidade que existia, talvez tenha sido fortemente influenciada pela possibilidade de geração de imagens impactantes. Afinal, passados mais de dois anos do torneio, muitos dos

⁴⁹Em Pernambuco se repete o desrespeito ao direito à moradia. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2013/12/03/em-pernambuco-repete-se-o-desrespeito-ao-direito-a-moradia/>> Acesso em 2 de fevereiro de 2017

espaços continuam vazios, e o poder público ainda nem iniciou algumas das obras previstas para junho de 2014 em áreas como o Loteamento São Francisco⁵⁰.

Nesse bairro, um total de 129 terrenos foram desapropriados. O Comitê Popular da Copa e os moradores afirmam que, nesses imóveis, viviam mais de 200 famílias. No dia 15 de maio de 2014, um protesto denunciou a morte de sete pessoas que moravam na região durante o curso das remoções, por problemas de saúde agravados pela violência psicológica e problemas gerados pela perda das moradias (na maioria eram moradores idosos que faleceram). Depois do Mundial de 2014, faleceram mais três moradores citados na Introdução, totalizando a morte de pelo menos dez pessoas. Os números são bastante inconsistentes, pois o poder público nega-se a passar as informações detalhadas. Além disso, há famílias que ainda buscam semanalmente o Fórum de Camaragibe para tentar receber suas indenizações.

Três anos depois das demolições, a indenização ainda não foi totalmente liberada para alguns moradores. No momento da desapropriação, as pessoas podiam concordar com o valor da indenização oferecida ou discordar. O primeiro caso dá origem a um processo administrativo, ao passo que o caso de não concordar com o valor origina uma ação judicial. Ou seja, quem discorda entraria na justiça contra o governo do estado de Pernambuco para tentar modificar o valor da indenização. Para muitas pessoas, o dilema era aceitar um valor que não consideravam suficiente, para evitar o longo aguardo pela decisão judicial (MOURA, 2016, P. 98).

Certamente, as empresas pernambucanas de mídia são fortemente influenciadas pelas forças que detêm o poder econômico e político nacionalmente e também no Estado. Assim, as pautas discutidas pelos meios de comunicação locais ainda são mais fortemente impulsionadas ou silenciadas pelos representantes desses interesses. No entanto, por ser um evento que atrai a atenção de toda a mídia mundial, aparentemente os desmandos em relação ao direito à cidade relacionados à Copa do Mundo de 2014 tiveram algum olhar, já que esse tema é uma questão pouco abordada pelos grandes meios de comunicação, inclusive nacionais e internacionais.

O foco no direito à cidade e nas remoções é uma decisão que parte inicialmente da convicção de que é necessária uma reescrita da história para que se

⁵⁰Estado pretende destravar obras de mobilidade em 2017. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vida-urbana/2017/01/05/interna_vidaurbana,160873/estado-pretende-destravar-obras-de-mobilidade-em-2017.shtml> Acesso em 1º de fevereiro de 2017

torne mais claro como foram feitas as mudanças nessas cidades e como reagiram as populações. Mas acreditamos também que os megaeventos são importantes momentos para analisar a mídia brasileira e como ela tem comportado-se: em outras palavras, como tem sido negligenciado o direito à comunicação no Brasil. Então, nosso foco não estará somente nas questões urbanas ou mesmo nos impactos sociais das intervenções, mas, sim, em como isso afetou a pauta dos diversos meios de comunicação no Brasil.

Inspirados nos conceitos da arqueologia do saber desenvolvida por Michel Foucault, vamos tentar explorar e trazer novas perspectivas sobre acontecimentos ligados às obras do Mundial de 2014 em Pernambuco. Levamos em conta, para esmiuçar essa temática, uma série de leituras que passam por trechos de textos escritos antes da *Arqueologia do Saber* (2002), mas também posteriores, como os que levaram Foucault a desenvolver também o conceito de genealogia do poder, no livro *Microfísica do Poder* (1979). É necessário destacar que o autor francês, falecido na década de 1980, deixou bem claro que o método arqueológico não é estático e precisa, sim, ser revisado para ser utilizado em diferentes épocas e questões.

Acreditamos que questões como as remoções em bairros periféricos estão sendo revisadas, analisadas, quantificadas, por diversos autores brasileiros e estrangeiros, para se formar um quadro mais profundo das transformações que foram realizadas no Brasil a partir da definição de que o País seria sede dos megaeventos. No entanto, as obras dos estádios e também de mobilidade foram fartamente propagandeadas, assim como o aspecto esportivo dos torneios foram extenuantemente noticiados e a repercussão midiática dos impactos dessa interferência nas comunidades periféricas certamente ainda precisa ser melhor analisada.

Apesar de os números sobre as remoções ainda serem incertos, sabemos que mais⁵¹ de 2 mil famílias perderam suas casas por conta da Copa do Mundo em Pernambuco. Cerca de 10% desse total foram pessoas que moravam na comunidade do Loteamento São Francisco, onde o Comitê Popular da Copa fez a

⁵¹ Ainda não existem números oficiais de desapropriados, mas uma reportagem do autor deste artigo contabiliza, a partir de informações do Governo do Estado, o mínimo de 2 mil famílias removidas de suas casas devido a essas obras. O número é utilizado por diversos pesquisadores do tema Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/mais-de-2000familias-sao-removidas-por-obras-da-copa-em-pe,4cfb2688e59b0410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

maior parte das suas intervenções no Estado, inclusive uma campanha voltada para as redes sociais chamada *Nós valemos mais*.

Moura (2016) resume como foi o processo de remoções no Loteamento São Francisco:

Apesar do primeiro aviso sobre a remoção ter sido em meados de 2011, no Loteamento São Francisco, anos se passaram sem notícias exatas sobre o processo, o que levou algumas pessoas a acharem que não iam mais sair do bairro. Em 2012, andando pelas ruas do Loteamento, escutei de uma moradora "não vão tirar a gente mais daqui, não, só pediram esses documentos para saber quem tá vivo e quem tá morto". Esse prolongado tempo sem notícias foi interrompido pela entrega – feita por oficiais de justiça – do documento de imissão de posse no segundo semestre de 2013. No final de 2013, as casas começaram a ser demolidas e, no começo de janeiro de 2014, restavam poucas casas no local. (MOURA, 2016, p.113)

A retirada extremamente violenta das famílias acontece no fim de 2013 e início de 2014. Seria plausível imaginar que a ação tenha sido realizada como parte da estratégia para que os grandes meios de comunicação nacionais e internacionais que viriam ao Estado tivessem pouco ou nenhum acesso às imagens do que foram aquelas comunidades, que faziam parte dos caminhos para a Arena de Pernambuco, antes das remoções, mesmo que não houvesse mais condições efetivas de realizar-se as obras previstas. A única obra realizada na localidade foi uma pista denominada Ramal da Copa, que deveria ter seis faixas e acabou ficando com apenas duas. Já a expansão do Terminal Integrado de Camaragibe nunca aconteceu. Hoje, os terrenos das famílias removidas estão murados e servem de estacionamento de uma empresa de ônibus, fato já denunciado ao Governo do Estado pelo Comitê Popular da Copa (Anexo A).

Certamente, houve em Pernambuco um planejamento extremamente ineficiente. Para quem vê a forma violenta como se deram as remoções em 2013 e 2014, parece estranho que obras como a da expansão do Terminal Integrado de Camaragibe nem sequer tenham sido iniciadas, e outras, como o Ramal da Copa, ainda estejam longe de estarem completas. Por sinal, essas são as duas razões pelas quais foram removidos os moradores do Loteamento São Francisco.

Além das táticas de desmonte já conhecidas, para retirar direitos das comunidades removidas, no caso da Copa do Mundo de 2014 parece razoável acreditar que houve também uma estratégia voltada para inviabilizar uma cobertura midiática de grande porte sobre os impactos negativos das obras? Afinal, seria mais

difícil desprezar os impactos sobre as famílias se os moradores estivessem morando nas proximidades do estádio e nas rotas da imprensa internacional. Se mobilizar manchetes em grandes jornais parece difícil, talvez essas pessoas pudessem repercutir fortemente pela internet, como aconteceu em outros Estados do Brasil, a exemplo do Rio de Janeiro.

Moura (2016), a respeito do silenciamento na imprensa pernambucana, considera que:

Como esses impactos não são levados em conta com a devida seriedade, conseqüentemente as medidas “mitigatórias” também não são efetivamente realizadas. Geralmente, os “benefícios” dos grandes projetos são ressaltados em detrimento do silêncio sobre o que aconteceu com as famílias que estavam no “meio do caminho”. A dificuldade em obter dados oficiais do governo sobre o número de famílias removidas se repete em vários casos, o que demonstra uma maneira pela qual esse silêncio se manifesta. Assim como o conteúdo das manchetes de jornais locais, sempre ressaltando as benesses da vinda dos grandes projetos ou do megaevento e poucas vezes divulgando os efeitos negativos que os acompanham (MOURA, 2016, p. 27)

O projeto da Arena de Pernambuco e da Cidade da Copa criou obras que mudaram muitos aspectos da vida de moradores de bairros como Santa Mônica, Cosme e Damião (ambos no Recife), Viana, Loteamento São Francisco (em Camaragibe) e da área rural de São Lourenço da Mata. No Coque, por um outro lado, a comunidade mobilizou-se e conseguiu evitar parte das desapropriações e posteriormente participou ativamente de uma das mobilizações mais emblemáticas ocorridas no período da Copa do Mundo, a ocupação da área do Cais José Estelita (#OcupeEstelita), no Recife.

As obras da Arena de Pernambuco e do Ramal da Copa e a construção da estação de metrô Cosme e Damião e dos Terminais Integrados Cosme e Damião e Camaragibe foram fundamentais para a realização de um dos eventos de maior cobertura jornalística do planeta. Mas aspectos como o valor abaixo do mercado e a remoção de pessoas sem o devido pagamento de indenizações aos removidos antes de sua saída das casas pouco foram vistos nas pautas das TVs locais, apesar de terem sido tema em diferentes momentos de reportagens de grandes empresas internacionais (CNN, France Press, BBC, France Television, Al Jazeera).

Como mostra o vídeo *Copa sem Casa* (2014), produzido pelo blog Mídia Capoeira e pelo Coletivo Nigéria, para a Agência Pública de Jornalismo Investigativo, centenas de famílias pernambucanas removidas para obras da Copa

do Mundo ainda não haviam recebido, no período do torneio, as indenizações para que pudessem se realocar. E crianças tiveram seus espaços de lazer diminuídos, com quadras destruídas nas escolas e nos campos dando lugar ao Ramal da Copa.

As obras de mobilidade⁵², os treinos⁵³ e jogos das seleções e a presença dos estrangeiros⁵⁴ tiveram grande repercussão na mídia local pernambucana e junto aos entusiastas do Mundial. Por outro lado, muita gente questionava os atrasos nas obras de mobilidade e os gastos com os estádios. Porém, os problemas sociais trazidos pelas obras, como a diminuição dos espaços de lazer nessas localidades próximas à Arena de Pernambuco, praticamente não foram discutidos pela imprensa. Até o início de 2017, ainda fazia-se referência, na imprensa local⁵⁵, às obras de mobilidade prometidas para a Copa do Mundo. Porém, as dificuldades enfrentadas por jovens, adultos e idosos das comunidades afetadas só aparecem na imprensa em episódios isolados e tiveram ainda menos espaço antes ou durante os torneios da Fifa⁵⁶.

Sem muitas esperanças de modificar a situação das famílias atingidas após a realização do torneio, é preciso ressaltar que a retirada delas do Loteamento São Francisco ocorreu muitas vezes sem o pagamento das indenizações. Mas que, em alguns casos, os moradores que eram retratados em reportagens ou tinham certa liderança acabavam por deixar o Comitê Popular da Copa de Pernambuco após recebimento das indenizações. O fato acabou contribuindo para o enfraquecimento do grupo.

O motivo que levou à destruição dos imóveis sem a indenização foi justificado pelo estado alegando que existe algum tipo de pendência jurídica dos proprietários em relação ao imóvel, como: estar ainda aguardando processos de inventários na justiça, por não possuírem a escritura do imóvel, por débitos de impostos, entre outros. Questões essas que poderiam e deveriam ser agilizadas pelo próprio estado, que foi o interessado na desapropriação, e não penalizar ainda mais esses moradores. (RAMALHO, 2015, p. 41)

⁵²Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/06/novidade-na-copa-brt-e-opcao-com-melhor-custo-beneficio-ate-arena-pe.html>>. Acesso em 1º de janeiro de 2017.

⁵³ Disponível em: <<http://www.pe.superesportes.com.br/app/fotos/campeonatos/copa-das-confederacoes/2013/06/13/galeria,669/primeiro-treino-da-espanha-no-recife.shtml>> Acesso em 1º de janeiro de 2017.

⁵⁴Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/06/em-dia-de-italia-e-costa-rica-torcidas-de-outros-paises-se-dividem.html>> . Acesso em 1º de janeiro de 2017.

⁵⁵Disponível em:<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/01/24/obras-da-copa-2014-sao-retomadas-em-pernambuco-267860.php>> Acesso em 1º de fevereiro de 2017.

⁵⁶Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/foi-mais-que-7x1/desapropriacoes.php>> Acesso em 1º de janeiro de 2017.

No fundo, elas não chegam a evidenciar a pressão do setor imobiliário sobre a região que fica entre a Arena de Pernambuco e a Avenida Belmino Correa. Scott e Lemos (2014) têm uma explicação que pode ajudar a entender o fato de as informações serem imprecisas no momento de realização de um megaevento:

Um dos mecanismos acionados para poder controlar a construção das imagens públicas do processo de 'desenvolvimento' em operação é controlar o tempo e as informações ao longo de diferentes fases do processo: planejamento, com tempo lento e informações restritas; execução, com tempo corrido e informações múltiplas, imprecisas e desconstruídas; e pós-execução (ou de celebração-mitigação, novamente com tempo lento e informações imprecisas, contraditórias e distorcidas). Os beneficiados nunca constituem um grupo isolado, pois a sua força jaz nas alianças de interesses comuns que os levam a compactuar no estímulo à ação planejada (SCOTT, R. P., LEMOS JÚNIOR, J. R., 2014)

Entende-se, portanto, que a discussão do papel da mídia e do silêncio na cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco encontra-se dentro de um contexto crítico em relação ao papel dos megaeventos na construção social da realidade. E que permanecerá sendo uma temática muito relevante, principalmente para países como a Rússia, onde acontecerá a próxima Copa do Mundo, em 2018. Mas que, para evidenciar justamente o momento de maior atenção internacional sobre as cidades que recebem o megaevento, é preciso ter atenção especial ao período de chegada e saída dos atletas e jornalistas de todo o mundo.

Nos próximos capítulos, tentaremos, com um olhar atento sobre as imagens, tentar observar sugestões de formações discursivas que foram silenciadas pela censura da mídia, pela autocensura dos personagens da história ou por um desconhecimento do que Orlandi chama de silêncio fundador (1995). Se para Foucault (1996) é impossível transformar em texto ou mesmo em imagem tudo que está contido de informação em uma situação vivida, a analista de discurso entende que é preciso identificar essa série de informações que formam a fonte originária de informações. Porém, aqui tentarei focar apenas em uma pequena parte do que poderia ser discutido sobre a cobertura do Mundial de 2014. O objetivo de focar nos silêncios, nas censuras e nos silenciamentos não ocorre por não achar que haja outras fontes importantes de discussão a respeito do papel da mídia nos megaeventos – como pode-se ver no exemplo do Profissão Repórter do dia 19 de maio, que cito na Introdução deste texto –, mas por poder contribuir com um tema pouco explorado nos estudos do jornalismo.

3 OUTROS OLHARES SOBRE A COBERTURA DA COPA DO MUNDO

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Diversos grupos, em todo o Brasil, articularam-se para fazer debates abertos sobre os problemas relacionados aos megaeventos no Brasil. A exposição “*Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco*” tem registros que foram feitos desde 2013, durante a Copa das Confederações, até o período de realização do Mundial de 2014. Aqui, elas serão vistas como um dos registros de narrativa com olhar atento às famílias desapropriadas pelas obras do Mundial de 2014.

A mostra foi apresentada inicialmente semanas antes do início do Mundial de 2014, durante a ocupação do Cais José Estelita pelo Movimento Ocupe Estelita (MOE), e tem especial atenção para o sofrimento da população e o cenário de devastação do Loteamento São Francisco, área do município de Camaragibe onde concentraram-se a maior parte das ações de mobilização lideradas pelo Comitê Popular da Copa em Pernambuco. Por isso, acreditamos que essas imagens podem representar alguns dos temas passíveis de silêncios e silenciamentos dentro da megaestrutura midiática que envolve uma Copa do Mundo.

Para Sontag (2003), as vítimas de um grande sofrimento têm dificuldade de expor sua própria dor através da fotografia. Efetivamente, são raros os casos de moradores removidos pela Copa do Mundo no Brasil que tenham fotografado momentos importantes do calvário que são as remoções. Ao mesmo tempo, veículos alternativos, especialmente pela internet, desde as jornadas de junho de 2013 no Brasil, têm tornado-se importantes propagadores de imagens que se tornam visíveis por um grande número de pessoas.

Imagens do sofrimento padecido durante uma guerra são, hoje, tão amplamente difundidas que é fácil esquecer como essas imagens só há pouco tempo se tornaram aquilo que se espera de fotógrafos conceituados. Historicamente, os fotógrafos ofereceram sobretudo imagens positivas da atividade guerreira e das alegrias de começar ou continuar uma guerra, assim como a maior parte da poesia de guerra, faria rufar seus tambores em defesa do sacrifício de soldados (SONTAG, 2003, p.42)

As fotos da exposição *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco* retratam localidades que foram percurso para parte dos torcedores que assistiram aos jogos da Copa em Pernambuco e também para parte da imprensa nacional e internacional. Hoje é bastante comum a divulgação pela mídia pernambucana de

que alguns dos principais projetos idealizados, como o BRT e os ramais Norte-Sul e Leste-Oeste, ficaram incompletos⁵⁷ ou nem sequer foram realizados⁵⁸. Mas ainda é difícil visualizar as perdas das centenas de famílias que foram retiradas por ordem judicial das suas casas naquele período em que o discurso desenvolvimentista era capitaneado pelos governos Federal e do Estado e tinha total aceitação da maioria dos veículos de comunicação e jornalistas envolvidos na cobertura esportiva.

Afinal, as famílias removidas saíram dos terrenos onde moravam antes da chegada da maioria dos jornalistas. Algumas das áreas estão abandonadas ou (como no caso da área ao lado do Terminal Integrado de Camaragibe) sendo entregues a empresas privadas (ver Anexo A). Conforme MOURA (2016):

Após a remoção, o destino das famílias foi fragmentado. Limitado pelos recursos financeiros existentes, o local de moradia da população foi pulverizado em diferentes bairros e Estados. A medida compensatória existente, a indenização, foi um dos elementos responsáveis pela individualização desses destinos. Acostumadas a morar em grandes lotes onde conviviam várias gerações, as famílias tentaram reproduzir tal configuração de moradia, mas sem sucesso. A grande maioria não conseguiu continuar morando fisicamente tão próximo dos outros parentes.

Portanto, as imagens da exposição serão o ponto de partida para discutirmos uma perspectiva de silêncio fundador em relação ao cenário e às vítimas da Copa, para então analisarmos se esse ponto de vista esteve presente na cobertura midiática do Mundial de 2014 em Pernambuco. Acreditamos que merecem especial atenção as imagens que foram feitas no período próximo à realização do Mundial, quando a presença de jornalistas estrangeiros e a atenção internacional recaíam sobre o Brasil.

O blog do Comitê Popular da Copa de Pernambuco, principal instrumento do coletivo, registra seu último post antes do Mundial de 2014 no dia 5 de maio de 2014, voltando a aparecer somente no dia 22 de dezembro de 2014. No momento crucial para a mídia, aparentemente houve um esfacelamento no acompanhamento dos movimentos sociais organizados diante das famílias que haviam sido removidas. O grupo pernambucano, conectado nacionalmente à Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, praticamente interrompeu suas ações de mídia durante

⁵⁷Estado anuncia nova estação de BRT mesmo com obras inacabadas em 11 unidades. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/estado-anuncia-nova-estacao-de-brt-mesmo-com-obras-inacabadas-em-11-unidades.ghtml>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

⁵⁸Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/foi-mais-que-7x1/mobilidade.php>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

o período do Mundial de 2014, apesar de ter, à época, um projeto com recursos no valor de R\$ 30 mil aprovados junto ao Fundo Brasil de Direitos Humanos⁵⁹.

Após a apresentação das imagens da exposição, passaremos a tratar de outras coberturas realizadas que consideramos representar uma narrativa que contesta a posição da maior parte da mídia corporativa, ao mesmo tempo em que houve tentativas esporádicas de criar meios de divulgação em Pernambuco que questionassem o modelo de desenvolvimento associado aos megaeventos, admitindo que também, nesse grupo, houve pressões para silenciamento.

Portanto, além das fotos, acreditamos que é importante discutir como foram realizadas ações como a campanha *Nós valemos mais*⁶⁰, vídeos produzidos por ativistas ou acadêmicos, o próprio funcionamento da exposição fotográfica *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco* e o blog Mídia Capoeira (editado pelo autor deste texto e pelo jornalista e morador de São Lourenço da Mata André Justino). Após essa discussão, entraremos na análise de reportagens de televisão, de internet e da mídia impresa pernambucana.

Das milhares de reportagens realizadas sobre a Copa do Mundo em Pernambuco, tivemos condições de visualizar mais de 100 que, de alguma maneira, citavam ou mostravam imagens realizadas na região do antigo Loteamento São Francisco. Esse material foi analisado e, desse corpus expandido, selecionamos reportagens de televisão, jornais e internet que transpassam alguns dos principais temas expostos nas fotos selecionadas – por terem sido realizadas na área onde seria construída a expansão do Terminal Integrado de Camaragibe e o Ramal da Copa – da exposição *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco*.

A familiaridade de certas fotos constrói nossa ideia do presente e do passado. As fotos traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que de um lema verbal. E as fotos ajudam a construir – e revisar – nossa noção de um passado mais distante, graças aos choques póstumos produzidos pela circulação daquelas até então desconhecidas. Fotos que reconhecem são, agora, parte constituinte dos temas sobre os quais a sociedade escolhe pensar, ou declara que escolheu pensar. Essas ideias são chamadas de “memórias” e isso, no fim das contas, é uma ficção. Em termos rigorosos, não existe o que se

⁵⁹Disponível em: <<http://www.fundodireitoshumanos.org.br/projeto/comite-popular-da-copa-de-pernambuco-pe/>> Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

⁶⁰Disponível em: <<https://www.facebook.com/nosvalemomsmais/?fref=ts>> Acesso em: 19 de outubro de 2016

chama memória coletiva – parte da mesma família de noções espúrias a que pertence a culpa coletiva. Mas existe uma instrução coletiva (SONTAG,2003)

Nesse sentido, ficamos sem acreditar que poderemos recriar por completo a imagem do que foi a Copa do Mundo no Brasil, em Pernambuco ou mesmo nas cidades de São Lourenço da Mata e Camaragibe. Acreditamos que revisitar a cobertura do Mundial de 2014 e os silêncios e silenciamentos da mídia é importante para a percepção, especialmente de jornalistas, comunicadores e militantes políticos. Isso para tentarmos perceber como estão sendo realizadas cotidianamente violações de direitos em nome megaeventos, de grandes obras de remodelagem urbana, de desenvolvimento, como o Porto de Suape, a Transnordestina, a Transposição do Rio São Francisco; grandes investimentos econômicos, como a chegada de empresas multinacionais ao Brasil com grandes plantas; ou mesmo em nome do agronegócio exportador, que também interfere na vida de famílias que moravam em regiões muitas vezes onde a presença da mídia ou de militantes com acesso às redes sociais é ainda mais controlada do que numa capital como o Recife.

a fotografia não documenta o cotidiano. Ela faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana. Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade. A fotografia documenta, como atriz, a sociabilidade como dramaturgia. Ela é parte da encenação. Ela reforça a teatralidade, as ocultações, os fingimentos. Traz dignidade à falta de dignidade, ao simplismo repetitivo da vida cotidiana. As pessoas se mostram representando, mas recorrem constantemente à fotografia para mostrar-se como terceira pessoa, a verdadeira, a que não está ali na cena, mas que está na foto. A fotografia 'conserta' o fato de que na vida cotidiana a apresentação social desmente a representação social. Ela é o rodapé esclarecedor da compostura, do decoro (MARTINS, 2009, P. 43)

As redes sociais são um instrumento que vem sendo utilizado com sucesso especialmente por populações com poder de mobilização na vida real ou ao menos capacidade de gerar conteúdo chamativo (seja pela qualidade artística, densidade jornalística ou mesmo puramente pelo apelo ao grotesco, como é recorrente nos memes e em outras imagens que circulam nas redes). Mas, para garantir que essa tecnologia alcance toda a população, seria preciso investir na melhoria do padrão educacional, no letramento digital e na formação política. Mas a discussão não se encerra nesse ponto, que certamente contrapõe o discurso otimista de quem

acredita que a internet é suficiente para gerar um aumento na democratização das informações.

O silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncios (ORLANDI, 2007).

3.2 EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS DA COBERTURA DA COPA EM PERNAMBUCO

Abaixo traremos as imagens que compuseram a exposição *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco* e, na sequência, uma análise sobre elas.

Fotografias de João Velozo:



Figura 4: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: João Velozo Data: 16/12/2013



Figura 5: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: João Velozo Data: 16/12/2013



Figura 6: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: João Velozo Data: 16/12/2013



Figura 7: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: João VelozoData:15/1/2013



Figura 8: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: João VelozoData:15/1/2013



Figura 9: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: João VelozoData:15/1/2013

Fotografias de Anderson Freire:



Figura 10: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 11: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 12: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data: 17/2/2014



Figura 13: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: Anderson Freire Data: 17/2/2014



Figura 14: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 15: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 16: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 17: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 18: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 19: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014



Figura 20: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Anderson Freire Data:17/2/2014

Fotografias de Eduardo Amorim:



Figura 21: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:16/12/2013



Figura 22:Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:12/4/2014



Figura 23: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:5/12/2013



Figura 24 Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:15/5/2013



Figura 25: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:15/5/2013



Figura 26: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:15/5/2013



Figura 27: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:15/5/2013



Figura 28: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:30/5/2014



Figura 29: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: Eduardo Amorim Data:12/6/2014



Figura 30: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: Eduardo Amorim Data:29/6/2014



Figura 31: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:29/5/2014



Figura 32: Exposição *Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco*
Foto: Eduardo Amorim Data:29/5/2014



Figura 33: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:29/5/2014



Figura 34: Exposição Os silêncios da cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco
Foto: Eduardo Amorim Data:29/5/2014

A observação das fotos acima traz alguns temas que consideramos relevantes para entender a narrativa dos oprimidos pelos megaeventos. As imagens retratam o cenário de destruição/construção, algumas das pessoas removidas pelas obras (algumas delas ainda não) executadas pelo Governo do Estado para a Copa do Mundo, os protestos, a luta para receber indenizações e a forma como a

publicidade pública utilizou o espaço onde foram removidas casas para anunciar o Mundial de 2014 e as obras de mobilidade (que seriam/foram) trazidas pelo megaevento à Região Metropolitana do Recife.

Os trabalhos de João Velozo (morador de Camaragibe e fotógrafo freelancer), Anderson Freire (hoje fotógrafo do Diário de Pernambuco, mas, na época, contratado pela Fundação Heinrich Bolls), Eduardo Amorim (para o Portal Terra e o Blog Mídia Capoeira) e Lorena Maniçoba (que dividiu com o autor desta pesquisa a curadoria das imagens) na exposição *Os silêncios na cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco* podem revelar algumas questões soterradas após o fim do Mundial e as eleições realizadas em 2014.

(...) em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 1997, p. 8).

Pessoas que perderam suas casas – ou, no caso retratado na figura 31, tiveram sua residência e também seu ponto de comércio demolidos – e suas vidas e estudantes que tiveram suas escolas fechadas ou perderam suas quadras e seus campos em Camaragibe são retratados no espaço onde seria pavimentada a narrativa das grandes obras. Ou, por outro lado, nas casas e vidas soterradas em nome do “desenvolvimento”.

A exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco* foi uma tentativa bastante simplória de um grupo de pessoas sensibilizadas pelos discursos, pouco organizados, e daqueles removidos de gerar imagens para circular e denunciar uma situação que estava ocorrendo e que teve suporte de diversas esferas do poder público. Afinal, a Copa do Mundo foi realizada com irrestrito apoio dos governos Federal, Estadual e Municipais (de São Lourenço da Mata, de Camaragibe e do Recife), do Poder Judiciário e do Ministério Público (que precisou reorganizar-se para atender à grande demanda de processos de desapropriações, cedendo um profissional somente para os casos de remoções do Mundial de 2014),

das empresas envolvidas e da imprensa, que majoritariamente admitiu o discurso gerado pelo poder público como o mais relevante.

Moradores do Loteamento São Francisco organizaram diversos protestos registrados em fotos de João Velozo e Eduardo Amorim, entre dezembro de 2013 e maio de 2014, para sensibilizar a população sobre a situação. As imagens de João Velozo dividem-se entre registros de protestos e de detalhes das casas demolidas, objetos deixados para trás e o contraste do cenário de destruição com os ônibus que chegavam ao vizinho Terminal Integrado de Passageiros de Camaragibe.

Os dramas pessoais, que aparentemente ficaram bastante distantes da cobertura da maioria dos veículos de mídia (como será visto no Capítulo 3), estão fortemente presentes nas imagens produzidas por Anderson Freire. Ele foi contratado para o dossiê da Fundação Heinrich Böll, tendo realizado as imagens no dia 17 de fevereiro de 2014. Das 11 imagens suas na exposição, apenas duas não retratam a comunidade. Todas são do período final das desapropriações, menos de dez moradores ainda resistiam. Posteriormente, haveria a retirada dos comerciantes que mantinham barracas ao lado da Escola Reunidas Timbí.

As fotos 9, 10 e 11 registram a religiosidade, característica marcante da população do Loteamento São Francisco. Os terrenos haviam sido comprados no início da década de 1960, então seus proprietários estavam já idosos, e isso foi um complicador, já que muitas pessoas acabaram vindo a falecer durante o processo de busca das indenizações, como registrado nas cruzes fincadas no terreno das remoções, durante protesto realizado no dia 15 de maio de 2014 (Figura 27).

O fotógrafo e artista plástico Beto Figueiroa (Figura 31) fincou outra cruz, para realização de arte-instalação com os dizeres “Essa cruz representa o calvário e a doença das pessoas desse lugar e é a morte anunciada da nossa cidade”.

A curadoria da exposição foi feita de forma voluntária em um ambiente de militância por uma causa e de forma alguma foi profissional. Lorena Maniçoba e Eduardo Amorim reuniram imagens que achavam estar fora do cotidiano das pessoas do Recife, que fica a menos de 20 quilômetros do Loteamento São Francisco, e dedicaram-se a pesquisar os arquivos de alguns amigos que se dispuseram a tornar conhecida aquela situação.

Acreditamos que as imagens reunidas na exposição, apesar de não terem características artísticas semelhantes, representam a busca imagética e sensorial por manter vivos lugares e objetos que estariam sendo soterrados. É possível observar, no conjunto de fotografias, elementos que ajudam a contar uma história que poucas vezes é contada no ambiente dos megaeventos e dos megaempreendimentos. Assim como em um outro período era comum não se voltar para o sofrimento da guerra (SONTAG, 2003), também parece-me plausível acreditar que, pelo menos até recentemente, as implicações negativas de grandes obras pudessem ser silenciadas pela mídia e passar despercebida pela maior parte da população brasileira.

No caso da Copa, a história dessas famílias pode ter sido soterrada pela construção não só das obras de mobilidade, mas pelo discurso de que o desenvolvimento iria passar por aquela localidade. Os protestos inaudíveis, os cartazes com erros de grafia, o território destruído, as máquinas trabalhando, os idosos enfermos (e depois alguns falecidos), as crianças de farda mostrando indignação, tudo em nome do investimento num estádio: a Arena de Pernambuco, que ficava a 4,5 quilômetros do bairro.

As figuras 29 e 30 mostram basicamente o mesmo ambiente em ângulos e períodos diferentes. São bandeiras do Brasil penduradas para saudar a Copa, um outdoor mostrando que a poucos quilômetros estava o estádio do Mundial de 2014 - mesmo que naquele momento a população ainda não pudesse utilizar a via que ligava Camaragibe diretamente à Arena de Pernambuco livremente, pois o Ramal da Copa estava liberado apenas para os veículos BRTs - e o cenário vazio onde foram destruídas as casas de pessoas que perderam muito com essa mudança de vida.

Anderson Freire e Eduardo Amorim têm muitas fotos de personagens. Desterritorializadas, essas pessoas voltam ao seu espaço de vivência nas fotos, mas não escondem sua dificuldade em conviver com a nova realidade. Doenças, falecimentos, perdas de ordem financeira e principalmente psíquicas ficam estampadas nas fotografias, que ganham ainda mais significação quando postas em conjunto. Já João Velozo em duas fotos busca tirar as pessoas da localidade, embora em algumas exista a presença de ex-moradores em protestos.

As imagens religiosas nas fotos de João Velozo e Anderson Freire, postas ao lado das fotos dos idosos, começam a traçar um perfil de quem eram os moradores do Loteamento São Francisco. Aquelas pessoas chegaram à localidade na década de 1960, no início da Ditadura Militar, então sofreram com a dura repressão dos “anos de chumbo” e, como grande parte da população periférica recifense, tem uma religiosidade muito forte.

“Natal sem casa e sem indenizações”, “Estádio de pé, casas no chão”. As mensagens dos cartazes mostram justamente o período em que foram realizadas as últimas remoções no bairro, de dezembro de 2013 até maio de 2014, quando só resistiam alguns comerciantes que perderam suas barracas poucos dias antes do início do Mundial de 2014. Um deles, Seu Arthur (Figura 31), mostrava cartaz em que fazia apelo para que o então governador Eduardo Campos pagasse a indenização devida pela remoção da sua casa. Apelos que, em alguns casos, não deram resultado até hoje, já que existem situações em que as pessoas nem mesmo irão receber, pois, apesar de morarem com parentes, não tiveram direito a nada (Figura 20). E outras pessoas faleceram antes de conseguirem ter acesso aos valores devidos pelo poder público, como Romildo José Santos (Figura 34) – que a família e os amigos tratavam como Seu Ramos– e Jerônimo Sebastião de Oliveira (Figuras 23, 24, 26 e 28).

Durante esse período das demolições, muitas famílias dispersaram-se, já que foram removidas e não se reagruparam. Não é fácil reunir os antigos moradores do Loteamento São Francisco, pois algumas pessoas inclusive separaram-se do seu núcleo familiar, indo morar em outras cidades ou até Estados, além de ter havido mortes de pelo menos esses três idosos (ver Introdução)⁶¹. Ao mesmo tempo, aquelas pessoas que ainda não receberam suas indenizações na íntegra ou que não receberam nada já estão bastante desgastadas pela violência da remoção e do desgastante processo judicial, fazendo com que quase não exista mais mobilização em coletivo.

Os terrenos adquiridos na década de 1960, que formavam essa comunidade, eram, na grande maioria dos casos, propriedade de pessoas idosas. Como relatam

⁶¹Disponível em: <<https://midiacapoeira.wordpress.com/2014/05/15/15m-em-meio-a-greve-ato-simbolico-lembra-desapropriados-que-morreram-apos-inicio-das-remocoes/>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Scott e Melo (2014), muitos deles assustaram-se ao precisarem ir ao Fórum de Camaragibe para tentar “adiar” as remoções ou receber as indenizações prometidas pelo Governo do Estado. Ao mesmo tempo, essas pessoas, durante décadas, foram dividindo seus imóveis com seus filhos e netos ou mesmo venderam os imóveis, sempre na informalidade de contratos sem valor legal, o que causou parte dos atrasos nos pagamentos de indenizações ou mesmo a impossibilidade de pagamento pelo poder público.

É preciso ressaltar que as fotos não tiram do silêncio todas as questões censuradas ou todos os silêncios da Copa do Mundo. Mas elas trazem alguns temas à tona, que vamos analisar como foram tratados pela mídia corporativa. Mesmo com todas as facilidades da internet, acreditamos que os veículos comerciais da imprensa ainda têm e terão por muitos anos um papel relevante na construção social da realidade. É evidente que a maioria da população pernambucana e dos municípios de Camaragibe e São Lourenço da Mata desconhece completamente as temáticas expostas pelas imagens dessa exposição, mesmo depois da discussão acadêmica e militante e de algumas reportagens esporádicas realizadas pela imprensa alternativa, por órgãos da imprensa pernambucana, brasileira e até internacional (BBC⁶²). Essa realidade é percebida em cada uma das vezes que fazemos reuniões para expor essas imagens, seja em universidades ou em outros espaços.

Iremos buscar em vídeos, como exposto no Capítulo 2, depoimentos de representantes do poder público reunidos à época para colocar em perspectiva o discurso oficial do Governo do Estado de Pernambuco. Não vamos buscar aqui expressar uma verdade sobre os problemas sociais causados pelas obras para o Mundial de 2014, mas tentar localizar nas imagens temáticas que expressam valor-notícia. Consideramos o período do Mundial de 2014 e as semanas que antecederam e imediatamente posteriores aos confrontos realizados aqui em Pernambuco cruciais para o entendimento do que foi a cobertura do Mundial de 2014, já que somente nesses momentos encontravam-se a maior parte dos jornalistas internacionais que vieram a Pernambuco cobrir as partidas de futebol.

⁶²Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140514_desapropriacoes_copa_recife_rm> Acesso em 23 de fevereiro de 2017

As fotos dos removidos são um documento que se aproxima bastante de uma expressão da narrativa do cenário e da perda que tiveram ex-moradores da localidade ou do silêncio fundante nessa questão da Copa de 2014. Ou seja, entendendo aqui que não se pode resumir a realidade, por haver sempre facetas novas a serem exploradas que extrapolam as linguagens escrita e também as imagens. Acreditamos que as fotografias, especialmente aquelas que têm uma sensibilidade artística, podem ser um meio de aproximar bastante e gerar interpretações que nos aproximem do que muitas vezes nem chegou a ser expressado.

Mas a história, que certamente vai além dos enquadramentos que foram abordados por moradores, militantes, jornalistas, midiativistas, tem sido contada primordialmente através da versão dos gestores públicos, desenvolvimentista e de caráter oficial. Além do medo da repressão associado à ditadura, é sintomática a dificuldade que os removidos tiveram de entender o processo pelo qual passaram e também de expor nas ruas e nas redes sociais a situação. Vale insistir no fato de que não formarem mais um grupo de vizinhos hoje também dificulta que continuem a mobilizar-se e lutar pelos direitos.

Após a observação das imagens, decidimos criar algumas categorias que nos interessa analisar: o cenário do Loteamento São Francisco, a representação das vítimas da Copa (quem são e como são descritos os removidos?) e a cobertura dos protestos. Minha hipótese é que, como nos nossos livros didáticos – que esquecem as individualidades das diferentes tribos indígenas brasileiras, dos negros, das populações de religião afro-brasileiras –, também na cobertura da Copa do Mundo a população e os temas de interesse da periferia recifense estarão pouco representadas.

3.3 O AUDIOVISUAL, A COPA E O DISCURSO DOS GESTORES PÚBLICOS

O diretor Kleber Mendonça Filho dirigiu um curta à pedido do canal SporTV⁶³. O curta *A Copa do Mundo no Recife*, de 15 minutos, faz parte da série *A Copa passou por aqui*, coordenada pelo cineasta Jorge Furtado, que foi ao ar na emissora

⁶³A Copa do Mundo no Recife. Disponível em: <<https://vimeo.com/groups/405846/videos/118166306>> Acesso em 2 de fevereiro de 2017

a cabo do grupo Globo a partir do dia 22 de dezembro de 2014. Como a maior parte da produção crítica sobre os megaeventos no Brasil, o material foi ao ar após o encerramento do torneio.

O vídeo traz imagens da desocupação violenta do Cais José Estelita, que ocorreu no dia 17 de junho, data em que o País parou para assistir à segunda partida do Brasil no Mundial de 2014 (0 x 0 contra o México, em Fortaleza). Apesar de o #OcupeEstelita não ser foco desse estudo, é necessário ressaltar a relação existente entre a desocupação e o silenciamento das questões do direito à cidade em Pernambuco.

A data da ação realizada pela Polícia Militar de Pernambuco foi escolhida cuidadosamente para que a operação policial tivesse menos repercussão, pois o movimento àquela altura já tinha grande apelo popular em Pernambuco e tornava-se um alvo claro para reportagens da imprensa internacional e nacional, que veio para o Recife cobrir as partidas do Mundial de 2014.

“O Governo de Pernambuco e a Polícia Militar escolheram o dia de Brasil e México para expulsar o #OcupeEstelita”, critica a locução feita pelo próprio diretor (MENDONÇA, 2014). Seria preciso um outro estudo sobre o #OcupeEstelita para entender a importância da produção audiovisual do movimento, porém faremos uma rápida comparação dos números de visualizações. Um vídeo denominado *Manhã de 17.06.2014, no Estelita* chegou a cerca de 30 mil visualizações no Youtube, entre o momento que foi lançado, por volta das 11h daquele dia, e o início do jogo entre Brasil e México. Em fevereiro de 2017, a postagem feita pela editora de imagens Laíze Queiroz⁶⁴ não chega a 34 mil visualizações, mostrando de certa forma o imediatismo que marca as redes sociais.

O curta de Kleber Mendonça Filho, exibido e financiado pelo SporTV, trata de diversas questões polêmicas da Copa do Mundo. Orçamento, policiamento ostensivo, inauguração da Via Mangue, demolição do Edifício Caiçara, Cais José Estelita, uso de drogas e procura por prostitutas pelos estrangeiros que vieram ao Recife. Curiosamente, os impactos ambientais e sociais na periferia das obras do Mundial de 2014 também ficaram de fora das preocupações do cineasta, que

⁶⁴Manhã de 17.06.2014, no Estelita. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=yUDZvUjkjzE&t=36s>> Acesso em 8 de fevereiro de 2017

certamente não deixa de demonstrar preocupações com o direito à cidade, já que trata, no mesmo curta, da demolição de um prédio na Avenida Boa Viagem, o Edifício Caiçara, e da expulsão dos ocupantes do Movimento Ocupe Estelita.

As produções audiovisuais efetivamente independentes sobre os efeitos da Copa na periferia tiveram audiência extremamente reduzida. É o caso do vídeo *Despejo #5*, primeiro editado com histórias do Loteamento São Francisco, que lançado em 2013, teve menos de 3 mil visualizações no Youtube. No dia 10 de fevereiro de 2017, eram apenas 2.845 exibições.

Lançado em 23 de junho de 2014⁶⁵, numa parceria entre a Agência Pública de Jornalismo Investigativo, o Coletivo Nigéria e o blog Mídia Capoeira, o vídeo *Copa sem Casa* chegou na mesma data (10 de fevereiro) a 3.292 visualizações. Certamente, o mesmo tipo de produção teve mais audiência durante o período da Copa das Confederações, mas a Agência Pública preparou uma grande cobertura para o Mundial de 2014, que pode ser conferida até hoje⁶⁶.

Um dos raros registros sobre a situação dos removidos das áreas da Cidade da Copa e da Arena de Pernambuco é o vídeo *Gol Contra*⁶⁷, produzido pelo Coletivo Copa Favela (formado pelo casal Andréa Luna e John Erbuer). Em 23 minutos, a produção conta a história de 11 pessoas removidas em diversos bairros próximos ao estádio dos municípios de Camaragibe e São Lourenço da Mata. No entanto, enquanto os vídeos sobre a maquete chegaram a ser veiculados nas principais redes de televisão pernambucanas⁶⁸, a produção independente dos dois artistas está no Youtube e foi apresentada em cerca de 10 exibições, em sua maioria realizada em cidades europeias, já que o suíço é ex-diretor de televisão e, durante o Mundial de 2014, eles tentaram sensibilizar pessoas no outro lado do Atlântico. O Youtube é a principal plataforma de divulgação do vídeo, mas, de outubro de 2013 até o início de 2017, tinha somado 2,820 visualizações na sua versão original e ultrapassa os 3 mil quando somado o número de pessoas que assistiram ao vídeo na versão com legendas.

⁶⁵Copa sem Casa. Disponível em: <<http://apublica.org/2014/06/copa-sem-casa/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2017

⁶⁶Disponível em: <<http://apublica.org/assunto/copa-publica-3/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2017

⁶⁷Gol Contra. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NPLlck0XpXM>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

⁶⁸A 900 dias do Mundial, maquete da Cidade da Copa é divulgada. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QpcR-rks3BI>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

Um dos mais completos relatos em vídeo sobre a situação dos removidos pelas obras da Copa da região próxima à Arena de Pernambuco tem ainda menos visualizações. *Limpendo a Área*, produzido pelo Núcleo de Estudos sobre Família, Gênero e Sexualidade da Universidade Federal de Pernambuco (FAGES-UFPE), está em apenas 464 visualizações.



Figura 35 Print do curta *Limpendo a área* mostra rua do Loteamento São Francisco antes das demolições

O vídeo *Limpendo a Área* (Figura 35) mostra imagens retiradas do Google Street View em que a câmera faz um passeio pelo antigo bairro. Essa foi a maneira encontrada pelos realizadores para mostrar o Loteamento São Francisco antes das remoções. O uso da tecnologia, ao mesmo tempo em que precisa ser ressaltado como uma alternativa bastante interessante de acessar imagens de uma comunidade já não existente, também serve como denúncia do quanto a rapidez e a violência do processo de remoções deixou a história do bairro soterrada até mesmo para os pesquisadores do tema.

Esse conjunto de vídeos, no entanto, traz alguns relatos sobre como gestores públicos tratavam a questão das remoções realizadas por conta da Copa do Mundo. Coordenador da Câmara Temática de Segurança para Grandes Eventos de Pernambuco, Ilídio Vilaça afirma no vídeo *Limpendo a área*, sobre as pessoas que foram removidas em São Lourenço da Mata: “Elas foram indenizadas, dentro de um

processo longo, inclusive houve até um atraso no início das obras por conta dessa retirada. Antes era mata e hoje você tem vida ali dentro”.

O número de remoções aparentemente é desconhecido até mesmo de gestores. Ainda no curta *Limpando a Área*, José Carlos Brandão, então Coordenador do Núcleo Técnico de Operações Urbanas do Governo do Estado, afirma sobre as remoções para a Cidade da Copa e Arena de Pernambuco:

Era muito pouco, se não me engano eram ou não chegavam a 40 casas, bem pouco mesmo, há pouco tempo que esse pessoal morava, isso não era um problema realmente, não. Daria facilmente dentro da operação para realocar aquelas pessoas lá dentro mesmo, era insignificante dentro da área mesmo

Já a defensora pública Danielle Monteiro, no vídeo *Copa sem Casa*, explicava:

As pessoas estão com pendências em outros processos judiciais que fazem com que elas não possam receber suas indenizações. O que a gente tem mais aqui são pessoas que têm a prova da propriedade, mas recaem sobre uma pessoa que já morreu. E aí... Faz com que elas não consigam receber as indenizações em relação às desapropriações. Uma pessoa que já morreu não pode receber e tem que ter um inventário. São esses inventários que estou diligenciando.

No mesmo *Copa sem casa*, o então Procurador Geral do Estado, Thiago Norões, deixa claro:

O ideal seria que não se fizessem grandes desapropriações sem que se tivesse a moradia em condições semelhantes, o mais próximo possível, para as pessoas que estão sendo removidas. Infelizmente no Brasil esse não é um problema de Pernambuco, você não tem uma política de Estado de moradia.

Entendemos essa pesquisa como uma arqueologia de uma outra possível formação discursiva, que pode contradizer o discurso oficial em relação às remoções da Copa do Mundo. Mas, no momento em que as atenções mundiais estavam voltadas para as 12 sedes do Mundial de 2014, as imagens representadas pelas fotos da exposição passaram despercebidas inclusive para quem acompanhava o Portal Terra, site que contratou como correspondente em Pernambuco o autor deste texto durante os quatro anos de cobertura do torneio (2011, 2012, 2013 e 2014), mas que, depois de um período de total liberdade editorial, primeiro criou barreiras, em 2013, para edição das reportagens sobre as remoções e, durante o período do Mundial, em 2014, deixou explícito ao jornalista que essa temática não entraria na cobertura do site controlado à época pela empresa espanhola Telefonica.

Isso foi um dos motivos para que o jornalista criasse, ainda antes do início da Copa do Mundo, o blog Mídia Capoeira⁶⁹, que foi paralisado após ameaças recebidas pelo autor que estão salvas e registradas.

O Loteamento São Francisco foi a comunidade escolhida para receber uma campanha no Facebook liderada pelo Comitê Popular da Copa: *Nós valemós mais*. E foi também uma das localidades que teve maior atenção dos militantes nos anos anteriores ao Mundial, juntamente com o Coque, onde já existia uma certa tradição de disputa e organização política. No entanto, a campanha não teve sequência após a volta da publicitária inglesa Sarah Walker ao seu país, já que ela realizou o trabalho durante intercâmbio feito pela ONG TIE.

Por outro lado, o coletivo Copa Favela teve atuação relevante no período anterior e durante as remoções realizadas em Camaragibe, mas seus dois integrantes, Andréa Luna e John Erbuer, estavam na Europa durante o período da Copa do Mundo, onde ambos realizaram uma série de atividades para divulgar os impactos negativos dos megaeventos no Brasil⁷⁰.

⁶⁹Disponível em: <www.midiacapoeira.wordpress.com>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017

⁷⁰Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zpiZRnQnEKU>> Acesso em 14 de fevereiro de 2017

4 A COBERTURA DA MÍDIA PERNAMBUCANA SOBRE A COPA

4.1 MAQUETE E VAZIOS NA IMPRENSA DE PERNAMBUCO

Um cidadão ou jornalista que queira descrever a localidade onde foi construída a Arena de Pernambuco, em São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife, irá visualizar, mesmo após o fim do megaevento, um cenário de um vazio surpreendente. Originalmente uma região de engenhos de cana-de-açúcar, a área do estádio onde foi projetada a Cidade da Copa é limítrofe aos municípios do Recife e de Camaragibe e teve muitas das suas edificações demolidas antes do Mundial de 2014, inclusive em áreas que acabaram sem receber as obras previstas.

Um dos prédios mais significativos em um raio de um quilômetro do estádio é atualmente o do Restaurante Bode do Mundinho, onde em 2013 a reportagem do Terra entrevistou o empresário Edmundo Severino de Lima⁷¹. No texto original, era resumido o processo de remoção das famílias desalojadas em São Lourenço da Mata para construção da Arena de Pernambuco, da (ainda não iniciada em 2017) obra da Cidade da Copa e uma pequena parte do que foi o processo de mudanças numa região originalmente de classe média e de limite entre as zonas rural e urbana da Região Metropolitana do Recife.

Aquela entrevista de antes da Copa das Confederações resume uma história vivida por comerciantes e moradores que foram indenizados e saíram dos terrenos onde foi construído o estádio e onde seria construída a Cidade da Copa, em São Lourenço da Mata.

Um ano antes, texto da Agência Pública de Jornalismo Investigativo com o título *Você sabe lá o que é abrir mão de uma vida*⁷² relatava o sofrimento de uma família ao ser removida da comunidade de Cosme e Damião (no Recife), do outro lado da ponte sobre o Ramal da Copa, também próxima aos municípios de São

⁷¹Clima de interior, cabras e grilagem: conheça os arredores da Arena Pernambuco <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/clima-de-interior-cabras-egrilagem-conheca-os-arredores-da-arena-pe,630444298e00e310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 07 de novembro de 2016

⁷²Você sabe lá o que é abrir mão de uma vida? <<http://apublica.org/2013/08/voce-sabe-la-e-abrir-mao-de-umavida/>> Acesso em: 02 de novembro de 2016

Lourenço e Camaragibe. Esses bairros vizinhos ao estádio, especialmente aqueles que seriam cortados pelo Ramal da Copa (via de 6,3 quilômetros projetada para ligar a Arena de Pernambuco à Avenida Belmino Correa, que nunca foi concluída) formam um percurso para diversas imagens que ficaram de fora da cobertura da maioria das grandes redes internacionais de mídia e televisão (já que midiaticamente a Copa é um evento primordialmente do audiovisual).

No Recife, outras regiões tiveram remoções relacionadas ao Mundial de 2014. Cada uma delas num contexto bem diferente. A maioria das famílias da Zona Sul recifense removidas para as obras da Via Mangue tiveram a possibilidade de se mudar para 942 apartamentos construídos pelo programa Minha Casa, Minha Vida, numa parceria da Prefeitura do Recife com o Governo Federal.

Já no Coque, a violência e a falta de alternativas foi similar ao visto em Camaragibe e São Lourenço da Mata, mas a organização da comunidade fez com que uma mobilização vigorosa construísse uma narrativa de mídia, projetos alternativos e inclusive tenha conseguido reduzir o número de famílias afetadas pelos impactos das obras de mobilidade no bairro. A mobilização e o sofrimento de muitos dos moradores da comunidade foram registrados em vídeo na série *Despejo*, disponível no Youtube⁷³.

As famílias removidas do Loteamento São Francisco, de Cosme e Damião (ambas em Camaragibe), do Pina, do Coque (no Recife) e da área rural de São Lourenço da Mata tiveram tratamentos diferentes pelo poder público e também organizaram-se de formas distintas para resistir ao processo de gentrificação. Assim como nas outras 11 sedes brasileiras da Copa do Mundo, acredito que houve silêncios em todas essas situações.

Em outra perspectiva, Lassance (in JENNINGS, 2014, p. 79) defende que:

alguns se aproveitaram do momento para martelar que a Copa foi usada como pretexto para a especulação imobiliária. Incrível saber, pela primeira vez, que o setor imobiliário é o único setor capitalista do mundo que precisa de pretextos para especular. A Copa das remoções não teve remoções na maioria das cidades-sede

73

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emypYzQGB9M>> Acesso em 21 de janeiro de 2017

Parte do livro *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*, o artigo *A Copa, a imagem do Brasil e a batalha da comunicação* (LASSANCE in JENNINGS, 2014) distoa da discussão do direito à cidade levantada por autores inclusive na mesma publicação. Iremos debater sua visão em relação ao direito à comunicação e ao papel da Copa do Mundo na conclusão desta dissertação. Mas, de início, é preciso explicar que aparentemente na visão do autor só houve remoções nas cidades como onde a sociedade civil conseguiu criar uma narrativa relativamente forte ou impactante para colocar ao público esse silêncio fundador. Ou seja, onde não existe narrativa dos excluídos, os impactos negativos sofridos por todos que foram removidos de suas casas para obras do Mundial de 2014 aparentemente não existem.

Para Rolnik (in JENNINGS, 2014, p..67):

A lógica do legado urbano dos megaeventos pode ser entendida no âmbito do que ocorreu com o mercado imobiliário e de terras que, com a globalização, passou a ser parte fundamental do circuito financeiro internacional. Vivemos uma 'financeirização' do processo de produção de moradia e de cidades. Isso significa que os ativos imobiliários, mais do que representarem um valor de uso para as cidades, são um ativo financeiro passivo de especulação. Não é possível entender o projeto do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, ou o da Cidade da Copa, no Recife, senão nesse contexto.

Nos 14 textos que formam a coletânea, essa é a única vez em que é citado o nome Recife. Nenhuma vez aparecem as palavras Camaragibe ou São Lourenço da Mata, onde efetivamente construiu-se o estádio e foram realizadas algumas das maiores intervenções urbanas do Mundial de 2014 em Pernambuco. Se a mídia continua a ser um instrumento que serve aos poderosos interesses de quem a controla e financia, chama a atenção o fato de aparentemente os acadêmicos, gestores públicos e militantes reunidos para escrever nessa importante publicação serem todos ou em sua maioria pessoas que acompanharam o tema numa perspectiva próxima do eixo Rio-São Paulo. E é preciso ressaltar, por outro lado, que Rolnik esteve no Recife a convite do Comitê Popular da Copa em dezembro de 2013 e seus apontamentos são coerentes com sua passagem na cidade enquanto relatora da ONU para o Direito à Moradia.

Rolnik⁷⁴ (2011) afirma, baseada em relatórios preliminares sobre o Recife, enquanto relatora da ONU para o Direito à Moradia:

Na capital pernambucana, a principal queixa de movimentos populares, redes de direitos humanos e fóruns de reforma urbana tem sido com relação à falta de transparência e de espaços de participação social e diálogo sobre o processo de preparação da cidade para a Copa do Mundo de 2014. As organizações questionam também a falta de debate sobre o modelo de financiamento e gestão de alguns empreendimentos (caso da Arena da Copa, que está sendo construída via Parceria Público Privada pela Odebrecht, que terá a concessão do equipamento por 33 anos) e também a ausência de debate sobre uma estratégia de desenvolvimento urbano mais ampla para a cidade, que não se restrinja às ações voltadas para a Copa.

Os autores do livro *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas* divergem em suas opiniões. Afinal, como todos somos maciçamente bombardeados por veículos de comunicação de massa, ficamos reféns dos interesses dos representantes desses grupos controladores, que têm agendas e princípios para restringir as coberturas que não os interessam.

Isso em geral não é realizado por intervenção bruta, mas pela seleção de pessoal com pensamento similar e pela internalização de prioridades e definições por parte de editores e jornalistas daquilo que é digno ser noticiado, isto é, que está de acordo com a política da instituição (Herman; Chomsky, 2003, p. 11).

A citação acima vai de encontro ao conceito de política de silêncio (ORLANDI, 1995). Há interesses econômicos e políticos que pavimentam o caminho para uma narrativa vencedora, deixando soterradas informações que poderiam formar ou efetivamente chegam a representar um outro conjunto de dados. No livro *A manipulação do público*, Chomsky e Herman consideram que, embora a internet tenha colocado um arsenal à disposição de grande quantidade de dissidentes e manifestantes:

Ela tem suas limitações como ferramenta crítica. Um ponto, por exemplo, é que aqueles cuja necessidade de informações são mais agudas não são bem servidos pela internet – muitos não tem acesso, seus bancos de dados não são projetados para atender suas necessidades e o uso dos bancos de dados (e o uso eficaz da Internet em geral) pressupõe conhecimento e organização. A internet não é um instrumento de comunicação em massa para quem não possui um nome de marca, um grande público já existente e/ou grandes recursos (Herman; Chomsky, 2003, P. 17)

⁷⁴Disponível em:<<https://comitepopularpe.files.wordpress.com/2011/06/relatc3b3rio-raquel-rolnik-abril-2011.pdf>> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

Jennings (2014, P. 52) explicita as dificuldades que teve ao investigar desmandos em entidades internacionais como a Fifa e o COI.

O COI e a Fifa me baniram. Das coletivas de imprensa, de cobrir suas reuniões, de fazer meu trabalho como jornalista. Teixeira colocou os advogados da Fifa pra tentar proibir que meu novo livro, *Um jogo ainda mais sujo*, denunciando o esquema fraudulento de comercialização de ingressos para a Copa do Mundo, chegasse às livrarias brasileiras. E se você acha que tudo isso está soando um pouco excessivo – um pouco, digamos, totalitário – veja esta: eles ilegalmente obtiveram meus registros telefônicos, identificaram alguns de meus contatos e usaram suas ligações na polícia para tentar sujar o nome dos meus amigos. As vezes brinco que desde que me tornei persona *non grata* nunca estive mais perto da Fifa – eles estão comigo em cada telefonema que faço!

Se para um jornalista mundialmente famoso a pressão exercida pelas megacorporações claramente incomoda, não seria diferente para os moradores das comunidades mais simples do Brasil. Em um caso bastante específico, o Loteamento São Francisco, em Camaragibe, chama a atenção como pouquíssimas são as imagens ou os textos postos nas redes por moradores removidos do local. Além da censura, denunciada no nível local na Introdução deste texto e no Mundial na citação bastante impessoal de Jennings acima, Sontag (2003) levanta que os personagens de uma tragédia, seja ela uma guerra ou uma grande violência, podem ter mais dificuldades para registrar os momentos dolorosos. “As representações mais francas da guerra, e de corpos feridos por calamidades, são de pessoas que aparentam ser mais estrangeiras e, por conseguinte, pessoas que têm menos possibilidade de ser conhecidas”.

No caso da Copa, são raros os registros feitos por removidos que morreram ou perderam suas casas durante o processo de luta pelas suas residências. Na pretensão clara de utilizar as imagens como retratos de uma situação que ainda tem muitos significados a serem explorados, destacamos uma parte da exposição *Os silêncios na cobertura da Copa do Mundo em Pernambuco* no Capítulo 2 (as demais imagens estão no ANEXO D).

Para Susan Sontag (2013), a realidade é redefinida pela fotografia. Esse poder que as fotos têm de discutir as relações entre os acontecimentos e as imagens produzidas a partir deles fez com que nos decidíssemos por estudar mais a fundo esse conjunto de imagens. Um grande evento midiático é justamente a oportunidade para questionar: o grande número de produções independentes que circula hoje principalmente na internet teria capacidade de diminuir a supremacia

mediática, exercida através do audiovisual, da internet e do rádio? Ou, pelo menos, está tirando do silêncio os discursos dos mais pobres, dos excluídos e também das minorias?

No percurso de 6,3 quilômetros entre a BR-408, em São Lourenço da Mata, e a Avenida Belmino Correa, em Camaragibe, logo após passar pela Arena de Pernambuco, o Ramal da Copa ainda pode ser visto com suas seis faixas, e nos dois lados da avenida está o enorme terreno reservado para a construção não iniciada da Cidade da Copa. “Não é possível separar a Copa do Mundo e as Olimpíadas dos projetos de cidade que estão sendo implementados. E isso se traduz no próprio orçamento que foi disponibilizado e nos investimentos realizados” (SANTOS JUNIOR O. A.; IN RAMALHO, 2015. Pág. 7).

Um dos maiores projetos urbanos criados durante a euforia dos mega-investimentos (em sua maior parte públicos) para o Mundial de 2014 no Brasil foi a Cidade da Copa, no município de São Lourenço da Mata, em Pernambuco. A imagem de uma maquete desse bairro planejado⁷⁵, construído ao lado da Arena de Pernambuco, rodou o mundo em dezenas de reportagens televisivas⁷⁶ e reproduções em jornais⁷⁷ e sites⁷⁸. A maquete ficou exposta por meses no Aeroporto Internacional dos Guararapes. Pouco falou-se, no entanto, da doação do terreno pelo poder público para o Consórcio Cidade da Copa (formado pelas empresas Odebrecht Investimentos em Infraestrutura Ltda. e Odebrecht Serviços de Engenharia e Construção S/A), que é o mesmo que executa a Parceria Público Privada da Arena de Pernambuco.

⁷⁵Disponível em: <<http://www.salaoimobiliariodepe.com.br/releases.php?id=25>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

⁷⁶Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QpcR-rks3BI>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

⁷⁷Maquete da Cidade da Copa em Recife está em exposição no Aeroporto dos Guararapes. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/copa2014/maquete-da-cidade-da-copa-em-recife-esta-em-exposicao-no-aeroporto-dos-guararapes/207224>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

⁷⁸Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/recifeecopa/preparacao.html>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

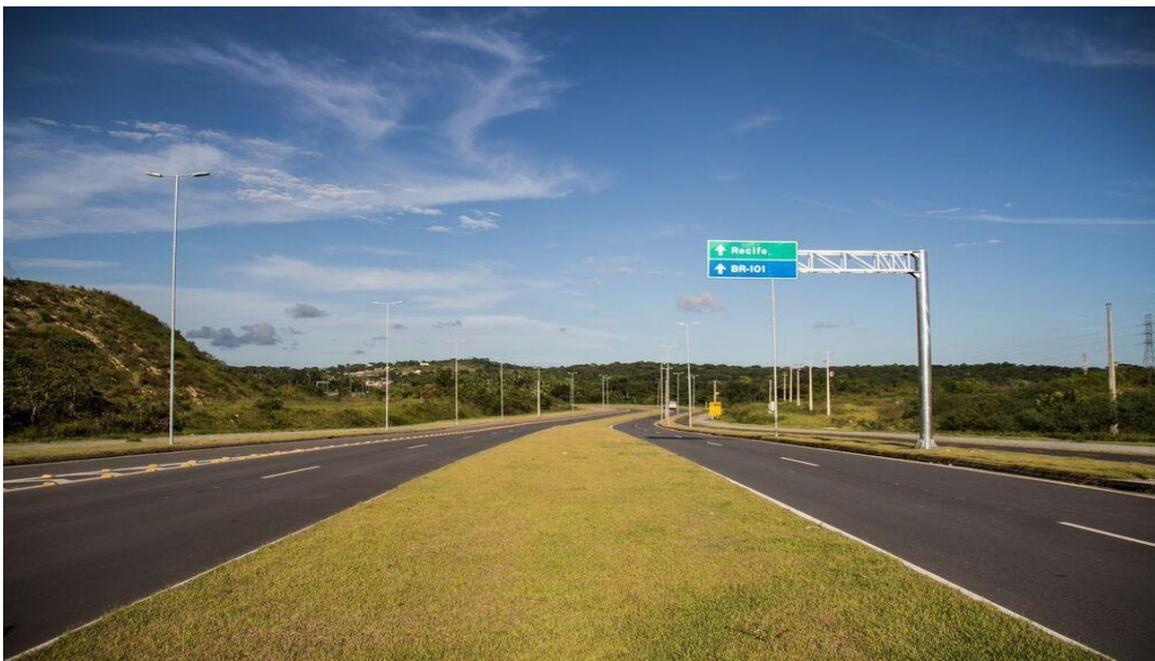


Figura 36 Exposição Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco – Crédito: Anderson Freire

A foto acima representa uma visão do trecho entre o estádio construído para a Copa do Mundo, a Arena de Pernambuco, e parte do local onde deveria ser construída a Cidade da Copa. A visão corresponde a como foi vista efetivamente durante o Mundial de 2014 a área do empreendimento, que no total teria 240 hectares e não difere muito de como está até hoje. No entanto, o pavimento que tirou centenas de moradores e comerciantes de São Lourenço da Mata veio acompanhado também de um discurso visual de que ali seria construída uma *Smart City*, representada muitas vezes pela maquete que retratamos na Figura 37 (abaixo).

O objeto foi exposto na sede do Clube Náutico Capibaribe⁷⁹, no hall da Prefeitura do Recife⁸⁰, no Aeroporto dos Guararapes⁸¹, circulou por outras cidades de Pernambuco⁸² e foi destaque em diversas peças publicitárias do Governo do Estado⁸³. Uma pesquisa no Google nos leva à impressionante marca de 13.800 respostas aos termos “maquete” e “cidade da Copa”.

⁷⁹Disponível em <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2012/04/09/maquete-da-cidade-da-copa-nos-aflitos/>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

⁸⁰Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/03/maquete-da-cidade-da-copa-esta-em-exposicao-no-recife.html>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

⁸¹Disponível em <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/maquete-da-cidade-da-copa-em-recife-esta-em-exposicao-no-aeroporto-dos-guararapes>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

⁸²Disponível em <<http://ne10.uol.com.br/canal/interior/agreste/noticia/2012/06/20/video-exposicao-em-caruaru-mostra-maquete-da-cidade-da-copa-349900.php>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

⁸³Disponível em: <<https://youtu.be/iTKOMvucY1M?t=260>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017



Figura 37 Reprodução do blog de João Alberto⁸⁴ Crédito: Divulgação

Curiosamente, a imagem que era mostrada positivamente no período anterior ao Mundial passa a ser usada como tema de críticas da oposição após o torneio. Em reportagem do portal LeiaJá⁸⁵, o deputado estadual e então líder da oposição na Assembleia Legislativa, Silvio Costa Filho, assume a postura de denunciar os erros: “A expectativa era de que a Cidade da Copa se transformasse em um novo eixo de desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife. Hoje, está ameaçada de não passar de uma maquete”. Ele enaltece o projeto que teria shopping centers, centro de convenções, parques e universidades, além de áreas residenciais, entre outros empreendimentos. Mas esquece de questionar a situação dos moradores que ocupavam aquela localidade antes das remoções.

No entanto, se dois lados se digladiam para mostrar a beleza do projeto ou a falta de eficácia de sua realização, é importante destacar que não aparece a disputa em relação às remoções executadas no terreno. O poder público e a mídia tinham interesses relacionados ao sucesso do Mundial de 2014 e só começa a haver disputa na Assembleia Legislativa na gestão de João Lyra Neto, em 2014⁸⁶. Já os removidos precisaram reunir apoio entre militantes desgarrados da esquerda e da direita, pois as forças tradicionais da política do Estado não participaram da

⁸⁴Disponível em <<http://www.joaoalberto.com/wp-content/uploads/2012/03/12/Maquete-Cidade-da-Copa21.jpg>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

⁸⁵Disponível em <<http://www.leiaja.com/politica/2015/05/15/costa-filho-alerta-que-cidade-da-copa-nao-passa-de-maquete/>> Acesso em 16 de janeiro de 2017

⁸⁶Disponível em: <<http://www.alepe.pe.gov.br/clipping/folha-de-pernambuco-polemica-agora-e-em-financas/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

resistência contra as remoções. O ponto de chegada do Ramal da Copa, tomando como base que o início seja a BR-408, mais próxima da Arena de Pernambuco e da Cidade da Copa, é justamente na Avenida Belmino Correa, onde foram fotografados os escombros das casas derrubadas do Loteamento São Francisco, alguns dos protestos antes do Mundial de 2014 e o outdoor das figuras 29 e 30.

Os 4,5 quilômetros desse trecho de pista entre o município de Camaragibe e o estádio foram pavimentados sobre diversas comunidades afetadas pelas remoções. A imagem do desenvolvimento aliado à Copa do Mundo está muito clara no outdoor pago com dinheiro público. Assim como na maquete da Cidade da Copa. Mas o silenciamento que acredito ter havido neste caso passa não somente por um processo de censura. Para entend-lo, é preciso entender qual era o contexto das famílias removidas e também o cenário político em Pernambuco.

O discurso daqueles que foram removidos para uma obra que não aconteceu, no entanto, parece ter ficado por baixo do asfalto. “Isso traz uma frustração generalizada, na geração de empregos para a população, para muitos empreendedores que já tinham planos de investimentos e para o crescimento econômico provocado pela descentralização habitacional”⁸⁷, lamenta o deputado Silvio Costa Filho, sem questionar a situação dos centenas de moradores e comerciantes que antes foram expulsos das suas residências para dar espaço para o que ele inicialmente chamou de desenvolvimento. Afinal, aparentemente houve foi o processo de expulsão de moradores para tornar uma área mais rentável ao mercado financeiro (gentrificação).

A situação de São Lourenço da Mata ilustra algo que aconteceu em outras cidades do Brasil. O debate político sobre os megaeventos acaba dando-se, na maioria das vezes, entre os que defendem o sucesso dos investimentos e os que criticam o mau uso dos gastos públicos. No entanto, a grande mídia muitas vezes deixa de registrar a situação de quem ficou para trás, soterrado pelas obras milionárias e pelo pavimento forte do discurso das grandes redes de televisão, de rádio, jornais, sites, publicidade e assessorias de imprensa.

⁸⁷Cidade da Copa pode não passar de uma maquete, dia oposição Disponível em <<http://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2015/05/15/cidade-da-copa-pode-nao-passar-de-uma-maquete-diz-oposicao/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

O olhar sobre as imagens silenciadas da Copa tem como objetivo entender os processos de silêncio e silenciamento que atuam na nossa sociedade atual, onde grande parte da população comunica-se diariamente através da internet, mas que ainda tem nos conteúdos criados pela mídia sua principal fonte de informações.

Broadcast and television, rather than being replaced by online viewing systems, are quickly becoming part of social media's logic; the growing interdependence between television and video-sharing platforms, and the frictionless exchangeability of YouTube, Facebook, and Twitter's features, simultaneously reflect and construct the emergent culture of connectivity. The implications of conventional content industries integrating with search engines, measurement, and advertising systems become poignantly visible at the level of the ecosystem, by comparing their various underlying mechanisms. A fairy tale is not history; it becomes history, though, if we fail to account for its fairytale-ness (VAN DIJCK, 2013, P. 109).

Se Orlandi (1995) utilizou as músicas compostas para contrapor o silêncio imposto pela ditadura militar para estudar aquele período que antecede a redemocratização do Brasil, as imagens da exposição *Os silêncios da cobertura da Copa em Pernambuco* trazem algumas questões à discussão do silêncio na contemporaneidade, entendendo que as imagens, assim como as palavras, são, sim, discursos. No caso das populações removidas pelas obras da Copa em Pernambuco, é sintomático que diversos pesquisadores tenham percebido a dificuldade das vítimas do processo expressarem em palavras o seu silêncio fundante, sua realidade naquele processo. Afinal:

O brasileiro, por ter a censura explícita na sua história política, relaciona-se com o discurso político através dessa memória. Memória aí no sentido amplo: mesmo os que não viveram a censura política explícita incorporam seus efeitos. Não se trata da aprendizagem mas de filiação histórica, inconsciente (Pecheux, 1991). A censura 'conta' na relação do brasileiro com o político (ORLANDI, 2007, 128)

Coordenadora de pesquisa realizada pelo Observatório das Metrôpoles no Recife, Ana Maria Ramalho expõe, na citação abaixo, uma dificuldade como pesquisadora. Mas que foi uma constante para militantes e acadêmicos que se envolveram e vivenciaram a dificuldade de defender com dados objetivos as famílias desapropriadas. Se era difícil o acesso para quem estava voltado para o tema diariamente, mais ainda seria para os jornalistas, categoria que vive um momento de demissões em massa nas redações brasileiras, que, ao mesmo tempo que exigem um profissional ágil e capaz de exercer várias funções para permanecer empregado,

também fragiliza as condições de trabalho principalmente daqueles repórteres, cinegrafistas e fotógrafos que fazem questão de exercer seu trabalho enxergando a função social do jornalismo, e não somente os interesses dos empresários que os empregam.

Foi difícil o acesso às informações, e, especificamente sobre alguns temas, como aqueles que tratam das alterações da legislação urbana, projetos de mobilidade, plano urbanístico da Cidade da Copa e, especialmente, os custos da arena e do número de desapropriações de famílias em função das obras da Copa. Mesmo quando é abordada a obrigatoriedade do acesso à informações através da Lei 12.527/11, as mesmas não foram disponibilizadas. (RAMALHO, 2015)

Curiosamente, Recife recebeu em 2013 grandes protestos nas jornadas de junho e, no ano seguinte, teve no Movimento #OcupeEstelita um importante espaço de discussão da cidade. Porém, a autora destaca:

Não só as ações relacionadas às desapropriações, mas todo o processo das obras da Copa no Recife foi marcado pela ausência de espaços de participação popular, bem como de engajamento dos movimentos sociais, contrariando a história de lutas do povo pernambucano (RAMALHO, 2015)

O exemplo da Copa do Mundo em Pernambuco é relevante justamente pela aliança que tinha a seu favor praticamente todos os principais players midiáticos. As grandes empresas de comunicação investem e são patrocinadoras da Copa do Mundo; o Governo Federal estava com toda a máquina pública e a estrutura publicitária montadas para defender o legado dos megaeventos no Brasil; a oposição do ponto de vista nacional era justamente quem executou através do Governo do Estado e da Prefeitura do Recife a maior parte das remoções em Pernambuco; o empresariado ainda vivia um período de muita expectativa e animação em relação ao então crescente vigor econômico de Pernambuco; e os movimentos sociais que acabavam de vivenciar as jornadas de junho de 2013 e no Recife também tiveram presença no #OcupeEstelita não tiveram presença marcante para criar um discurso contraproducente, que pudesse efetivamente barrar a majoritária defesa dos investimentos “necessários” para a Copa do Mundo.

Esse debate faz parte de como deve reconfigurar-se as discussões sobre política do silêncio. Não falamos agora de uma sociedade em que a mídia hegemônica define o que entra ou não na pauta da sociedade. Convivemos com um crescente fenômeno da chegada de novos usuários à internet e às redes sociais, mas essas novas tecnologias podem, por um lado, ser um fator gerador de espaços

de debate para muitas populações e, por outro lado, servem como fator atenuante para quem continua a impor pautas e garantir silenciamentos. E, ao mesmo tempo, convivemos primordialmente na internet através de sites e redes sociais que são controlados (assim como a mídia tradicional) por grandes grupos econômicos, que têm seus interesses e que muitas vezes são controlados por grupos estrangeiros.

4.2 QUEM SÃO OS REMOVIDOS E COMO FORAM APRESENTADAS AS OBRAS DE MOBILIDADE DA COPA?

O Portal da Copa, site do Governo Brasileiro sobre o torneio, anuncia citando o secretário Estadual da Copa, Ricardo Leitão, sobre as obras de mobilidade do Mundial 2014⁸⁸, no dia 4 de julho de 2014:

Na capital pernambucana, todas as obras da Matriz de Responsabilidade do governo federal para o Mundial foram concluídas ou ficaram operacionais para a época do torneio: a Arena Pernambuco, o viaduto da BR-408, o Ramal da Copa, a Estação Cosme e Damiano, o Terminal Marítimo de Passageiros do Porto do Recife, o Terminal Integrado Cosme e Damiano, o Corredor Leste-Oeste, o Corredor Norte-Sul, o Ramal da Cidade da Copa e a Via Mangue. “Ainda foram executadas obras que não faziam parte dessa matriz, mas que de alguma forma contribuíram para a circulação de turistas na cidade, como a aquisição de 16 novos trens para o metrô e a construção da passarela do aeroporto”, explicou Leitão.

No mês anterior, a presidenta Dilma Roussef esteve no Recife e inaugurou a primeira parte da Via Mangue e o Terminal Integrado de Cosme e Damiano⁸⁹. O sucesso com que a publicidade governamental, os sites do poder público e a cobertura midiática avaliaram naquele período do torneio as obras de mobilidade não correspondem a como elas foram vistas dois anos depois. Dois momentos bastante relevantes que aconteceram em relação às obras de mobilidade do Mundial de 2014 foram a visita da presidenta Dilma Roussef a Pernambuco, no dia 13 de junho, e o teste do BRT, ocorrido na véspera (12 de junho de 2014). O Bus Rapid Transit funcionou durante a Copa do Mundo por um percurso que passava justamente pelo Ramal da Copa e na área onde seria construída a expansão do Terminal Integrado de Camaragibe, apesar de essa ser uma das obras não iniciadas

⁸⁸Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/recife-supera-desafios-de-mobilidade-e-seguranca-e-comemora-sucesso-na-copa>> . Acesso em 18 de fevereiro de 2017

⁸⁹Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/06/apos-cerimonia-com-dilma-no-recife-mangue-e-liberada-ao-trafego.html>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

do chamado Ramal Leste-Oeste, que era previsto para ser inaugurado no Mundial de 2014. Ou seja, apesar de as duas obras que passam pelo Loteamento São Francisco não terem sido concluídas, elas têm relação com esse sistema que funciona até fevereiro de 2017 de forma precária, com apenas uma fração das estações em funcionamento.

Um levantamento dentro do nosso corpus de reportagens que abordam mobilidade nos dias 11, 12, 13 e 14 nos mostrou que o cenário e as pessoas que viviam nos locais afetados pelas obras ficaram praticamente fora do discurso das empresas de mídia. Mesmo em reportagens críticas, como *A Copa que não saiu do papel*, da Revista Veja⁹⁰, quando fala-se nas desapropriações é apenas no tom de que elas dificultam e atrasam a realização das obras públicas

Mesmo com o início das operações em 7 de junho, antes do Mundial, somente duas das quinze estações foram entregues. O governo de Pernambuco diz que problemas com desapropriação e as chuvas foram responsáveis pelo atraso das obras. As novas previsões indicam a entrega das sete estações que compõem o Corredor Leste-Oeste em agosto, além das oito estações do Corredor Note-Sul que devem ser entregues em outubro.

Em janeiro de 2017, os principais jornais pernambucanos mudam o tom e falam sobre os atrasos nas obras previstas para serem concluídas antes do torneio da Fifa. Em 24 de janeiro de 2017, o *Jornal do Commercio*⁹¹ diz que obras que deveriam estar prontas na Copa de 2014, abandonadas antes da conclusão pelo consórcio Mendes Junior e Servix, citado na operação Lava Jato, estão sendo retomadas pelo Estado, falando em relação a obras do Ramal Leste-Oeste como o viaduto do Ramal da Copa, dois terminais integrados de passageiros e duas praças.

O discurso dos gestores públicos em junho de 2014 era incorporado pela mídia. A *Veja* praticamente reproduz o mesmo texto do Portal Brasil, do Governo Federal, que fala em relação ao BRT de Pernambuco⁹²: “A ideia inicial do Governo do Estado de Pernambuco era entregar todas as estações ainda antes do Mundial, mas problemas com desapropriações e chuvas atrasaram o calendário”.

⁹⁰Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/politica/a-copa-que-nao-saiu-do-papel/> >. Acesso em 19 de fevereiro de 2017

⁹¹Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/01/24/obras-da-copa-2014-sao-retomadas-em-pernambuco-267860.php>>, Acesso em 19 de fevereiro de 2017

⁹²Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2014/06/com-duas-estacoes-concluidas-brt-comeca-a-operar-em-recife-pe> > Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

A maioria das reportagens, no entanto, efetivamente esquece o que estava antes nas áreas utilizadas pelas obras de mobilidade. Em algumas reportagens do teste do BRT, até aparecem terrenos desapropriados para as obras do Ramal da Copa, mas simplesmente não se fala nada sobre o cenário. O ônibus efetivamente passa pela área onde foi feita naquela data a Figura 29. A controvérsia de um terreno sem uso, onde houve mais de 200 remoções, no entanto, não foi aproveitada pela mídia em tempos de exploração do positivo do Mundial de 2014. É o caso da cobertura da TV Jornal sobre o teste do BRT⁹³.

O mais comum em 2014, no entanto, era as reportagens reportarem-se às obras de mobilidade que estavam sendo apresentadas⁹⁴, o esquema de trânsito que será feito provisoriamente durante o Mundial 2014⁹⁵, como chegar e sair da Arena de Pernambuco⁹⁶ e o clima político da cidade⁹⁷, sem tocar no que havia antes naqueles espaços.

Reportagem produzida pela equipe local do G1 é bastante longa e contabiliza o tempo que o BRT levou no percurso Derby-Arena de Pernambuco⁹⁸. No entanto, apesar de trazer uma foto de local próximo ao Loteamento São Francisco e de uma das obras responsáveis por grande número de remoções em Camaragibe, a única informação sobre a situação do local é a da legenda “Ramal da Copa ainda está em obras”.

⁹³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fX3ZI_t6JFU> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

⁹⁴Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/06/grande-recife-faz-ultimo-teste-do-brt-para-os-jogos-da-copa-do-mundo.html>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

⁹⁵Disponível em: <<http://www.cbnrecife.com/noticia/ultimo-teste-do-brt-e-realizado-no-recife>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017

⁹⁶Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/saiba-como-chegar-a-arena-pernambuco-nos-jogos-da-copa,447f9c481e096410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017

⁹⁷Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/netv-2edicao/videos/t/edicoes/v/no-recife-corredor-da-via-mangue-e-liberado-apos-cerimonia-com-dilma/3417483/>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

⁹⁸Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/06/grande-recife-faz-ultimo-teste-do-brt-para-os-jogos-da-copa-do-mundo.html>> Acesso em 17 de janeiro de 2017



Figura 38 Reprodução do G1 Crédito: Katherine Coutinho/G1

O registro da Figura 29, feito durante o teste do ônibus para a Copa do Mundo, de cima do BRT (Bus Rapid Transit), mostra um outdoor onde se lê “Arena Pernambuco 4,5 km”. A foto mostra pessoas andando por uma via sem calçadas e terrenos vazios dos dois lados do Ramal da Copa, onde anteriormente moravam as mais de 200 famílias do Loteamento São Francisco. A composição registra ainda uma bandeira do Brasil, que, assim como a propaganda, fazia parte do cenário preparado para o Mundial de 2014.

Efetivamente, a cobertura dos dias 11, 12, 13 e 14 mostra que a disputa da narrativa estava em outro contexto e esqueceu o passado daquele cenário e das famílias que ocupavam aqueles espaços. A exceção dentro da seleção que fizemos ao longo desses anos é justamente uma reportagem do blog Mídia Capoeira, escrita pelo jornalista André Justino⁹⁹ e que tem como título *Em São Lourenço também não vai ter Copa, que* traz a maquete da Cidade da Copa já em um contexto de crítica ao projeto urbano que não viria a sair do papel.

A realidade é prática. E na prática em São Lourenço da Mata, tão alardeada em outros momentos como a Cidade da Copa, não se vê um sentimento popular simpático à Copa. Casas, carros, comércio, onde está o entusiasmo da população pela realização de um megaevento onde nitidamente, na cidade, não trouxe nenhum legado de futuro? Todos nós iremos torcer. Mesmos os mais ferrenhos críticos a realização

⁹⁹Disponível em: <<https://midiacapoeira.wordpress.com/2014/06/14/em-sao-lourenco-da-mata-tambem-nao-vai-ter-copa/>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

da Copa, nunca coube e ainda não cabe ser contra o evento, mas sim, questionar a forma como ele é apresentado e implantado na cidade.

No início da implantação do projeto da Cidade da Copa, em todas as mesas de apresentação lá estavam as representações do governo do estado, construtoras e cidades da Região Metropolitana do Recife, inclusive São Lourenço. Hoje, após a abertura do Mundial, sequer a Capital Nacional do Pau Brasil é lembrada, muito menos representada.

E no aspecto da ausência de críticas e questionamentos unem-se todos que hora estão no poder, seja no governo federal, estadual e municipal. Não há como questionar o legado da Copa da FIFA para São Lourenço da Mata, sem questionar o impacto nas outras 12 cidades sedes e tantas outras que se veem envolvidas na realização do evento.

A análise de como foram apresentadas as obras de mobilidade, que representa parte do que foi a cobertura da imprensa brasileira durante a Copa do Mundo, é interessante para perceber que, no período de maior interesse e audiência, as temáticas que estão fora do discurso oficial do megaevento ficam ainda mais distantes da imprensa. Até mesmo alguns dos meios de comunicação citados nas reportagens acima fizeram perfis e mostraram as injustiças do Mundial de 2014 antes ou depois do torneio.

O Jornal do Commercio foi um dos veículos que fez coberturas sobre os removidos antes¹⁰⁰ do Mundial de 2014 e também depois, porém não encontramos nenhum material durante o período-chave do torneio. Também é uma característica do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação que algumas das matérias mais críticas são postadas nos veículos online JC Online ou NE10 e não são publicadas pelo impresso ou saem na rádio e televisão do grupo (Rádio Jornal e TV Jornal).

Desapropriações: a derrota que o mundo não viu é o título de uma das reportagens da repórter Mariana Dantas¹⁰¹, no Especial *Foi Mais que 7x1*, que está disponível no NE10. Ela, que escreveu a série com Thiago Wagner um ano depois da realização do Mundial de 2014, descreve a situação das obras que foram responsáveis pelas remoções do Loteamento São Francisco.

O sentimento de revolta dos antigos moradores aumenta quando olham para o lugar onde antes existam as suas casas. Quase nada foi feito. O mato cresce em meio ao lamaçal. No local, já deveriam estar construídas - e em funcionamento - quatro pistas de acesso à Arena

¹⁰⁰Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/12/11/os-derrotados-da-copa-108980.php>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

¹⁰¹Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/foi-mais-que-7x1/desapropriacoes.php>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

Pernambuco. Apenas uma via de mão dupla foi feita às pressas poucos meses antes do evento. Os postes de iluminação vivem desligados e faltam placas de sinalização. A obra, denominada de Ramal da Copa, também incluía a ampliação do Terminal de Passageiros do Camaragibe, que até agora não saiu do papel.

Dantas descreve a situação das obras que foram responsáveis pelas remoções do Loteamento São Francisco. Publicado em junho de 2015, o especial é dividido em quatro temas: Desapropriações, Mobilidade, Arena e Torcida. O texto sobre as pessoas que saíram de suas residências trata justamente de dois removidos da comunidade que faleceram após a realização do torneio¹⁰².

Um dos moradores que morreu sem ver a cor do dinheiro foi Romildo José dos Santos, 67, sogro da cabeleireira Paula Oliveira, 38. A família era proprietária há mais de 40 anos de um sítio de cinco hectares, hoje cortado pela via de acesso à Arena. As casas de seu Romildo e de Ana Paula ficavam justamente do lado do terreno que foi desapropriado.

Infelizmente, um deles ainda estava vivo e deu uma de suas últimas entrevistas.

O aposentado Jerônimo Sebastião de Oliveira, de 72 anos, morava com o filho e a esposa desde 1975 no Loteamento São Francisco do Timbi em uma casa de três quartos que fez melhorias ao longo dos anos. Recebeu até agora 80% do valor do imóvel, avaliado pelo Governo em R\$ 44 mil. Um ano depois do Mundial, ainda aguarda o restante do dinheiro. “Na época, chamei um perito que avaliou minha residência em R\$ 150 mil, três vezes mais”, disse o aposentado, que hoje sofre de depressão. Com o dinheiro, conseguiu comprar uma casa de um cômodo na Vila Santa Maria, comunidade distante da antiga residência.

Pelo menos duas vezes por semana, o aposentado vai ao Fórum de Camaragibe para saber se o dinheiro foi liberado. “Eu não quero culpar a construção da Arena, que até considero um desenvolvimento para o Estado. Quero culpar os governantes irresponsáveis, que não se preocupam com a nação brasileira. Cadê os defensores dos direitos humanos? Cadê a promotoria? Cadê o Ministério Público? Que país é esse? Sem lei. Porque honesto aqui não tem valor”.

O texto denuncia o uso do terreno onde foram desapropriadas as famílias do Loteamento São Francisco como estacionamento¹⁰³ e resume a espera e as injustiças¹⁰⁴ ocorridas com as famílias durante a tentativa de resistirem às desapropriações.

¹⁰²Não é coincidência serem dois dos personagens tratados na Introdução, Mariana Dantas me pediu indicações de entrevistados, como era comum que fosse feito por diversos profissionais durante o período da Copa em relação aos removidos. Passei os contatos da família de Seu Ramos e de Seu Jerônimo, que faleceu poucas semanas depois dessa reportagem ser publicada.

¹⁰³Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/foi-mais-que-7x1/area-destinada-a-ampliacao-de-ti-vira-estacionamento-de-onibus.php>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

¹⁰⁴Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/foi-mais-que-7x1/desapropriacoes-morosidade-da-justica.php>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017

Era fim do ano de 2012. Os moradores do Loteamento São Francisco do Timbi foram surpreendidos com um aviso colado no muro de suas casas. Uma semana depois, todos estavam reunidos com representantes do Governo de Pernambuco em uma escola da comunidade. “Na reunião, eles prometeram fazer mutirões com a participação do Poder Judiciário, Prefeitura de Camaragibe e cartórios para resolver as questões das famílias que precisavam atualizar documentação. Disseram que ficássemos tranquilos, que o pagamento sairia rápido”, lembra a cabeleireira Ana Paula Oliveira

Voltaremos ao tema da representação dos removidos e ao tempo e à forma como eles aparecem na imprensa pernambucana na Conclusão. Porém, é interessante notar que a imprensa do Estado e brasileira parou de citar as remoções e os impactos negativos das obras da Copa, mas houve reportagens no período sobre o tema na imprensa internacional¹⁰⁵ e também em veículos alternativos, como a Agência Pública de Jornalismo Investigativo¹⁰⁶. “When the World Cup ends what will remain is this people anger, na unfinished Project and many promises broken”, resume o correspondente internacional Frederik Pleitegen ao fim da reportagem da CNN sobre a situação dos dois removidos entrevistados, justamente Ana Paula Oliveira e seu esposo.

4.3 A COBERTURA DOS PROTESTOS RELACIONADOS À COPA EM PERNAMBUCO

Um dos temas mais constantes nas fotos da exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco* são os protestos organizados pela população de Camaragibe e pelo Comitê Popular da Copa. Do início de 2013 até junho de do ano seguinte, houve diversas manifestações públicas denunciando os impactos negativos do Mundial de 2014, organizadas em Camaragibe e em diversos locais do Recife como a Avenida Caxangá, a Rua do Sol (em frente à Procuradoria Geral do Estado) e o terreno do Cais José Estelita.

Manifestações registradas pela mídia tradicional ou veículos independentes:

- 16 de abril de 2013 – Protesto de moradores contra valores das desapropriações em Camaragibe ¹⁰⁷

¹⁰⁵Disponível em: <<http://edition.cnn.com/videos/world/2014/06/30/brazil-wc-evicted.cnn>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

¹⁰⁶Copa sem Casa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DZiE3rWBQ6U>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017

¹⁰⁷Protesto de moradores de Camaragibe contra valores de desapropriações. Disponível em:

- 7 de agosto de 2013 – População denuncia derrubada de casas em Cosme e Damião (limite entre Recife e Camaragibe) ¹⁰⁸
- 12 de agosto de 2013 – Protesto contra remoção de comerciantes da Avenida Belmino Correa, em Camaragibe ¹⁰⁹
- 3 de dezembro de 2013 – Denúncia a respeito da aceleração das derrubadas de residências no Loteamento São Francisco, em Camaragibe ¹¹⁰
- 16 de dezembro de 2013 – Protesto contra as demolições no Loteamento São Francisco, em Camaragibe ¹¹¹
- 23 de dezembro de 2013 – Natal dos removidos pela Copa do Mundo¹¹²
- 21 de março de 2014 – Moradores pedem agilidade de processos e pagamento das indenizações em frente à Procuradoria Geral do Estado, na Rua do Sol (Recife) ¹¹³
- 7 de maio – Protesto e paralisação do Terminal Integrado de Camaragibe ¹¹⁴
- 15 de maio de 2014 – Moradores lembram mortes de sete moradores do Loteamento São Francisco que faleceram durante processo de remoções, em Camaragibe ¹¹⁵

<<https://www.youtube.com/watch?v=uCoC2quS8v4>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹⁰⁸Cidade pernambucana marca protesto contra obras da Copa. Disponível em:

<<https://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/cidade-pernambucana-marca-protesto-contra-obras-da-copa,5cf52b7822950410VgnVCM3000009accebb0aRCRD.html>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

¹⁰⁹Protesto contra obras da Copa para Camaragibe nesta segunda-feira. Disponível em:

<<http://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2013/08/12/protesto-contra-obras-da-copa-2014-para-camaragibe-nesta-segunda-feira/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹¹⁰Acesso a moradias gera protesto em cidade vizinha à Arena PE. Disponível em:

<<http://direitoamoradia.org/?p=22281&lang=pt>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹¹¹Novo protesto contra valor das desapropriações. Disponível em:

<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/12/17/novo-protesto-contra-valor-de-desapropriacoes-109778.php>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹¹²Removidos pela Copa fazem Natal de quem só não perdeu a esperança. Disponível em:

<<https://comitepopularpe.wordpress.com/2013/12/22/removidos-pela-copa-fazem-natal-de-quem-so-nao-perdeu-a-esperanca/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

¹¹³Protesto no Recife cobra indenizações para desapropriações da Copa. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/03/protesto-no-recife-cobra-indenizacao-para-desapropriacoes-da-copa.html>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹¹⁴Passageiros revoltados com metrô quebrado protestam no TI Camaragibe. Disponível em: <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2014/05/07/passageiros-revoltados-com-metro-quebrado-protestam-no-ti-camaragibe-12618.php>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹¹⁵Greve da PM enfraquece protesto contra a Copa em Camaragibe. Disponível

em:<<http://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2014/05/15/greve-da-pm-ernfraquece-protesto-contra-copa-em-camaragibe/>> , Acesso em 18 de fevereiro de 2017

- 12 de junho de 2014 – Ato organizado no Cais José Estelita para marcar primeiro dia da Copa do Mundo, no Recife ¹¹⁶

Reunindo as dezenas de reportagens que foram produzidas sobre os protestos, é possível ver alguns padrões. Um que chama bastante atenção é a descontinuidade. Os jornalistas de grandes veículos de mídia relatam um ato para um grande veículo de comunicação, mas depois não aparecem mais textos daquele mesmo repórter. O repórter Wagner Sarmiento é um exemplo, só aparece material dele pelo Jornal do Commercio em dezembro. Além do texto sobre o protesto publicado em 17 de maio, ele faz um dos poucos materiais sobre quem são os removidos da Copa do Mundo.

Outro fato bastante relevante é que todo o discurso de quem sofreu impacto negativo por conta das obras da Copa do Mundo fica afastado das editorias de Esportes. A exceção que pode ser feita nesse caso é justamente o site Terra, já que o autor desta pesquisa era correspondente do portal na área esportiva. No entanto, é relevante lembrar que, após as primeiras reportagens sobre a temática, fui orientado a só postar reportagens que pudessem criticar a organização do Mundial de 2014 após uma aprovação da redação em São Paulo e, em um segundo momento, fui orientado a não mais escrever nada sobre as remoções do Mundial de 2014 em Pernambuco.

Decidimos fazer uma análise específica de duas coberturas que têm em comum protestos realizados no Terminal Integrado de Camaragibe. No dia 16 de dezembro, chama a atenção o contraste entre as coberturas feitas pela TV Globo¹¹⁷ e TV Jornal¹¹⁸. Na primeira emissora, não é dado direito de fala aos moradores, e a maior parte do tempo da reportagem é utilizada pela apresentadora Clarissa Gois, que ressalta informações como as obras de mobilidade que seriam implantadas, a aprovação de lei para concessão de auxílio-moradia aos moradores e o total gasto em indenizações: R\$ 42.504.572,98. Não fica claro em relação a quais imóveis esse

¹¹⁶Festival Anti-Fest: Ato cívico contra a Copa. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/events/1489425421286556/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹¹⁷Disponível em <<http://g1.globo.com/pe/pe-noticias/v/protesto-bloqueia-o-transito-pela-manha-no-centro-de-camaragibe/3021878/>> Acesso em 29 de janeiro de 2017

¹¹⁸Disponível em <<http://mais.uol.com.br/view/8bak1uywu0n2/moradores-protestam-por-indenizacao-em-desapropriacao-em-camaragibe-0402CC9C3366E4B94326?types=A&>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017

valor refere-se, porém a quantia é superior ao valor gasto nos 77 imóveis do Loteamento São Francisco.

A reportagem da TV Jornal começa diferente porque dá voz a dois moradores. Além disso, o número de remoções é diferente, já que nesta reportagem fala-se em 129 famílias. Mais importante, a situação social das famílias é retratada, incluindo um “borracheiro” que estaria morando nas ruas após ter sua casa demolida. Efetivamente, o caso explicita o erro na contagem, já que os 77 imóveis contabilizados na primeira reportagem, teriam pelo menos 129 casas (ainda segundo números oficiais), no entanto abrigando mais de 200 famílias, segundo o Comitê Popular da Copa.

Um dos entrevistados pela TV Jornal é justamente o borracheiro retratado na Figura 20. Uma das pessoas que nunca receberam indenizações por não ter sido contabilizado como morador das casas removidas. Isso traz uma outra questão importante a ser discutida, pois também as vítimas poucas vezes repetem-se nas coberturas. O outro entrevistado era uma liderança importante da comunidade, Elias Inácio da Silva, que aparece em diversas matérias realizadas em 2013, mas, pouco depois desse período, teve pagos os valores devidos pelo poder público à sua família e, após seus parentes receberem, acabou não mais aparecendo nas reportagens.

Curiosamente, na semana do 17 de dezembro de 2013, não encontramos nos sites dos principais jornais e portais de Pernambuco grandes reportagens repercutindo os protestos ocorridos em Camaragibe. O Diário de Pernambuco publicou na internet uma nota¹¹⁹. Já o Jornal do Commercio não faz referência ao dia em que se manifestaram os removidos, mas publicou nota em 19 de dezembro referente a pedido de desocupação na comunidade Bondade de Deus feito em frente ao Fórum de Camaragibe¹²⁰.

¹¹⁹Moradores protestam contra desapropriações em Camaragibe. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/12/16/interna_vidaurbana,479855/moradores-protestam-contra-desapropriacoes-em-camaragibe.shtml> Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

¹²⁰Protesto deixa trânsito lento na Avenida Belmino Correa em Camaragibe. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/jc-transito/noticia/2016/12/19/protesto-deixa-transito-lento-na-av-belmino-correa-em-camaragibe-264041.php>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

“Metrô quebrado lota Terminal Integrado de Camaragibe”¹²¹, “Passageiros reclamam de número de trens após dia de protesto em Camaragibe”¹²², “Confusão no metrô de Camaragibe”¹²³, “Revoltados com falhas no Metrô do Recife, passageiros fecham PE-05”¹²⁴. Os títulos das reportagens publicadas respectivamente pelo Jornal do Commercio, pela TV Jornal, pelo Diário de Pernambuco e pelo portal G1 dão ideia do que foi o foco das manchetes nos grandes veículos de comunicação pernambucanos no dia 7 de maio de 2014, após outro grande protesto na área do Loteamento São Francisco.

O blog Camaragibe da Vez também adotou o mesmo tom e chegou a citar como fonte o Jornal do Commercio¹²⁵: “Protesto termina com feridos após confronto com policiais em Camaragibe” e “Metrô quebrado lota Terminal Integrado de Camaragibe” foram os títulos dos dois textos publicados sobre o tema no dia, no site comandado pelo jornalista Magno Dantas. A mídia local nas pequenas e médias cidades costuma estar pautada pelas assessorias públicas e pela grande imprensa.

O cenário digno de uma verdadeira guerra das remoções, apresentado nas fotos da exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco* e nas reportagens de 7 de maio, no entanto, não teve explicação na mídia. E apesar de alguns cartazes sobre a Copa aparecerem em reportagens da TV Globo¹²⁶ (como será descrito posteriormente), as principais emissoras de televisão pernambucanas não relacionam o protesto às grandes obras do megaevento (encontramos também material da TV Jornal¹²⁷). Não fiz reportagens sobre esse dia, pois estava em outra pauta a serviço do Terra, mas a percepção de que havia um vazio naquela cobertura

¹²¹ Metrô quebrado lota Terminal Integrado de Camaragibe. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/05/07/metro-quebrado-lota-terminal-integrado-de-camaragibe-127178.php>> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

¹²² Passageiros reclamam do número de trens após dia de protesto em Camaragibe. Disponível em: <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2014/05/08/passageiros-reclamam-do-numero-de-trens-apos-dia-de-protesto-em-camaragibe-12630.php>> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

¹²³ Confusão no metrô de Camaragibe. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N6TBDe4y87E>> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

¹²⁴ Revoltados com falha no metrô do Recife passageiros fecham PE-05. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/05/revoltados-com-falha-no-metro-do-recife-passageiros-fecham-pe-05.html>> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

¹²⁵ Disponível em: <<http://www.camaragibedavez.com.br/tag/ti-camaragibe/>>. Acesso em 11 de janeiro de 2017

¹²⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/netv-1edicao/videos/t/edicoes/v/falha-no-metro-do-recife-atrasa-viagens-e-revolta-passageiros/3329795/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AObF3ELwybQ;>> Acesso em: 7 de novembro de 2016

foi fundamental para, com ajuda de amigos, dar início ao blog Mídia Capoeira e depois realizar a exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco*.

Às vésperas da Copa do Mundo de 2014, o Terminal Integrado de Camaragibe já havia transformado-se em ponto comum de protestos. As manifestações tinham de ser acompanhadas pela imprensa, por terem tornado-se muito grandes e terem tido forte repressão policial. No entanto, algumas das reportagens parecem omitir a presença dos desapropriados e, mesmo mostrando o cenário de casas destruídas, silenciam sobre os motivos da existência daquele cenário de guerra. É o caso das reportagem que foram ao ar no dia 7 de maio de 2014, no NETV primeira edição da TV Globo em Pernambuco.

Nos momentos 2'15" e 2'25", aparece um jovem com cartaz com a inscrição *Copa pra Quem?*. O protesto parece isolado, pois, a todo momento, fala-se que a motivação dos manifestantes é apenas reclamar da lentidão do metrô e das paralisações no serviço. Não se explica como os manifestantes organizaram-se para queimar pneus e interromper o trânsito fora do Terminal Integrado de Camaragibe, apesar de essa ser uma tática que vinha sendo empregada pelos desapropriados das obras de expansão do Terminal Integrado e do Ramal da Copa desde 2013. Em nenhum momento, os protestos anteriores são citados na reportagem pelos entrevistados ou pelo repórter. O protesto parece ser somente por conta da má qualidade dos serviços de transporte e deslocado do momento que vivia a cidade às vésperas do início do Mundial de 2014.

No momento 6'10", aparece a Polícia Militar atirando balas de borracha contra manifestantes. Por trás, um cenário desolador de casas destruídas. No entanto, não há explicação para aquelas casas demolidas para uma obra que não viria a ser realizada (a expansão do Terminal Integrado de Camaragibe estava prevista entre as obras de mobilidade do Mundial de 2014 e causou as demolições do Loteamento São Francisco).

No NETV segunda edição¹²⁸, novamente a reportagem não cita a Copa do Mundo, mas, atrás do repórter Bruno Fontes, é possível ler, em pelo menos um dos cartazes com inscrições, a frase *Copa para quem?*,questionando o evento esportivo

¹²⁸Disponível em:<<http://g1.globo.com/pernambuco/videos/t/netv-2-edicao/v/problema-tecnico-em-trens-revolta-passageiros-do-metro-em-camaragibe-pe/3331140/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

no minuto 1'36", justamente quando é mostrada a cena dos manifestantes queimando pneus na Avenida Belmino Correa. Importante notar como é feita a descrição dos responsáveis pelo protesto. “Dentro da estação, vândalos colocaram uma carcaça de geladeira para impedir a passagem do metrô, era um protesto porque ontem um vagão quebrou e hoje o intervalo entre os trens passou de 10 para 25 minutos”, diz o repórter Bruno Fontes. E continua: “o protesto também continuou na Avenida Belmino Correa. Eles colocaram fogo nos pneus e impediram a passagem dos carros e também dos ônibus”.

No dia seguinte, 8 de maio de 2014, novamente o NETV primeira edição, fez reportagem, agora com o título “Passageiros reclamam de ação da polícia em confronto em Camaragibe¹²⁹”. Na reportagem da noite anterior, no NETV segunda edição, as imagens que aparecem a partir do minuto 2 parecem mostrar a Polícia Militar começando a atirar em manifestantes aparentemente parados. A descrição da cena pelo repórter Bruno Fontes é interessante:

uma bomba foi jogada na direção de algumas pessoas que estavam na área do terminal de ônibus. Uma mulher passou mal. Ela foi levada por uma ambulância do Samu. A confusão continuou, os policiais usaram balas de borracha e correram para prender os manifestantes. Eles recuaram, mas não saíram da área do Terminal de Integração. Os policiais atiraram de novo com balas de borracha. Na confusão um passageiro foi atingido nas costas (FONTES¹³⁰)

O homem que ficou ferido não é identificado na reportagem, mas o repórter entrevista-o e ele diz acreditar ter sido atingido por uma bala de borracha. A mulher que passa mal também não foi identificada. Uma análise dessas imagens, no entanto, dá a impressão de que a TV Globo registrou cenas que mostram o início do tumulto violento sendo causado pela ação da Polícia Militar. Apesar de reforçar uma denúncia constante dos movimentos sociais, de que os movimentos sociais vêm sendo criminalizados, o fato só poderia ser verificado com uma entrevista profunda com o repórter Bruno Fontes.

Cobertura dos protestos no dia 7 de maio sem relacioná-los às obras da Copa do Mundo também fez a TV Jornal¹³¹. Um momento bastante interessante é quando

¹²⁹Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/netv-1edicao/videos/t/edicoes/v/passageiros-reclamam-de-acao-da-policia-em-confronto-em-camaragibe/3332558/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹³⁰Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/videos/t/netv-2-edicao/v/problema-tecnico-em-trens-revolta-passageiros-do-metro-em-camaragibe-pe/3331140/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹³¹Disponível em: <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2014/05/07/passageiros-revoltados->

um policial militar, em 1'14", entrevistado pela reportagem afirma que um dos manifestantes foi preso por ter depredado um ônibus. Em seguida, coro de pessoas atrás dele gritam “mentira, mentira”. No dia seguinte, a emissora volta a Camaragibe e faz mais uma cobertura também sem relacionar o tumulto e os protestos com as obras que estavam sendo realizadas no município¹³² para o Mundial de 2014. A reportagem do jornalista Jonathan Monteiro é encerrada com imagens de pessoas jogando pedras contra ônibus, queimando pneus para interromper a Avenida Belmino Correia e sendo presas, numa espécie de resumo do que aconteceu no dia anterior, que foi assim descrito:

Vários passageiros reagiram com protesto na manhã de ontem. Eles bloquearam a entrada e saída dos ônibus do Terminal Integrado de Camaragibe, colocaram uma geladeira nos trilhos e, por último, fecharam a Avenida Belmino Correia, a principal da cidade. O Batalhão de Choque foi chamado e houve confronto. O movimento terminou com 18 ônibus depredados, sete pessoas detidas e oito feridas, entre elas dois PMs

Não parece possível, pelas imagens e reportagens, analisar se houve uma tentativa de criminalizar os manifestantes que protestaram no Terminal Integrado de Camaragibe. No entanto, o uso do Batalhão de Choque da PM – que seria repetido na desocupação do Cais José Estelita, como descrito anteriormente – parece ser, no mínimo, um sinal do momento político conturbado que vivia Pernambuco durante os meses antes do início da Copa do Mundo de 2014. O que podemos afirmar com bastante convicção é que houve uma tentativa clara de desvincular os protestos dos usuários do Terminal Integrado de Camaragibe das manifestações promovidas pelos moradores daquela área vizinha, onde antes havia o Loteamento São Francisco. Assessor de comunicação da CBTU, Salvino Gomes¹³³ foi entrevistado e explicou os motivos dos transtornos causados à população em entrevista que foi exibida no NETV primeira e segunda edição do dia 7 de maio.

Os técnicos estavam trabalhando, nós montamos uma estratégia para justamente o Grande Recife nos dar apoio, eles colocaram mais ônibus, e hoje pela manhã a gente acabou começando com esse intervalo de 25 minutos. E aí... Nesse horário pela manhã, a gente teve essa infeliz coincidência, a infeliz ação das pessoas que acabaram fazendo o

com-metro-quebrado-protestam-no-ti-camaragibe-12618.php> Acesso em 18 de fevereiro de 2017

¹³²Disponível em: <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2014/05/08/passageiros-reclamam-do-numero-de-trens-apos-dia-de-protesto-em-camaragibe-12630.php>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017;

¹³³Disponível em: A partir de 3m30s <<http://g1.globo.com/pernambuco/videos/t/netv-2-edicao/v/problema-tecnico-em-trens-revolta-passageiros-do-metro-em-camaragibe-pe/3331140/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

protesto lá na rua reclamando contra o trem e contra o ônibus e invadiram a estação. Quando eles invadiram a estação e invadiram a via, a gente teve que paralisar o sistema por questão de segurança (GOMES)

A explicação de que já havia protesto nas ruas fechando as vias no entorno da Avenida Belmino Correa, somadas às imagens de cartazes com frases relacionadas à Copa, aparentemente mostram que as duas pautas estavam presentes no protesto. Porém, aparentemente representantes do poder público e da mídia tentaram afastar o tema das obras do Mundial de 2014 da cobertura. Numa das poucas reportagens escritas encontradas sobre o protesto do dia 7 de maio, o blog Mobilidade do Diário de Pernambuco resume a relação que havia naquele momento entre os protestos e a Copa do Mundo.

O Terminal Integrado de Camaragibe era a grande aposta para a integração do metrô e do BRT (Bus Rapid Transit) para a Copa do Mundo e seus efeitos práticos foram prometidos para o primeiro semestre deste ano.

Maior do que a estação de Cosme e Damião, testada na Copa das Confederações, a de Camaragibe deveria ser o principal suporte, mas não será. A expansão do terminal para receber o BRT sequer foi feita. E as seis estações que deveriam receber o modelo dos ônibus do BRT na principal via de acesso à cidade também não ficaram prontas. Camaragibe deixou de ser o plano A e Cosme Damião vai novamente ser a aposta para atender aos usuários do metrô. Não apenas os planos foram adiados. O conforto e o bom atendimento também.

Além das limitações de capacidade da estação, outro desafio não só para a Copa, mas também para os usuários todos os dias, é o intervalo nas viagens do trem. A média é 12 minutos no ramal que chega ao município, 2,4 mais tempo que o esperado na estação central do Recife nos horários de pico.

Ao chegar na integração, novo desafio. Com cerca de 51 mil pessoas atendidas por 107 veículos por dia, os passageiros enfrentam esperas de até 30 minutos, a depender de qual das 21 linhas precise. Na busca por qualidade, a população de Camaragibe lembra que é mais do que uma via de acesso a um dos palcos da tão aguardada Copa do Mundo. (PASSOS¹³⁴)

Os argumentos da jornalista são importantes. Em primeiro lugar, fica claro que, mesmo se não houvesse presença dos removidos nos protestos, as situações estão relacionadas. Em segundo, é importante destacar como a possibilidade de um repórter especializado numa temática como a mobilidade pode ser importante em coberturas que envolvem uma discussão bastante complexa, como o transporte na

¹³⁴Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/mobilidadeurbana/tag/protestos/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017

Região Metropolitana do Recife. A presença dos removidos nos protestos perde importância, já que é papel do jornalista contextualizar uma situação que efetivamente envolve investimentos milionários relacionados ao megaevento midiático que é a Copa do Mundo. Porém, moradores afirmam que havia um protesto marcado para aquela data para fechar as ruas no entorno do Terminal Integrado de Camaragibe.

5 CONCLUSÃO

O impeachment ocorrido em 2016 certamente demonstra que a resposta do governo Dilma Roussef às mobilizações de junho de 2013 não foi suficiente para transformar a indignação da juventude e de todos que foram às ruas por mais direitos em uma força construtiva da democracia brasileira. Os grupos empresariais e políticos que conseguiram tirar o Partido dos Trabalhadores da Presidência da República em 2016 teriam tido mais sucesso em utilizar as ferramentas de comunicação para conquistar o apoio dos jovens que foram às ruas e da opinião pública brasileira como um todo? Em julho de 2013, Castells (2013, p.147) escreveu no pós-fácio da edição brasileira do livro *Redes de indignação e esperança*:

Enquanto era possível ignorar os manifestantes, espancá-los ou manipulá-los, tudo podia ficar igual, para além de discursos vazios em veículos controlados. Mas se a esperança do movimento se encarna em parte da elite política e chega à Presidência da República, o perigo passa a ser grave e eminente. E como o movimento tampouco confia totalmente na presidenta, já que não confia em político algum até ver suas promessas transformadas em realidade, o resultado dessa inovadora interação entre a política nas ruas e a política nas instituições é, no momento em que escrevo esse texto, julho de 2013, uma questão em aberto.

A Copa do Mundo de 2014 foi certamente um dos eventos que mais atraíram a atenção dos brasileiros entre as manifestações de junho de 2013 e o impeachment efetivado em 31 de agosto de 2016, com a votação no Senado. No dia 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados em uma votação transmitida pela televisão aprovou o início do processo de cassação. A votação que tirou Dilma Roussef da Presidência da República esteve entre os momentos mais marcantes para a opinião pública no período justamente que antecedeu as Olimpíadas de 2016.

Trazer à tona os silêncios e silenciamentos na Copa do Mundo é, na minha opinião, necessário para mostrar, especialmente aos acadêmicos, que não se pode lutar por uma democracia plena sem uma dose forte de luta pelo Direito à Comunicação. Ainda mais nos tempos em que vivemos hoje. O exemplo do Brasil efetivamente demonstra que as redes sociais e a internet não são de maneira alguma isentas de manipulações pelo capital financeiro e pelos líderes políticos, assim como todas as ferramentas anteriores (imprensa, rádio, televisão).

Os estudos que realizei sobre silêncios e silenciamentos talvez fossem ainda mais efetivamente aplicáveis ao que aconteceu em 2016. Logo após assumir a

Presidência da República, um dos primeiros atos de Michel Temer foi no sentido de exonerar o presidente da Empresa Brasil de Comunicação¹³⁵, Ricardo Melo, passando por cima da Lei 11.652/2008, que regula a radiodifusão pública no País e que, para garantir a autonomia da EBC frente a governos, prevê mandatos de quatro anos para presidência.

Uma percepção que parece óbvia hoje no Brasil, mas que, regredindo a 2013, não era comum, especialmente entre a juventude, é que a internet não será suficiente para gerar um ambiente de discussão democrática. No entanto, a defesa da comunicação pública como instrumento fundamental para o direito humano à comunicação continua sendo feita apenas em espaços acadêmicos e de militância e em poucas iniciativas midiáticas como as promovidas pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC).

O silenciamento da mídia corporativa em relação aos ataques do Governo Federal à autonomia da EBC em 2016 parece ter semelhança com o silenciamento dessas mesmas empresas em relação às remoções da Copa do Mundo.

Como fruto da luta da sociedade brasileira pelo direito à comunicação, a Constituição Federal prevê a complementaridade dos sistemas privado, público e estatal de radiodifusão. O passo mais significativo na construção do sistema público foi a aprovação, em 2008, da lei 11.652, que institui os princípios e objetivos da radiodifusão pública no país e cria a Empresa Brasil de Comunicação como expressão de um sistema livre da interferência econômica ou governamental, em consonância com o artigo 223 da Constituição Federal.

A EBC (Empresa Brasil de Comunicação) é fruto dessa luta e um patrimônio de todos os brasileiros, que veem ali colocadas suas mais diferentes expressões culturais e de opinião. Para assegurar o caráter público, a Lei 11652 trouxe mecanismos importantes, como o Conselho Curador (órgão com representação da sociedade e dos trabalhadores), a Ouvidoria e a proteção do mandato do diretor-presidente, impedindo que este seja trocado a partir de cada mudança do Executivo. Esses instrumentos são essenciais para que a empresa responda à sociedade, e não a partidos ou governos de plantão. Por isso, respeitar os princípios legais que zelam pela autonomia desta empresa pública é princípio essencial para todos que acreditam na democracia e na diversidade de vozes.

A EBC, que sempre esteve ligada à sociedade por meio do seu Conselho Curador, representativo das esferas da sociedade civil, governo, setor privado e empregados, não pode ter seus alicerces legais e finalidades atingidas pelo governo interino. Este projeto não pertence ao Executivo nem a qualquer partido, mas à sociedade brasileira. (NOTA PÚBLICA:

¹³⁵Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/temer-ataca-comunicacao-publica-e-exonera-presidente-da-ebc>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017

EM DEFESA DA EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO E DA
COMUNICAÇÃO PÚBLICA¹³⁶⁾

A nota acima, que está transcrita na íntegra no Anexo C, foi divulgada no dia 17 de maio de 2016. Os principais veículos de mídia corporativa deram pouca importância ou silenciaram, exerceram a política do silêncio, possibilitando que existisse clima e desinformação que naturalizam o inimaginável, e, dois dias após tomar posse como presidente, Michel Temer editou Medida Provisória, em 2 de setembro, prevendo, entre outras medidas, a extinção do Conselho Curador da EBC¹³⁷.

Veículos independentes, por outro lado, também sofrem ataques na sua autonomia. Por um lado, grandes empresas como a Globo investem em meios de cooptação, oferecendo recursos a comunicadores para que associem seus blogs e redes sociais a veículos como o aplicativo Na Rua, da GloboNews. Por outro lado, empresas estrangeiras que têm feito um jornalismo mais próximo do interesse público precisam se defender de Ação Direta de Inconstitucionalidade instaurada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) para continuar a atuar no nosso País¹³⁸.

Apesar de óbvio, é preciso mais uma vez ressaltar que o silenciamento em relação à luta pela Democratização da Comunicação é um fator que gera problemas comunicacionais que facilitam a manipulação do público em questões relevantes como o Direito à Cidade em um pequeno bairro como o Loteamento São Francisco. Os ataques à comunicação pública são silenciados por grande parte da mídia, assim como foram também as violações de direitos dos removidos da Copa do Mundo, e acontecem cotidianamente repetições disso relacionadas a megaempreendimentos.

O Direito à Cidade tem sido desprezado como denunciou a então relatora da ONU para o Direito à Moradia Raquel Rolnik ao visitar o Recife em dezembro de 2013. Porém, esse trabalho volta-se para uma percepção prática de que existe uma ligação direta entre as violações ao Direito Humano à Comunicação e uma série de

¹³⁶Nota pública em defesa da EBC e da Comunicação Pública. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/nota-publica-em-defesa-da-empresa-brasil-de-comunicacao-e-da-comunicacao-publica/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

¹³⁷Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-mp-de-temer-para-a-ebc-e-o-novo-golpe-na-comunicacao-publica>> . Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

¹³⁸Disponível em: < <http://www.conjur.com.br/2016-out-27/anj-stf-portais-sigam-mesmas-leis-jornais>> . Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

outras violações que são facilitadas por essa atuação da nossa mídia, inclusive a da moradia, que, na minha opinião, já caracteriza-se por uma rotina de silenciamento. Infelizmente, ainda temos pouco acesso a uma literatura que discuta efetivamente a política do silêncio e a censura/o silenciamento nos ambientes profissionais da mídia, até porque essa discussão é muito difícil de ser feita com os jornalistas e comunicadores de uma maneira geral.

Acredito que é fundamental, para a continuidade do que essa pesquisa propõe no futuro, discutir com os profissionais da comunicação em atuação no mercado sobre como se dá a naturalização dos silêncios e dos silenciamentos. Na verdade, ao perceber os bons profissionais que estiveram na cobertura de reportagens que silenciaram as remoções em Camaragibe, tenho impressão que, na mídia brasileira, a política do silêncio e o silenciamento confundem-se. Talvez os profissionais tenham dificuldade de perceber quando estão sendo censurados, já que a discussão sobre censura ainda é pouco feita nas nossas universidades e as regras das redações são impostas com uma naturalidade que pode até passar despercebida.

Na Semana de Jornalismo da UFPE de 2014¹³⁹, tive oportunidade de levar as fotos da exposição *Os silêncios na cobertura da Copa em Pernambuco* a um workshop com cerca de 20 estudantes da graduação em Comunicação Social para discutir as formas de tentar sair das pautas impostas pelo poder político e midiático. A imagem de pessoas que eram de classe média perdendo seu direito à moradia, em alguns casos a vida, certamente marcou muitos estudantes de jornalismo. Porém, o domínio da mídia por poucos é uma condição do nosso País. Possibilitar a criação de novos empreendimentos de mídia alternativa será certamente um caminho, como discutir mais e em profundidade a questão da ética, da censura e das políticas de silêncio nas nossas turmas de comunicação.

O Direito Humano à Comunicação só será garantido com uma legislação que regule quem pode ter os veículos de comunicação e também proporcione punições

¹³⁹Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/semanadejornalismoufpe/photos/a.887696367916952.1073741828.882871108399478/897623403590915/?type=3&theater>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

para o exercício incorreto do jornalismo, das concessões públicas de rádio e TV, além dos excessos e desrespeitos cometidos também através da internet. Associado a isso, será preciso ainda aumentar muitas vezes o investimento que temos hoje no Brasil em comunicação pública, reforçando as estratégias de controle social que atualmente estão sendo encerradas pelo Governo Federal (como foi com o mandato do Presidente da EBC e com o Conselho Curador da Empresa).

O problema não é a Copa, são as políticas. A política de comunicação é uma delas. Com todos os problemas do país, a realização da Copa era absolutamente defensável. Acuados pelas manifestações de 2013, os governos abaixaram a cabeça e se envergonharam até do que não deveriam (LASSANCE, in JENNINGS, 2014, p. 82)

Concordo apenas em parte com o que afirma Lassance. Se a política de comunicação é efetivamente um problema, nesse contexto precisamos colocar o silenciamento em perspectiva. De forma que, em outros episódios, a população de uma cidade consiga perceber de que maneira questões como mobilidade e moradia podem estar fortemente ligadas, como no episódio dos protestos do 7 de maio de 2014 em Camaragibe; profissionais de comunicação e mesmo militantes do campo da informação estejam cada vez mais bem informados sobre questões que interferem diretamente nos interesses dos grupos poderosos e consigam desnaturalizar a desinformação que marcou a cobertura das remoções na Copa do Mundo do Brasil; em última instância, que acadêmicos consigam se informar com fontes seguras e confiáveis para não propagar um discurso pouco maduro em relação às violações de direitos no nosso País.

Em relação à análise do corpus expandido, é relevante notar que percebemos uma estratégia bastante interessante dos grupos empresariais de mídia. Parece acontecer com frequência o silenciamento de temas nos programas de maior audiência, geralmente televisivos, com a realização de matérias para os portais ligados às mesmas empresas. No período efetivo da Copa do Mundo, quando todas as atenções estavam voltadas para as cidades-sede, também houve praticamente uma paralisação da divulgação das questões sociais relacionadas à Copa do Mundo pela mídia comercial pernambucana e brasileira.

Reuni no total 102 reportagens de TV, dos jornais, de rádio e internet. Todas, de certa maneira, tratavam de temas relacionados às remoções da Copa do Mundo em Pernambuco, mesmo que em alguns casos as informações fossem sonegadas e

apenas as imagens fossem naquele ambiente. Parece-me que é possível passar por todo esse estudo e, caso o leitor desconheça a realidade do Loteamento São Francisco, por exemplo, irá pensar que esse não é um caso de silenciamento. Tratamos de uma temática que teve milhares de reportagens realizadas, portanto o universo que reunimos nesta dissertação é apenas uma pequena amostra e que foi, durante anos, selecionada a partir de critérios particulares de interesse (algumas vezes por achar que era algo que expunha o tema, outras por omitir certas informações).

Mesmo dentro desse universo, é preciso perceber como foi silenciado mais fortemente o tema das remoções durante o período chave da Copa do Mundo, os meses de maio, junho e julho de 2014. Esse silenciamento chegou inclusive aos meios alternativos, mas teve repercussão principalmente na mídia tradicional. Isso fez com que muitos, certamente a maior parte da população brasileira e pernambucana, que só se interessaram pelos temas do Mundial de 2014 naquele período saíssem com uma visão distorcida de como foi a preparação para o megaevento.

Um discurso quase não ouvido é ou não silêncio? Essa discussão precisa ser realizada com muito afincamento, pois irá definir uma série de temas silenciados pela grande mídia e que geram conflitos de diferentes proporções na sociedade brasileira atualmente: questões do direito à cidade (onde se encontram muitas das temáticas relacionadas à Copa do Mundo e aos megaeventos no Brasil), dos direitos LGBT, das religiões afro-brasileiras e de ancestralidade indígena e mesmo discussões que estão no centro do debate mundial, como a questão do uso de agrotóxicos, transgênicos e da luta pela agroecologia como contraponto ao discurso majoritário que mostra o agronegócio como fator primordial para o recente desenvolvimento do Brasil.

Esse debate faz parte de como entendemos que devem se reconfigurar as discussões sobre política do silêncio. Falamos ainda de uma sociedade em que a mídia hegemônica define o que entra ou não na pauta da sociedade. A internet pode ser um fator gerador de espaços de debate para muitas populações. Por outro lado, serve como fator atenuante para quem continua com seus debates silenciados. Assim como reportagens de sites ligados a grandes grupos econômicos e políticos podem servir como discurso de defesa da pluralidade para quem os domina. E, ao

mesmo tempo, convivemos primordialmente na internet através de sites e redes sociais que são controlados (assim como a mídia tradicional) por grandes grupos econômicos, que têm seus interesses.

Ou seja, se hoje nos preocupamos com o domínio dos meios de comunicação brasileiros por políticos¹⁴⁰ e por poucas famílias de empresários, é preciso também focarmos nosso olhar na regulação da internet. O cenário brasileiro certamente é de muito pessimismo, com o Congresso Nacional e o Governo Federal demonstrando estarem justamente em caminhos opostos, mas será preciso enfrentar anos duros não só no campo da comunicação como em toda a democracia brasileira.

Para chegar a uma reconfiguração desse debate, acreditamos que é fundamental discutir a atuação dos diversos produtores de conteúdo que atuaram nas pautas relacionadas à Copa do Mundo para tentar perceber como ocorreram os silêncios e os silenciamentos durante esse período tão simbólico para o Brasil.

De certa forma, é possível que tenha havido desinteresse de parte do público brasileiro pelo tema das remoções da Copa. Além do trabalho de massificação da imagem positiva da Copa do Mundo, esse fato reforçaria também algo que Sontag descreve em relação ao sentimento dos americanos sobre as fotos de guerras. Para ela:

Provavelmente, se formos americanos, julgaremos mórbido fazer um esforço especial para ver fotos de vítimas queimadas por um bombardeio atômico ou fotos da carne de vítimas civis atingidas por napalm lançado pelos americanos na Guerra do Vietnã, mas julgaremos nosso dever olhar (SONTAG, 2003)

O Brasil teve no futebol justamente uma das maiores forças de criação do sentimento de unidade nacional. É possível que parte desse público apaixonado também tenha mais dificuldade de ver esse silêncio fundante. No entanto, a história, que certamente vai além dos enquadramentos que foram abordados por moradores, militantes, jornalistas, midiativistas, tem sido contada primordialmente por gestores públicos e pela mídia. Além do medo da repressão associado à ditadura militar ou a gestões antidemocráticas, é sintomática a dificuldade que os removidos do Loteamento São Francisco tiveram de entender o processo por que passaram e também de expor nas ruas e nas redes sociais a situação. O fato de não formarem

¹⁴⁰Disponível em: <<http://intervozes.org.br/intervozes-pede-para-ser-ouvido-por-stf-em-acao-de-temer-para-favorecer-politicos-donos-de-emissoras/>> Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

mais um grupo de vizinhos hoje também dificulta que continuem a mobilizar-se e lutar pelos direitos.

Acredito que um estudo com entrevistas aprofundadas com os jornalistas envolvidos em casos de silenciamento polêmicos, como os que envolvem grandes empresas e o poder público, pode trazer argumentos bastante interessantes para entendermos como têm se dado as rotinas de silenciamentos nas redações brasileiras. Apesar de ter feito parte dos planos desta pesquisa uma série de entrevistas com jornalistas e comunicadores, não tivemos condições de realizar para esta dissertação e certamente retomarei essa estratégia no futuro para enriquecer o debate sobre as nuances do funcionamento das políticas do silêncio dentro das redações.

Por fim, penso que esta dissertação mais do que aos estudiosos do Direito à Cidade, que têm diversos estudos mais aprofundados, serve, sim, a quem pretende entender como se dá e em que forma se retira o Direito Humano à Comunicação. Um dos maiores eventos midiáticos do mundo serve, sim, para criar um ambiente de muita troca de informação e, mesmo assim, consegue-se encobrir fatos que mudam a vida de populações inteiras. Ou seja, não temos uma mídia como instrumento garantidor de direitos e da Democracia. E este trabalho vai no sentido de construirmos estratégias para desenvolver na academia um espaço de discussão do fazer jornalístico, sem desconectar da discussão do poder na comunicação e da regulação do setor.

A censura explícita (ORLANDI, 1995) é realmente uma das mais fracas formas de silenciar. Mas é também uma realidade bastante atual em 2017 e uma preocupação efetiva de todos que prezam pela pluralidade na esfera pública. Entendemos o silêncio como uma das facetas da comunicação que estão sendo modificadas no contexto atual. E nos interessamos pela Copa do Mundo por ser um dos maiores eventos televisivos do mundo, tendo quebrado diversos recordes de audiência de acordo com relatório divulgado pela Fifa¹⁴¹.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, 89% dos entrevistados têm na televisão uma das suas principais formas de informação, sendo que 63% têm nela a

¹⁴¹Disponível em <[http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/tv/02/74/55/57/2014fwcbraziltaudiencereport\(dr aft5\)\(issuedate14.12.15\)_neutral.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/tv/02/74/55/57/2014fwcbraziltaudiencereport(dr aft5)(issuedate14.12.15)_neutral.pdf)> Acesso em 21 de janeiro de 2017

principal maneira de acompanhar as notícias. A internet ainda vem bastante distante (SECOM, 2016). Tomamos a grande rede como uma possibilidade real de manifestação, mas entendendo que é um instrumento (como impresso, rádio, TV) que depende fortemente de recursos para chegar a grandes audiências e que certamente está sendo disputado pelas grandes corporações, assim como por governantes e pelas empresas de mídia.

O acompanhamento dos últimos anos dos números da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostram que a televisão deve continuar por algum tempo como principal forma de informação dos brasileiros. O quadro abaixo mostra de que maneira os entrevistados se informam em 2016. Com uma amostra de 15.050 pessoas, eles responderam à pergunta *Em que meio de comunicação o(a) sr(a) se informa mais sobre o que acontece no Brasil? E em segundo lugar?*

Tabela 1: Fonte (SECOM, 2016)

Base: Amostra (15050)	1ª MENÇÃO	1ª+2ª MENÇÕES
TV	63%	89%
Internet	26%	49%
Rádio	7%	30%
Jornal	3%	12%
Revista	0%	1%
Meio externo (placas publicitárias, outdoor, ônibus, elevador, metrô, aeroporto)	0%	0%
Outro (Esp.)	0%	2%
NS/ NR	0%	0%

A informação de que a televisão mantém uma força muito grande e desproporcional em relação aos outros veículos de comunicação é relevante, já que a concessão dos veículos de comunicação é restrita no País. E esse fato soma-se a autores que, mesmo em realidades em que o panorama é bem mais diverso, têm uma visão crítica sobre o poder da internet – ou de qualquer outra tecnologia em si – para democratizar a comunicação, como Jose Van Dijck(2015, P. 126):

The neoliberal ideology of technology pushing economic needs is not always conducive to the ideal of creating a sustainable environment that nourishes community-based platforms. Commercial owners favor—over the need for sustainable communities—quick turnovers, short-lived trends, celebrities attracting mass audiences, attention-grabbing experiences, influential power-users, and a large pool of aspiring professionals. And yet it is remarkable how often the participatory ideal of

connectedness is invoked to warrant the need for commercial exploitation of connectivity. Google is still most eager to praise YouTube as a site for activists and creative people; it direly needs the image of being a site for friends recommending videos to friends, even if its interface no longer foregrounds taste communities.

Para encerrar, não existe fórmula singular de garantia de pluralidade de informações numa sociedade. É preciso, sim, discutir a quem pertencem os meios de produção de informações, garantir que os setores públicos e comunitários passem a ter uma fatia importante do nosso espectro televisivo e radiofônico; ao mesmo tempo, é necessário discutir o conteúdo e como garantir o direito de resposta às pessoas ou aos grupos que sofrem abusos por profissionais de comunicação ou empresários do setor; mas, na academia, é preciso também investir para formar comunicadores que percebam cada vez mais as limitações da atuação nos grandes veículos de mídia e consigam discutir como atuar em situações como as discutidas em relação às remoções da Copa do Mundo, em que a censura e as políticas mais sutis de silêncio estão tão naturalizadas.

O silêncio e silenciamento são práticas que no limite podem desrespeitar algumas regras formais, mas que dificilmente serão punidas pela Justiça. Porém, entender e discutir as diversas facetas dessa ferramenta que vem sendo utilizada com tanta habilidade pelos poderes econômicos e políticos no Brasil é cada vez mais um dever de quem defende a Democratização da Comunicação no Brasil. Portanto, espero continuar este estudo e conseguir aprofundar-me nas classificações dessa prática e nos estudos das rotinas do silenciamento na mídia brasileira.

REFERÊNCIAS

- Anais do III Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo Tema: Os Silêncios no Jornalismo.** Florianópolis, UFSC, 2015. Disponível em: <<http://mejor2015.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/05/merged-51.pdf>>
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade.** 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTELLS, Manuel. **Pós-fácio à edição brasileira IN Redes de indignação e esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COPA do Mundo no Recife, A.** Direção: Kleber Mendonça Filho. Recife (BR). SPORTV, 2014. Disponível em: <https://vimeo.com/groups/405846/videos/118166306> (15 min.) Acesso em 24 de fevereiro de 2017.
- Dossiê da Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa - Megaeventos e violações de direitos humanos no Brasil,** 2014 Disponível em: <http://www.observatoriodasmetroles.net/projetomegaeventos/index11e8.html?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=364> Acesso em: 22 de setembro de 2016
- GUIMARÃES, Renato Cosentino Vianna. **Barra da Tijuca e o projeto olímpico: a cidade do capital.** 151 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2001
- HARVEY, David. **O Direito à Cidade.** Traduzido por Jair Pinheiro, professor da FFC/UNESP/ Marília. Esta versão foi cotejada com a publicada na New LeftReview, n. 53, 2008. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/david-harvey.pdf>
- HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia.** São Paulo: Futura 2003.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência** 2. ed. São Paulo: Aleph 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6ª ed. Editora Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JENNINGS, Andrew (Org). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1ª ed. São Paulo :Boitempo : Carta Maior, 2014.

MARESCA, Sylvian. **O silêncio das imagens**. In SammainEttiene (Org.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

MARTINS, José de Souza. **O retrato do ser fragmentado**. In: Sociologia da Fotografia e da Imagem, São Paulo: Editora Contexto, 2009. (p. 43-47.)

MOURA, Alice Bezerra de Mello. **Remoções forçadas, moradas desmanteladas: uma intervenção estatal no Loteamento São Francisco**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2016.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The Spiral of Silence: Public Opinion - Our Social Skin**. University of Chicago Press, 1993

ORLANDI, EniPucinelli **As formas do silêncio** – No movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1995

PAULA, Marilene de; BARTELT, Dawid Danilo (orgs.). **Copa para quem e para quê?** Um olhar sobre os legados dos mundiais de futebol no Brasil, África do Sul e Alemanha Rio de Janeiro. Fundação Heinrich Böll, 2014.

Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 – PBM 2016 Brasília, Secom, 2016
<file:///C:/Users/Lorena/Downloads/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202016.pdf>

RAMALHO, Ana Maria Figueira (Org.). **Recife: Os impactos da Copa do Mundo de 2014**. Rio de Janeiro: Oficina de Livros, 2015.

ROLNIK, Raquel. **A questão dos megaeventos é debatida na ONU**. Tradução livre realizada pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), 2010. Disponível em:

<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2010/11/mega_eventos_portugues1.pdf>

Acesso em 14 de janeiro de 2017

ROLNIK, Raquel. **Copa 2014, Olimpíadas 2016 e Megaprojetos – Remoções em curso no Brasil, 2011** Disponível em: <https://comitepopularpe.files.wordpress.com/2011/06/relatc3b3rio-raquel-rolnik-abril-2011.pdf> Acesso em 2 de fevereiro de 2017

SCOTT, Parry; SANTOS, Dayse Amâncio dos; SOUZA, Eduardo Araripe; MOURA, Alice Bezerra de Mello. **Disputas em diferentes tempos na construção da Arena pernambucana para a Copa do Mundo: planejando, executando, mitigando.** Trabalho apresentado no II Conferencia Internacional Megaeventos e a Cidade, Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, 27-30 de abril, 2014, na sessão temática AT2, Conflitos e Resistências. IN: MOURA, SCOTT, OLIVEIRA (orgs). **Copa do Mundo em Pernambuco: impactos, avaliações e ações.** Recife, Ed. do Organizadores, 2015. ISBN 978-85-415- 0729-5 (digital) [CD-ROM]

SCOTT, Parry; MOURA, Alice Bezerra de Mello; LEMOS JUNIOR, José Roberto de. **Territorializando a Copa: discurso em torno das mudanças territoriais na construção da arena e da Cidade da Copa em Pernambuco.** In II Conferência Internacional Megaeventos e a Cidade Disponível em: <http://megaeventos.ettern.ippur.ufrj.br/pt-br/territorializando-copa-discursos-em-torno-das-mudancas-territoriais-na-construcao-da-arena-e-da> Acesso em: 8 de setembro de 2016.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SOUZA, Maria Angela de Almeida; BITOUN, Jan (Orgs.). **Recife: Transformações na ordem urbana.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity: A critical history of social media.** Oxford University Press, 2013

ANEXO A - OFÍCIO DE DENÚNCIA À PROCURADORIA GERAL DO ESTADO DE MAL USO DE TERRENO PÚBLICO

Recife, 16 de junho de 2015.
À Procuradoria Geral de Justiça de Pernambuco.

Assunto: Uso indevido do bem público - terreno da desapropriação do Loteamento São Francisco, em Camaragibe.

Vimos, por meio deste ofício, relatar e solicitar à Procuradoria Geral de Justiça de Pernambuco a apuração de uso indevido do bem público no processo de desapropriação promovido pelo Governo do estado justificado nas obras do Terminal Integrado de Camaragibe e o Ramal da Copa do Mundo 2014.

Após aproximadamente um ano de realização do megaevento que justificavam as obras, a área desapropriada se encontrava abandonada. Contudo, há duas semanas, começaram a construir um muro no entorno de todo o terreno sem nenhuma identificação da obra. Segundo o relato de motoristas de ônibus e de moradores da área, será construída uma garagem de ônibus para uma empresa privada, a Metropolitana (fotos em anexo).

A área foi desapropriada e decretada de utilidade pública pelo decreto número 38.535 de 16 de agosto de 2012, sendo assim, o uso de maneira privada se torna ilegal. Uma consulta ao cartório de imóveis de Camaragibe mostrou que o terreno ainda não foi regularizado pelo Governo do Estado, constando ainda o registro dos lotes individuais das famílias.

Ademais, ao observarmos a planta de uma das obras constata-se o excesso do Governo do Estado de Pernambuco, pois não houve projeto alternativo de redução de impactos, como orienta o guia de remoções e despejos produzidos pela ONU (relatoria de direitos humanos para moradia adequada), a Resolução 127 de 2011 do Ministério das Cidades, portaria 317 de 2013 e a própria Constituição de 1988 quando garante o direito à moradia. Consequentemente houve o excesso na desapropriação, removendo mais do que o necessário. Foram desapropriados, ao todo, 129 (cento e vinte e nove) famílias, as quais moravam na referida área, em média, há 40 anos.

As violações ocorreram desde o início do processo expropriatório, vão da ausência de projeto, da não participação dos moradores, das ameaças sofridas para aceitação dos valores indenizatórios, do despejo forçado realizado em caminhão de lixo, da falta de assessoria jurídica, do acesso à justiça, a falta de assistência psicossocial, até a vulnerabilidade das famílias que foram removidas sem a previsão de recebimento da indenização justa, prévia e em dinheiro como expõem a lei de desapropriação 3465/1941.

O caso do Loteamento São Francisco já chegou ao conhecimento de importantes referências na defesa pelos direitos humanos como a Relatoria do Direito à Cidade da Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos Sociais, Culturais e Ambientais (DHESCA) e da Relatoria da ONU para o Direito à Moradia Adequada, que visitaram a localidade nos dias 18 e 29 de novembro de 2013, respectivamente. Tais relatorias encaminharam Cartas de Providência ao Governo do Estado, exigindo,

Econômicos Sociais, Culturais e Ambientais (DHESCA) e da Relatoria da ONU para o Direito à Moradia Adequada, que visitaram a localidade nos dias 18 e 29 de novembro de 2013, respectivamente. Tais relatorias encaminharam Cartas de Providência ao Governo do Estado, exigindo, dentre outras coisas, que fossem imediatamente suspensas pela Secretaria Estadual de Desapropriações do Estado de Pernambuco as imissões de posse oriundas dos processos judiciais de desapropriação até que se fossem dadas condições dignas para relocação e reassentamento das famílias, mas tais pedidos não foram acatados.

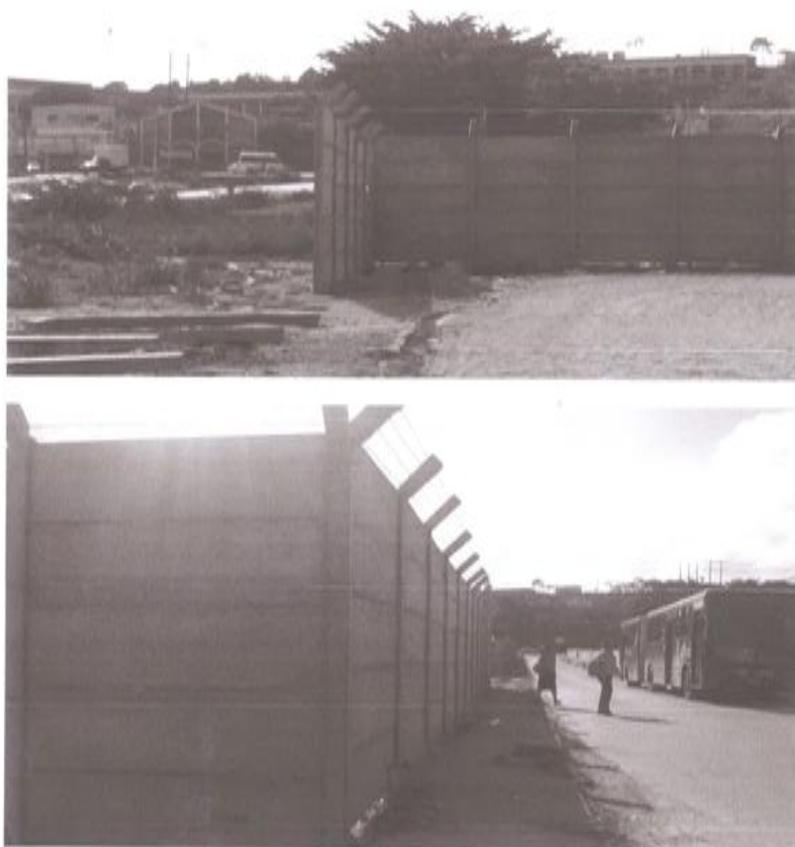
Foram relatados casos de moradores(as), especialmente idosos(as), que estão sofrendo problemas cardíacos e psicológicos, inclusive já ocorreram oito óbitos, consequências oriundas do processo traumático de desapropriação.

Diante desse contexto, o uso indevido da área desapropriada para utilidade pública vem agravar a situação de violação dos direitos humanos básicos e se caracteriza como ilegal.

Certas(os) de que o Ministério Público, defensor da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis, reconhecerá o caráter de urgência da situação, nós moradores do Loteamento São Francisco pleiteamos que, esta instituição distinta apure este uso indevido de bem público, em detrimento de sua destinação, e interceda junto ao caso acima narrado, para que sejam garantidos nossos direitos mais básicos.







ASS: Moradores do Loteamento São Francisco

Organizações de apoio a Luta do Moradores do Loteamento São Francisco:

ANEXO B - NOTA DE REPÚDIO AO PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER E À TV GLOBO

21/05/2014

Não existe jornalismo na cobertura da Copa do Mundo: Nota de repúdio ao programa Profissão Repórter e à TV Globo

por Comitê Popular da Copa em Pernambuco.

Faltando 22 dias para o início da Copa do Mundo no Brasil, a principal emissora de televisão do país anunciou que seu mais independente programa de reportagens seria voltado a discutir os efeitos do Mundial de 2014 na população brasileira. O Profissão Repórter da última terça-feira (20 de maio), no entanto, repetiu todos os truques de edição, a maquiagem da informação e a ausência de contextualização dos casos que tem sido utilizados pelos principais veículos de comunicação “tradicionais” para despolitizar os protestos e maquiar os problemas causados pelas obras deste que é o maior evento da mídia mundial neste ano.

O programa Profissão Repórter teve o mérito de tornar público nacionalmente um problema como as desapropriações injustas na pequena comunidade do Loteamento São Francisco, em Camaragibe, a sete quilômetros da Arena Pernambuco. Porém, os próprios entrevistados que representaram o bairro se sentiram violados no seu direito à expressão por terem tido seus depoimentos cortados e sua história ter sido contada aos pedaços, sem a expressão total do drama que tem sido a busca pelos pagamentos de indenizações, das mais de 200 casas já destruídas e especialmente no contexto em que Judiciário, Parlamento, Defensoria Pública, Ministério Público e, até mesmo, a imprensa têm sido controlados pelo Executivo estadual.

Também é necessário se fazer o registro de que o programa descontextualiza falas de militantes e com isso cria uma injusta e proposital imagem de violência. Integrantes do Comitê Popular da Copa, o assistente social Rodrigo Rafael e a advogada Eugênia Lima chegaram a ser entrevistados pela reportagem da TV Globo e suas falas sequer foram ao ar. O jornalista Eduardo Amorim enviou diversos textos publicados na mídia tradicional e no seu blog pessoal, cujas informações também ignoradas. Pior tratamento teve a autora do vídeo Gol Contra, a integrante do Copa Favela, Andréa Luna. Ela chegou a ser entrevistada pelo programa em sua própria residência. Mas apenas foi ao ar, de forma totalmente isolada, um trecho de uma fala feita por Andréa durante reunião no Loteamento São Francisco, em que ela diz que se for preciso irá para as ruas queimar pneus. A quem interessa esse tipo de edição?

É preciso também esclarecer que os números utilizados pela TV Globo demonstram a falta de interesse em fazer jornalismo e explicitam o interesse de maquiar uma realidade. Não é verdade que o Comitê Popular da Copa de Pernambuco utilize os números divulgados no Profissão Repórter. Como já foi explicitado até mesmo em veículos da mídia tradicional, em Pernambuco, o Governo do Estado e a Prefeitura do Recife assumem ter realizado, para as obras do Mundial, mais de 2.000 remoções. Nacionalmente, a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa estima em 250.000 o número de atingidos.

Esses expressivos números são escondidos e só aparece no programa a contagem de terrenos divulgada pela Procuradoria Geral do Estado, que maquia o fato de que algumas das famílias do Loteamento São Francisco terem construído seis, oito ou até dez casas nos seus terrenos. Portanto, o Comitê Popular da Copa estima em mais de 200 as famílias desapropriadas na comunidade para as obras de ampliação do Terminal Integrado de Camaragibe e do Ramal da Copa, ambas ainda bastante atrasadas.

A séria acusação feita pela TV Globo ao perito judicial Leonardo Collier Selva talvez seja o único ponto a se destacar como positivo do programa comandado pelo respeitado jornalista Caco Barcellos. Mas, afinal, é mais do que necessário investigar também porque apenas uma defensora pública foi destacada para atender todos os casos de remoções da Copa no Estado, as denúncias feitas por moradores de que os juízes do Fórum de Camaragibe receberam a visita do ex-governador, e atual candidato à Presidência da República, Eduardo Campos para pressioná-los a executar as remoções

de imediato. E não podemos concordar com a posição do Ministério Público de Pernambuco que não tem dado assistência a essas famílias, sob a justificativa apenas de que se tratariam de casos individuais de direito à propriedade.

É preciso também destacar que outras questões ficaram de fora da pauta do Profissão Repórter e foram substituídas por quadros cômicos que mostram o primeiro jogo da Arena Corinthians e o aluguel de um apartamento nos arredores do Maracanã. Um exemplo é a falta de transparência nos gastos feitos para obras como a da Arena Pernambuco, cujo custo da obra tem sido divulgado provisoriamente como R\$650 milhões pelo Governo do Estado, mas que soma três empréstimos de R\$900 milhões, como é visto facilmente neste site de transparência.

Ali mesmo, ao lado do Loteamento São Francisco, ou na tradicional região da Cidade da Copa, conhecida como Pixete, em São Lourenço da Mata, também seria possível registrar situações graves de necessidade de atenção no combate à exploração sexual de jovens e adolescentes, que estão ainda mais vulneráveis com as grandes obras que vem sendo realizadas por todo o país no contexto deste megaevento.

A própria Região Metropolitana do Recife também seria um ótimo local para expor a instabilidade a que estão sendo submetidos os pequenos comerciantes, já que até hoje a Prefeitura do Recife ainda não confirmou a realização da FifaFanFest e por isso deixa mais de 7.000 trabalhadores (segundo o Sintraci) sem saber se serão ou não deslocados dos seus locais de comércio, diante da aprovação de lei que torna território da entidade privada internacional uma área de dois quilômetros ao redor destas áreas que serão instaladas nas outras 11 sedes do Mundial e possivelmente também na capital pernambucana.

Diante dessa questão, para finalizar, seria preciso registrar que a equipe do Profissão Repórter esteve no Recife na última quinta-feira, quando cerca de 200 moradores do Loteamento São Francisco, estudantes, midiativistas, advogados e integrantes de movimentos sociais se reuniram em um ato pacífico que marcou o 15M em Pernambuco. Apesar de todo o esforço dos integrantes do coletivo para fazer um ato que não colocasse em risco a vida dos idosos, que formam a maior parte da comunidade removida, a TV Globo nem mesmo registrou o fato do protesto pacífico ter sido realizado durante a greve da Polícia Militar de Pernambuco, que criou um clima de caos em todo o Estado e gerou uma série de furtos a lojas em outras cidades da Região Metropolitana do Recife.

Quando se consegue fazer um ato de paz e mostrar que vidas estão sendo perdidas para as desapropriações, como foi demonstrado pelas sete cruzeiras fincadas no terreno do Loteamento São Francisco pela plataforma Copa Favela, a informação relevante é ignorada pelo maior veículo de comunicação do país? Mas no momento em que as mobilizações saem dos limites e ocorrem atos de violência por militantes, ou mesmo por pessoas infiltradas por forças políticas adversárias, a mídia aproveita para desmoralizar toda a construção coletiva de questionamento aos megaprojetos e megaprojetos no Brasil.

Nessa ocasião, não só o programa da Globo como toda mídia local, perderam a oportunidade de fazer o registro de que o 15M tinha o objetivo explícito de exigir a construção de um conjunto habitacional no terreno das remoções, visto que Terminais Integrados são uma política de mobilidade bastante questionada pelos usuários do transporte público, que sofrem com as longas esperas para embarcar nos terminais e exigem a implantação do bilhete único. Cabe ainda o detalhe de que a licitação das obras de ampliação do Terminal Integrado de Camaragibe nem mesmo foi iniciada pelo Governo de Pernambuco.

Diante do exposto, é preciso repudiar toda a cobertura da mídia corporativa no Brasil, solicitar à TV Globo direito de resposta com o mesmo tempo e destaque concedidos ao Profissão Repórter e fazer um destaque em respeito aos midiativistas e aos poucos jornalistas que na mídia tradicional ainda tentam colocar em primeiro lugar a função social da profissão de jornalista, enquanto está evidenciado que, na cobertura da Copa do Mundo, o que manda é o poder do capital e os interesses dos grandes empreendedores e dos gestores municipais, estaduais, federais e da Fifa.

ANEXO C - NOTA PÚBLICA DA FRENTE EM DEFESA DA EBC E DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA

Nota pública: Em defesa da Empresa Brasil de Comunicação e da Comunicação Pública

A democracia e a comunicação estão intrinsecamente ligadas. A manifestação de toda a pluralidade de atores enriquece a democracia, ampliando a capacidade de encontrar soluções que contemplem toda a sociedade. Por outro lado, a ausência de diversidade cria falsas unanimidades e prejudica o debate público.

Como fruto da luta da sociedade brasileira pelo direito à comunicação, a Constituição Federal prevê a complementaridade dos sistemas privado, público e estatal de radiodifusão. O passo mais significativo na construção do sistema público foi a aprovação, em 2008, da lei 11.652, que institui os princípios e objetivos da radiodifusão pública no país e cria a Empresa Brasil de Comunicação como expressão de um sistema livre da interferência econômica ou governamental, em consonância com o artigo 223 da Constituição Federal.

A EBC (Empresa Brasil de Comunicação) é fruto dessa luta e um patrimônio de todos os brasileiros, que veem ali colocadas suas mais diferentes expressões culturais e de opinião. Para assegurar o caráter público, a Lei 11652 trouxe mecanismos importantes, como o Conselho Curador (órgão com representação da sociedade e dos trabalhadores), a Ouvidoria e a proteção do mandato do diretor-presidente, impedindo que este seja trocado a partir de cada mudança do Executivo. Esses instrumentos são essenciais para que a empresa responda à sociedade, e não a partidos ou governos de plantão. Por isso, respeitar os princípios legais que zelam pela autonomia desta empresa pública é princípio essencial para todos que acreditam na democracia e na diversidade de vozes.

A BBC, empresa pública de comunicação inglesa, com quase 100 anos de existência, está sustentada sobre esses pilares. Seguindo seus passos, em apenas oito anos de funcionamento, os veículos da EBC fizeram valer o artigo constitucional que prevê a complementariedade dos sistemas de comunicação no Brasil. A empresa estabeleceu como missão contribuir para a formação crítica das pessoas. Entre seus valores estão a independência nos conteúdos, na transparência e na gestão participativa. Os direitos humanos, a liberdade de expressão e o exercício da cidadania completam essa lista, juntamente com a diversidade cultural, a criatividade, a inovação e a sustentabilidade.

A TV Brasil buscou levar mais diversidade étnico-racial para a tela de brasileiros e brasileiras, com ampliação de representações negras na pauta jornalística e na programação cultural, seja por meio de filmes, desenhos animados ou programas de entrevista. As agências da EBC, Agência Brasil e Radioagência Nacional, distribuíram conteúdo gratuitamente para milhares de jornais, blogs e emissoras de rádio, que não teriam condições de informar devidamente a população sobre os fatos e direitos políticos, econômicos e sociais.

Em apenas oito anos, as equipes de jornalismo da EBC conquistaram ou foram finalistas de diversos prêmios, principalmente pela cobertura de direitos humanos. Entre eles, os prêmios Vladimir Herzog, Líbero Badaró, Tim Lopes, Abdias do Nascimento, ESO e Embratel. As emissoras de rádio ampliaram o espaço para a produção musical independente, o esporte e a informação. Está sob a administração da EBC rádios com importância histórica, interesse público e relevância atual como as rádios Nacional do Rio, MEC AM e FM do Rio, Nacional da Amazônia, Nacional do Alto Solimões, Nacional de Brasília e Nacional FM de Brasília.

Alertamos para os perigos que esse patrimônio da sociedade brasileira corre. Repudiamos a decisão do governo interino de destituição ilegal do diretor-presidente em plena vigência de seu mandato, publicada no Diário Oficial da União deste dia 17 de maio, e exigimos a imediata revogação da medida, com sua manutenção no cargo. Também nos questionamos ameaças que circulam por meios não oficiais, como a redução da estrutura de pessoal ou o desvirtuamento dos princípios, objetivos e missão da empresa, bem como qualquer ataque à Lei da EBC e ao projeto da comunicação pública. A EBC, que sempre esteve ligada à sociedade por meio do seu Conselho Curador, representativo das esferas da sociedade civil, governo, setor privado e empregados, não pode ter seus alicerces legais e

finalidades atingidas pelo governo interino. Este projeto não pertence ao Executivo nem a qualquer partido, mas à sociedade brasileira.

Brasília, 17 de maio de 2016.

Frente em defesa da EBC e da Comunicação Pública
(<https://www.facebook.com/emdefesadaEBC/>)

ANEXO D - DEMAIS IMAGENS DA EXPOSIÇÃO OS SILÊNCIOS NA COBERTURA DA COPA EM PERNAMBUCO



Anexo D Foto: Eduardo Amorim Data:13/6/2013



Anexo D Foto: Eduardo Amorim Data: 27/6/2013



Anexo D Foto: Lorena Maniçoba Data: 25/6/2013



Anexo D Foto: Lorena Maniçoba Data: 25/6/2013



Anexo D Foto: Lorena Maniçoba Data: 25/6/2013



Anexo D Foto: Anderson Freire Data: 17/2/2014



Anexo D Foto: Anderson Freire Data: 17/2/2014



Anexo D Foto: Anderson Freire Data: 17/2/2014